

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Daniela dos Santos Barbosa

A construção do fato noticioso na reportagem: do jornal para a revista

Mestrado em Língua Portuguesa

São Paulo
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Daniela dos Santos Barbosa

A construção do fato noticioso na reportagem: do jornal para a revista

Mestrado em Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

São Paulo
2020

B238 Barbosa, Daniela dos Santos
 A construção do fato noticioso na reportagem: do jornal para a revista /
Daniela dos Santos Barbosa. - São Paulo: [s.n.], 2020.
 128p. ; 21x28 cm.

 Orientador: Regina Célia Pagliuchi da Silveira.
Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) -- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua
Portuguesa, 2020.

 1. Notícia. 2. Reportagem. 3. Discurso jornalístico. 4. Gêneros textuais.
I. Silveira, Regina Célia Pagliuchi da. II. Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua
Portuguesa. III. Título.

CDD 460

Banca Examinadora

Às minhas filhas, Maria Luiza e Valentina,
amores da minha vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001.

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
- Finance Code 001.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pai maior, Oxalá, e à minha mãe Iansã que nos momentos de desespero me mostraram que fé é bálsamo.

Às minhas filhas, Maria Luiza e Valentina, que nas horas de angústia acalmaram meu coração com abraços apertados.

Ao Gustavo, meu parceiro, que muitas vezes precisou ser pai e mãe para que eu pudesse concluir esta pesquisa.

Aos meus pais pela vida e pelo apoio sempre incondicional nos caminhos que escolho seguir.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira, pelo acolhimento, generosidade, paciência e todo ensinamento.

À Profa. Dra. Sueli Marquesi por ser inspiração e sugerir melhorias significativas para esta pesquisa.

À Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos pelas contribuições generosas para o aperfeiçoamento deste estudo.

À minha amiga Lidiane, presente deste Mestrado, que me ajudou com palavras de incentivo e coragem no processo de escrita desta dissertação.

A todos os professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP pelo convívio e pelos valiosos aprendizados.

À CAPES e à Fundação São Paulo (FUNDASP) pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esta dissertação tem por tema a construção do fato noticioso a partir do gênero reportagem. Para abordá-lo, está situada nas bases teóricas da Análise Crítica do Discurso, mais especificamente em sua vertente Sociocognitiva, e da Linguística Textual, em um percurso multidisciplinar. O objetivo geral é contribuir com estudos sobre gêneros textuais do discurso jornalístico, verificando como um fato noticioso é construído em uma reportagem, e os objetivos específicos são: a) identificar as diferenças entre os gêneros notícia e reportagem a partir das análises dos textos-reduzidos: manchete e linha fina; b) verificar quais as estratégias utilizadas para que um fato noticioso seja transformado em uma reportagem a partir da construção do *lead*; c) comparar, nos gêneros reportagem e notícia, as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo; e d) conferir os elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos nos mesmos gêneros. O *corpus* de análise deste estudo foi constituído a partir de textos coletados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* e nas revistas *Isto é* e *Época* e é composto por textos-reduzidos de notícias e reportagens que têm como tema assuntos políticos. A metodologia adotada é a qualitativa com procedimento teórico-analítico. E os resultados obtidos indicam que: a) as manchetes e linhas finas das notícias e reportagens, embora tratem do mesmo assunto, são construídas a partir de objetivos diferentes, enquanto os textos-reduzidos das notícias são informativos, os das reportagens opinativos; b) os *leads* também possuem estratégias de construções e propósitos distintos; c) as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* são mais usuais no gênero notícia e o sensacionalismo, embora seja usado como estratégia na construção das notícias, é mais evidente no gênero reportagem; e d) os elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e das reportagens se repetem na maioria das vezes, ou seja, a notícia e a reportagem possuem a mesma estrutura.

Palavras-chave: notícia; reportagem; discurso jornalístico; gêneros textuais; textos-reduzidos.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the construction of the news fact from the report. To approach it, it is situated on the theoretical bases of Critical Discourse Analysis, more specifically in its Sociocognitive aspect, and Textual Linguistics, in a multidisciplinary path. The general objective is to contribute with studies on textual genres of journalistic discourse, verifying how a news fact is constructed in a report, and the specific objectives are: a) to identify the differences between the news and report genres from the analysis of short texts : headline and thin line; b) verify which strategies are used so that a news event is transformed into a story based on the construction of the lead; c) compare, in the reportage and news genres, the semantic categories *Unusual* and *Present* and the sensationalism; and d) check the elements that organize the composition of reduced texts in the same genres. The corpus of analysis of this study was constituted from texts collected in the newspapers *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S. Paulo* and in the magazines *Isto é* and *Época* and is composed of short texts of news and reports that have as subjects politicians. The adopted methodology is qualitative with theoretical-analytical procedure. And the results obtained indicate that: a) the headlines and fine lines of the news and reports, although they deal with the same subject, are built from different objectives, while the short texts of the news are informative, those of the opinionated reports; b) the leads also have different construction strategies and purposes; c) the semantic categories *Unusual* and *Present* are more common in the news genre and sensationalism, although it is used as a strategy in the construction of news, is more evident in the report genre; and d) the elements that make up the short texts of the news and reports are repeated most of the time, that is, the news and report have the same structure.

Keywords: news; reporting; journalistic discourse; textual genres; reduced texts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Teorias do discurso e do texto	17
1.1 – Análise Crítica do Discurso (ACD)	17
1.1.1 – Os contextos do discurso.....	18
1.1.2 – A vertente Sociocognitiva	21
1.2 – A Linguística Textual (LT)	23
1.2.1 – As fases iniciais da LT.	23
1.2.2 – Perspectiva Pragmática	24
1.2.3 – Perspectiva Cognitivista.....	26
1.2.4 – Perspectiva Sociocognitivo-interacionista	27
1.3 – Esquemas de composição textual.....	28
CAPÍTULO 2 – O discurso jornalístico e os gêneros notícia e reportagem	30
2.1 – O discurso jornalístico.....	30
2.1.1 – Estratégias de construção do discurso jornalístico	31
2.1.2 – O discurso sensacionalista	32
2.2 – Gêneros textuais	34
2.2.1 – Os gêneros notícia e reportagem.....	39
2.2.2 – A composição textual da notícia	40
2.2.3 – A composição textual da reportagem.....	42
CAPÍTULO 3 - A indústria jornalística no Brasil	46
3.1 – Aspectos históricos da indústria jornalística no Brasil.....	46
3.2 – Apresentação dos títulos analisados.....	48
3.2.1 – O Estado de S. Paulo (OESP)	49
3.2.2 – Folha de S. Paulo (FSP)	51
3.2.3 – Isto é	54
3.2.4 – Época.....	56
CAPÍTULO 4 – Análises e discussões	58
4.1 – Construção do <i>corpus</i>	58
4.2 – Procedimentos da análise	58
4.3 – Análises	60
4.3.1 – Carta enviada pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas	60

4.3.2 – Encontro entre o presidente Jair Bolsonaro e o presidente americano Donald Trump	71
4.3.3 – Prisão do ex-presidente Michel Temer investigado por corrupção	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa texto e discurso nas modalidades oral e escrita do Programa de Estudo Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e está fundamentada, em um percurso multidisciplinar, nas teorias da Análise Crítica do Discurso e sua vertente Sociocognitiva e da Linguística Textual em um percurso multidisciplinar.

O estudo tem por tema a construção do fato noticioso a partir da reportagem, e como sabe-se que, muitas vezes, os assuntos tratados neste gênero nascem de um fato já representado anteriormente em uma notícia, ambos os gêneros textuais do discurso jornalístico, a notícia e a reportagem de jornais e revistas impressos, são objetos de pesquisa considerados nesta investigação.

A partir dessa consideração, esta pesquisa tem por objetivo geral contribuir com estudos sobre gêneros textuais do discurso jornalístico e, por objetivos específicos:

- a) Identificar as diferenças entre os gêneros notícia e reportagem a partir das análises dos textos-reduzidos: manchete e linha fina
- b) Verificar quais as estratégias utilizadas para que um fato noticioso seja transformado em uma reportagem a partir da construção do *lead*¹;
- c) Comparar as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo presentes nas notícias e reportagens;
- d) Conferir os elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos das notícias e das reportagens.

Sabe-se que são diversos os gêneros do discurso jornalístico. Entre eles, a notícia e a reportagem se destacam, no entanto, esses dois gêneros são distintos e possuem características textuais e estratégias de construção discursivas diferentes. Por um lado, a notícia busca relatar de maneira fidedigna – com começo, meio e fim – um fato, ou seja, narrar um acontecimento. Por outro, a reportagem busca outros

¹ Relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas: o quê, quem, como, onde e por quê [...] (PENA, 2005, p. 41).

elementos que possam tratar dos fatos de uma forma menos rigorosa, mais liberta e ao mesmo tempo atrativa como forma de compensar não ter mais o novo a seu favor.

A notícia consiste em um tipo especial de narrativa que se diferencia das narrativas cotidianas, como as conversas, as histórias de livros infantis e os romances (VAN DIJK, 1990). Ela é considerada uma narrativa que pertence ao discurso da mídia de massa e, por isso, tem por características ser uma narrativa pontual construída por episódios que são encadeados diariamente em um jornal até que o assunto se finde e o público-leitor perca o interesse.

Já a reportagem possui um estilo menos rígido quando comparado com o da notícia, ou seja, ela varia de acordo com o veículo, o público e o assunto tratado. Ainda assim, Lage (1987) aponta que, na reportagem, as informações podem ser dispostas por ordem decrescente de importância, e que, nela, também é aceitável narrar uma história como um conto ou um fragmento de um romance, mas a preocupação não está em construir uma narrativa, uma vez que o público-leitor já conhece a história.

Para além das diferenças, há um elemento que aproxima os dois gêneros, que é, na prática, estabelecido a partir da pauta: o assunto tratado. No entanto, quando se compara a dimensão dos temas tratados pelas notícias diárias à das reportagens, percebe-se que são seletos os fatos noticiosos daquelas que são abordados por estas últimas. De acordo com Lage (1987), depende do teor e da importância do acontecimento tratado por uma notícia para que o fato noticioso seja abordado em uma reportagem, entretanto a abordagem não segue os mesmos propósitos estabelecidos na construção da primeira.

Dado o que foi exposto até aqui, este estudo destaca a construção do fato noticioso na reportagem confrontando este gênero textual com o gênero textual notícia a partir das análises dos seus textos-reduzidos, a saber: manchete, linha fina e *lead*, em notícias e reportagem que abordam o mesmo assunto.

Para realizar este estudo, recorre-se ao proposto por Guimarães (1999), Paula (2008) e Saraiva (2016) que afirmam que todo fato que é retratado por uma notícia ou por uma reportagem pode ser guiado pelas categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade*, considerando *Inusitado*: aquilo que não é conhecido pelo leitor, o que normalmente não é usual; e *Atualidade*: o que acabou de acontecer, o que é atual. Essas categorias são usadas com mais frequência como estratégias de construção

da notícia, uma vez que os fatos são tratados normalmente por um jornal impresso um dia após o ocorrido. Já a construção da reportagem de revista, embora utilize o Inusitado como categoria semântica para a construção de seus textos, vale-se de outras estratégias, priorizando textos mais opinativos, pois entende-se que a informação em si já é conhecida pelo público-leitor.

Os resultados obtidos nesta pesquisa reforçam a tese defendida por Saraiva (2016) de que a reportagem, quando comparada com a notícia, é um gênero textual considerado opinativo; e corroboram a hipótese discutida por Paula (2017) de que o discurso jornalístico, independente do gênero, se vale do sensacionalismo para a construção dos seus textos, pois é a informação impactante que faz com que um jornal ou uma revista se torne atrativo e vendável.

Esta dissertação está fundamentada nas teorias da Análise Crítica do Discurso (ACD), mais especificamente em sua vertente Sociocognitiva, e da Linguística Textual (LT), em um percurso multidisciplinar, e parte do seguinte pressuposto: a linguagem é uma ação social que pode influenciar o modo de agir das pessoas no mundo.

De acordo com Fairclough (2016), considerado um dos precursores da ACD, a prática discursiva – além de contribuir para reproduzir identidades e relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças na sociedade – contribui para transformá-la. Como prática social, o discurso pode ter orientações política, econômica, cultural e ideológica. O autor sugere que o discurso tem a capacidade de naturalizar, manter e transformar os significados do mundo nas diversas relações de poder quando age como prática ideológica. Em consonância, Saraiva (2016) defende que o discurso jornalístico procura atuar a partir da perspectiva ideológica e consegue, apresentando suas ideologias, construir a opinião do público-leitor, interferindo assim nas suas cognições sociais.

O discurso jornalístico, então, se vale de diferentes estratégias de construção e, segundo van Dijk (1992), maior expoente da vertente Sociocognitiva da ACD, pode ser analisado a partir das estratégias utilizadas pelas categorias Poder, Controle e Acesso. Essas categorias agrupam seus participantes, suas funções e suas ações: o Poder pode ser representado pelos donos do jornal, que impõem suas ideologias e têm o comando nas tomadas de decisões; o Controle é constituído por participantes contratados pela categoria Poder e são responsáveis por conceber as ideologias defendidas pelo Poder nos discursos construídos. São representados por redatores,

repórteres, editores e diretores de redação. Já a categoria Acesso agrupa participantes que ajudam na formalização e distribuição do discurso ao público leitor, como o diagramador e o revisor final.

Van Dijk (2017), ao tratar do discurso, destaca também a importância dos contextos na produção e na compreensão dos textos e que algumas dimensões do discurso são controladas por estruturas contextuais e tais dimensões podem influenciar os modelos de contextos dos participantes e suas reais interpretações sobre o fato. O autor sugere que, por trás da construção do discurso de uma notícia ou de uma reportagem, existe um modelo provisório de contexto que leva em consideração diferentes aspectos, entre eles as ideologias das empresas de mídia presentes no discurso.

Sob a ótica da ACD, pode-se afirmar que o discurso jornalístico é uma prática social concretizada a partir de esquemas mentais que englobam os interlocutores, suas colocações e seus atos, ele tem forte influência sobre o modo de atuação das pessoas no mundo, ou seja, é um discurso que confere ideologias e tem a capacidade de intervir no modo de pensar dos indivíduos.

Em adição a esta ótima, este estudo também se vale das contribuições da Linguística Textual para a análise do texto, configurando, assim, um percurso multidisciplinar. Esta união teórica se justifica, pois, segundo Kock (2017), a abordagem interacionista da LT considera, assim como a ACD, a linguagem uma ação em que os sujeitos são os próprios atores responsáveis pelas construções sociais. De acordo com a autora, as ações verbais não devem ser entendidas como autônomas, livres e iguais. Elas acontecem dentro de contextos sociais com finalidades e papéis socialmente distribuídos, por isso os gêneros não podem ser considerados neutros quando analisados dentro de um contexto social, ou seja, a sua construção é dotada de intenções.

É preciso também levar em consideração o uso social dos textos jornalísticos, uma vez que tal uso possibilita que o público-leitor reconheça, a partir da organização textual de uma notícia ou de uma reportagem, um determinado discurso.

As notícias e reportagens costumam seguir padrões comunicativos, esses padrões, de acordo com Silveira (2012), ajudam o escritor, de forma antecipada, a saber quais serão as reações das pessoas diante de um determinado discurso, sendo

assim, pode-se dizer que uma notícia ou uma reportagem já é construída esperando intencionalmente uma determinada reação do público-leitor.

A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa com procedimento teórico-analítico. O material que compõe o *corpus* é composto por 11 textos, sendo seis notícias, coletadas dos jornais o *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, e cinco reportagens, retiradas das revistas *Isto é* e *Época*, coletados entre os meses de fevereiro e março de 2019.

Para a análise, foram selecionadas notícias e reportagens que abordam o mesmo assunto e que têm como foco acontecimentos políticos aleatórios, repercutidos pela mídia na época em que eles ocorreram.

A escolha por textos sobre política se justifica principalmente pelo fato de o Brasil viver um momento político peculiar e, ao mesmo tempo, instável. Desde a eleição presidencial de 2014, a polarização política, que sempre existiu no país, vem ganhado força e intensificado os debates. A mídia, como formadora de opinião, tem papel fundamental na condução desse cenário.

As análises seguem as seguintes etapas:

1. Seleção de notícias e reportagens a partir de um mesmo fato noticioso, ou seja, foram coletadas notícias e reportagens que abordam o mesmo acontecimento;
2. Comparação das manchetes e das linhas finas das notícias e reportagens, além de suas respectivas chamadas de capa. A análise foi feita a partir das escolhas lexicais utilizadas pelos jornais e revistas e pelo valor atribuído ao fato dado pelos veículos – se positivo ou negativo;
3. Estratégias utilizadas para construção dos *leads* das reportagens, verificando o que foi mantido, o que foi cancelado e o que foi acrescido no primeiro parágrafo dos textos selecionados;
4. Verificação se as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade*, além do sensacionalismo foram usadas como estratégias de construção dos textos-reduzidos das notícias e reportagens a partir mais uma vez da seleção lexical, constatando assim se o lícito foi transformado em ilícito;

5. Confronto dos elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos das notícias e reportagens a fim de comprovar se as estruturas se repetem ou não nos textos-reduzidos.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, sendo eles:

Capítulo 1: Teorias do discurso e do texto

No primeiro capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos da vertente Sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso e os pressupostos teóricos da Linguística Textual, em um percurso multidisciplinar.

Capítulo 2: O discurso jornalístico e os gêneros notícia e reportagem

No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos pertinentes às estratégias de construção do discurso jornalístico e às definições sobre os gêneros textuais notícia e reportagem.

Capítulo 3: A indústria jornalística no Brasil

No terceiro capítulo, são apresentados os aspectos históricos da indústria jornalística no Brasil e o perfil dos jornais e revistas analisados nesta pesquisa.

Capítulo 4: Análises e discussões

E no último capítulo, são apresentadas as análises e as discussões do material analisado neste estudo.

Por fim, as considerações finais, as referências e os anexos são apresentados.

CAPÍTULO 1

Teorias do discurso e do texto

Neste capítulo são abordadas as teorias da Análise Crítica do Discurso, com ênfase para a vertente Sociocognitiva, e da Linguística Textual, em um percurso multidisciplinar.

A abordagem dessas teorias parte do pressuposto de que o discurso é uma ação social, que pode influenciar o modo de agir das pessoas no mundo, e se constrói a partir de estratégias sociais, cognitivas e interacionais. Dessa maneira, percebe-se que o discurso jornalístico, como um discurso institucionalizado, é usado para influenciar as pessoas e formar a opinião pública.

1.1 – Análise Crítica do Discurso (ACD)

O conceito de crítica foi estabelecido por pesquisadores da Escola de Frankfurt na década de 1960. Tal conceito influenciou o campo da ciência voltado para as pesquisas em torno da linguagem, dando origem à Linguística Crítica (LC), que surgiu no Reino Unido e na Austrália no final da década de 1970.

Embora a LC tenha se desenvolvido entre as décadas de 60 e 70 do século XX, o termo Análise Crítica do Discurso (ACD) foi usado pela primeira vez pelo britânico Norman Fairclough, é considerado um dos precursores da ACD, em meados da década de 1980 com a escrita de um artigo publicado pela revista acadêmica *Journal of Pragmatics*. Foi somente no início dos anos 1990, no entanto, que o termo ganhou força como teoria da linguagem, tal impulso se deu após um encontro entre o Fairclough, van Dijk, Ruth Wodak e outros linguistas em um simpósio ocorrido em Amsterdã, na Holanda, em janeiro de 1991.

Antes, no entanto, de apresentar a ACD, uma das fundamentações teóricas que embasam esta dissertação, vale destacar os conceitos e as categorias que definem o termo discurso.

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. [...] Implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 94-95).

De acordo com Fairclough (2016), existe uma relação dialética entre discurso e estrutura social, uma vez que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e a interação entre os dois se dá em diversos níveis. Por causa dessa dialética, é possível afirmar que o “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Desse modo, verifica-se que o discurso é uma prática social que, assim como as práticas sociais citadas por Fairclough (2016), engloba ações, sujeitos, relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores e estruturas sociais. Assim, pode-se compreender que as práticas podem ser consideradas entidades organizacionais intermediárias entre estruturas e eventos. E, ao deter-se, especificamente, sobre a organização da prática discursiva, constata-se que ela envolve “processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 111).

Diante de tais esclarecimentos, é possível afirmar que os diferentes textos que existem são produzidos a partir dos fatores sociais que os cercam. Segundo Fairclough (2016), um artigo de jornal, por exemplo, é elaborado mediante a rotina de natureza coletiva de um grupo cujas pessoas estão envolvidas nas mais variadas práticas de produção, que vão desde o acesso a fontes, à escrita do artigo de fato e a sua distribuição.

Esse grupo de pessoas, segundo Paula (2008), ajuda no funcionamento do discurso jornalístico, como uma máquina que precisa de engrenagens e de mão-de-obra para funcionar, “cada um em seu setor sendo cada um submetido às restrições e a regras que fazem com que o resultado do produto final ultrapasse a intenção particular de cada um” (PAULA, 2008, p. 36). Desse modo, há todo um contexto que permite que a função do discurso jornalístico se cumpra, que é, acima de tudo, formar a opinião pública.

1.1.1 – Os contextos do discurso

Ao falar sobre discurso, é importante destacar a importância dos contextos na produção e compreensão dos textos escritos e falados, uma vez que algumas

dimensões do discurso são controladas por estruturas contextuais, enquanto outras “dimensões podem, por sua vez, influenciar os modelos de contextos dos participantes, isto é, sua interpretação do evento comunicativo em curso” (VAN DIJK, 2017, p. 159).

Para van Dijk (2017), a noção de contexto deve sempre ser usada para indicar que algum fenômeno, evento, ação ou discurso precisa ser estudado em relação ao seu ambiente, ou seja, a partir das condições e das consequências que estão em seu entorno. Sendo assim, o contexto relacionado ao discurso não ajuda apenas a descrever, como também a explicar a ocorrência dos fenômenos, uma vez que “não compreendemos corretamente os fenômenos complexos sem compreender seu contexto” (VAN DIJK, 2017, p. 20).

O contexto relacionado ao discurso, defende van Dijk (2017), tem a ver com modelos mentais de situações comunicativas sociais, nos quais é imprescindível que existam elementos cognitivos. Vale destacar, ainda de acordo com o autor, que as situações comunicativas não se diferenciam somente por informações sobre ambientes, participantes e suas ações, elas precisam representar intenções, propósitos, conhecimentos e outras propriedades mentais.

Usando como exemplo o discurso jornalístico, objeto de pesquisa desta dissertação, van Dijk (2017) sugere que, ao iniciar a produção do discurso envolvida na redação de uma notícia, qualquer jornalista já tem à sua disposição, pronto, um modelo provisório de contexto em que constam diferentes aspectos, como:

- ✓ o ambiente corrente (tempo/data – prazo – localização);
- ✓ possíveis materiais de apoio (por exemplo, um computador [...] para escrever ou para ser usado nas buscas da internet [...]);
- ✓ identidades relevantes no momento, comunicativas ou sociais (repórter, empregado do jornal X, cidadãos [...]);
- ✓ relações com outros participantes (por exemplo, uma relação de subordinação com o editor-chefe de notícias internacionais);
- ✓ conhecimento recente a respeito de eventos internacionais dignos de serem noticiados;
- ✓ conhecimento contextual sobre aquilo que já foi noticiado sobre o evento [...] sobre aquilo que os leitores (possivelmente) já sabem;
- ✓ conhecimento contextual sobre o conhecimento sociocultural dos leitores;
- ✓ conhecimento sociocultural aplicado às propriedades gerais de eventos novos;
- ✓ conhecimento profissional aplicado a como se escrevem notícias;
- ✓ atitudes profissionais aplicadas e ideologias compartilhadas com outros repórteres;
- ✓ atitudes sociais aplicadas e ideologias acerca deste tipo de evento internacional;

- ✓ ideologias profissionais enquanto jornalista;
- ✓ intenção de escrever uma reportagem de notícias;
- ✓ propósito de informar os leitores do jornal X;
- ✓ emoções sobre o evento noticiado;
- ✓ emoções sobre aspectos dos componentes do contexto corrente (numa entrevista, a relação com o editor etc.) (VAN DIJK, 2017, p. 149-150).

Os aspectos listados acima indicam que o jornalista responsável pela escrita de uma matéria possui um modelo de contexto que irá controlar a sua redação com normas e valores profissionais, que vão desde a seleção do assunto a ser tratado, à formulação da manchete, isto é, as escolhas das palavras usadas no título até a estrutura do texto, com a escolha do que será usado em primeiro e em segundo plano.

Para van Dijk (2017), o modelo de contexto pode ser considerado uma interface, ou seja, um dispositivo de transformação responsável pela filtragem, pela seleção e pela recontextualização do fato transformado em texto jornalístico. O autor defende que “a norma jornalística geral é contar apenas aquilo que é considerado digno de ser noticiado de acordo com as normas e os valores dos jornalistas, eles próprios controlados por ideologias sociais e profissionais” (VAN DIJK, 2017, p. 151).

Assim sendo, ainda segundo van Dijk (2017), o contexto pode ser considerado o primeiro mecanismo de controle do discurso, uma vez que o a empresa-jornal pode decidir, a partir da categoria contexto, quem, quando, onde e com que propósito participa de um evento comunicativo. O controle que o contexto exerce sobre a construção de um texto jornalístico diz respeito ao acesso que é regulado por quem está no poder.

Como, então, verifica-se que as questões de poder são relevantes para o trabalho com o discurso jornalístico, a fundamentação teórica da ACD faz-se necessária, uma vez que a ACD é uma teoria que tem como missão realizar investigações analíticas do discurso com foco no combate ao abuso de poder, à dominação e às desigualdades sociais. Não à toa, os estudiosos que trabalham com as vertentes teóricas da ACD analisam principalmente textos que pertencem a discursos públicos e institucionalizados, como o político, o religioso e o discurso da mídia.”

Entre as vertentes da ACD, destacam-se duas: a Social e a Sociocognitiva. A primeira concentra-se na relação entre discurso e prática social, enquanto a segunda,

que tem van Dijk como maior representante, propõe uma visão crítica da ACD realizada a partir de três categorias: *discurso*, *sociedade* e *cognição*.

1.1.2 – A vertente Sociocognitiva

Os primeiros fundamentos da ACD são oriundos da Teoria Crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt nas primeiras décadas do século XX. Segundo van Dijk (2018), a ACD pode ser entendida como uma reação contra os paradigmas formais dominantes. Trata-se de uma teoria que oferece uma perspectiva diferente de teorização, análise e aplicação do discurso. O autor elenca uma série de requisitos que a investigação crítica do discurso precisa cumprir para alcançar seus objetivos e destaca que a ACD “concentra-se principalmente em problemas sociais [...]. Em vez de meramente descrever estruturas do discurso, a ACD procura explicá-las em termos das propriedades da interação social e especialmente da estrutura social” (VAN DIJK, 2018, p. 114-115).

Fairclough e Wodak (1997) elencam os principais fundamentos da ACD, resumindo-os em:

- ✓ A ACD aborda problemas sociais;
- ✓ As relações de poder são discursivas;
- ✓ O discurso constitui a sociedade e a cultura;
- ✓ O discurso realiza um trabalho ideológico;
- ✓ O discurso é histórico;
- ✓ A relação entre texto e sociedade é mediada;
- ✓ A análise do discurso é interpretativa e explanatória;
- ✓ O discurso é uma forma de ação social (FAIRCLOUGH e WODAK, 1997, *apud* VAN DIJK, 2018, p. 115).

Vale destacar que a ACD não se desenvolve apenas por uma vertente teórica, existem diferentes vertentes com pontos de vistas teóricos e analíticos variados. A vertente Sociocognitiva explorada por van Dijk (1997), por exemplo, propõe que a análise de um discurso seja feita a partir de três categorias: *discurso*, *sociedade* e *cognição*.

Discurso, como apresentado na subseção anterior, é uma prática social concretizada a partir de esquemas mentais e engloba os sujeitos, suas colocações e seus atos. Já *sociedade* é entendida como grupo de pessoas com interesses e objetivos comuns, enquanto *cognição*, uma categoria mais complexa, é, para van Dijk (2013, p. 15), a capacidade para compreender acontecimentos ou eventos discursivos a partir de representações mentais significativas, construídas sobre um conhecimento

mais geral sobre um determinado acontecimento. Ainda de acordo com van Dijk (2017), a compreensão de um determinado evento não depende apenas de processamento e interpretações de informações exteriores, como também de informações internas e cognitivas.

Segundo van Dijk (2017), existem modelos mentais, chamados de “modelos de situação”, que ajudam a explicar como uma pessoa consegue compreender um discurso, ou seja, “além da representação do sentido de um texto, os usuários de uma língua também constroem modelos mentais dos eventos que são assunto desses textos, isto é, a situação que eles têm como denotação ou referência” (VAN DIJK, 2017, p. 90). Isso quer dizer que, para que um texto seja considerado coerente, os usuários de uma língua devem ser capazes de arquitetar modelos mentais dos fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo, ou seja, os sujeitos da interação devem ter a competência de relacionar tais fatos aos modelos mentais que eles já possuem, estabelecendo relações de temporalidade ou de causalidade. Tais modelos mentais são responsáveis pelos efeitos de sentido e de interpretação.

Uma das muitas propriedades fundamentais dos modelos mentais é serem pessoalmente único e subjetivos. Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam e constroem cada um a seu modo esses eventos [...] em função de objetivos pessoais, conhecimentos e experiências prévias – ou em função de outros aspectos do “contexto” (VAN DIJK, 2017, p. 92).

As estratégias de produção então, de acordo com van Dijk (2013), quando se trata de modelos relacionados à cognição, devem ser consideradas, pois tanto quem produz um texto quanto quem recebe um texto possui compreensões distintas sobre ele. Por um lado, o leitor pode entender um texto de diferentes maneiras, ou seja, a interpretação não é única; por outro, quem escreve possui um esquema de discurso por trás da intenção do seu texto. Sendo assim, cabe a quem escreve um texto, a partir de um plano semântico, a construção da coerência, isto é, compete a ele utilizar na construção do discurso elementos de conhecimento geral, entre eles, elementos de modelo situacional que tenham a ver com o perfil do leitor, seus conhecimentos, motivações, ações vividas, intenções e o contexto de comunicação.

A tarefa de quem constrói o discurso se resume em produzir uma base textual em diferentes níveis, que se materializa por meio de informações explícitas e implícitas, pela coerência e pela construção de dados semânticos, pragmáticos e de contexto. Por isso, van Dijk (2018) aponta que o discurso é um meio de controle social

e quem controla o discurso, controla, conseqüentemente, sua produção, de modo que “o poder é exercido e expresso diretamente por meio do acesso diferenciado aos vários gêneros, conteúdos e estilos do discurso” (VAN DIJK, 2018, p. 44).

Van Dijk (2018) destaca que a relação entre poder e o discurso tem a ver com o poder social, ou seja, aquele exercido por um grupo ou uma organização, e não o poder individual. Normalmente, o poder social pertence a diferentes domínios sociais, como a política ou mídia, controlados por grupos de elite, por isso, é possível afirmar que tanto o poder quanto a dominância a qual ele pertence são institucionalizados.

Pode-se concluir que a ACD, a partir da sua vertente Sociocognitiva, analisa os textos orais e escritos das esferas sociais e institucionais, demonstrando como, por trás de um discurso, existem intenções de poder e dominação, ou seja, de controle social.

1.2 – A Linguística Textual (LT)

As teorias da Linguística Textual abordadas neste estudo partem de uma perspectiva multidisciplinar e, por isso, é importante retomar as diferentes fases percorridas pela LT desde a sua origem até os dias atuais.

1.2.1 – As fases iniciais da LT

A Linguística Textual, desde as suas origens na segunda metade da década de 60 do século XX, passa por diferentes momentos. O primeiro deles, segundo Kock (2017), se preocupa com o sistema gramatical da língua, “cujo uso garantiria duas ou mais sequências o estatuto de texto” (KOCK, 2017, p. 19). Nessa fase, denominada de Interfrástica, a LT se atém a analisar os mecanismos que ligavam uma frase a outra dando sentido ao texto e a estudar fenômenos presentes nos textos que ajudavam na construção de seus sentidos, como a correferenciação, a sequencialização e a pronominalização, ou seja, como o léxico se organizava gramaticalmente para dar sentido ao texto.

Nesse momento, o estudo das relações referenciais limitava-se, em geral, aos processos correferenciais (anafóricos e catafóricos), operantes entre dois ou mais elementos textuais [...]. Pouco se mencionavam, ainda, os fenômenos remissivos não correferenciais, as anáforas associativas e indiretas, a dêixis textuais e outros que hoje constituem alguns dos principais objetos de estudo da Linguística Textual (KOCK, 2017, p. 20).

É na primeira fase da LT, de acordo com Kock (2017), que surge também a necessidade de alguns linguistas – com formação gerativista – de desenvolver as gramáticas textuais, que tinham como principal objetivo explicar categorias e regras de combinação entre texto e língua, dando início à segunda fase da LT, denominada de Gramáticas de Texto. Essa fase persegue algumas tarefas básicas, que, segundo Kock (2017), se resumem em:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela coerência, as condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantar critérios para delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais;
- c) diferenciar as várias espécies de textos (KOCK, 2017, p. 21).

Dentro das Gramáticas de Texto, os aspectos semânticos também são considerados. Dressler (1970, 1972, *apud* KOCK, 2017), por exemplo, defende que cabe à semântica explicar a representação da estrutura do significado de um texto ou de um segmento que vai além do significado das frases analisadas isoladamente.

Em determinado momento, no entanto, entendeu-se que não havia regras finitas para a construção dos textos e é a partir desse momento a Linguística Textual inicia uma nova fase de seu percurso.

1.2.2 – Perspectiva Pragmática

A terceira fase da LT é denominada de Teoria do Texto e inclui, inicialmente, a pragmática em suas pesquisas. A perspectiva Pragmática tem início na década de 1970 e deixa de lado a abordagem sintático-semântica das primeiras fases da LT, passando a considerar o texto a partir de um contexto pragmático, nesse caso, o texto deixa de ser visto como produto e passa a ser estudado como processo. É nesse novo momento que a LT, segundo Kock (2017), ganha uma nova dimensão: “já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas, sim, o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta” (KOCK, 2017, p. 27).

A partir do momento em que o texto começa a ser visto como um processo e não mais como um produto, alguns pressupostos passam a reger os estudos da LT. Heinemann e Viehweger (1991, *apud* KOCK, 2017, p. 31) resumem os pressupostos desse período em cinco: a) o uso da língua significa realizar ação verbal, que é considerada uma atividade social; b) a ação verbal é também uma ação social guiada

por regras sociais; c) os textos são resultados das ações verbais e têm ligação com a estrutura proposicional dos enunciados; d) para concretizar a ação verbal existem diversos meios verbais disponíveis que são escolhidos e organizados a partir de uma hierarquia; e) os textos deixam de ser produto e passam a ser processos.

Se o texto é um processo, não apenas um amontoado de frases, e se, para a construção de seu sentido, diferentes conhecimentos precisam ser levados em consideração e ativados, é preciso identificar os princípios que contribuem para a sua realização. Beaugrande & Dressler (1981, *apud* KOCH, 2017) estabelecem sete princípios de textualidade indispensáveis para o processamento textual, sendo eles: coesão e coerência, princípios considerados de natureza linguística e conceitual; intencionalidade; aceitabilidade; informatividade; situacionalidade e intertextualidade, esses últimos considerados elementos de natureza social e pragmática. Cada um desses princípios, são explicados na sequência.

Pelo primeiro princípio de textualidade, a *coesão*, entende-se a maneira como os elementos linguísticos presentes em um texto se relacionam, ou seja, como tais elementos estão conectados por meio dos variados recursos linguísticos existentes em uma língua. Koch (2017) afirma que existem dois tipos de recursos coesivos: a coesão referencial e a coesão sequencial. A referencial diz respeito a mecanismos de repetição de um referente textual a fim de que um texto possa progredir e, ao mesmo tempo, seu tema ser mantido, já a sequencial engloba os mecanismos de sequenciação presentes em uma língua.

O segundo princípio de textualidade, a *coerência*, segundo Beaugrande & Dressler (1981, *apud* KOCH, 2017), trata-se do modo como os elementos em um texto ganham sentido para quem o lê. Vale destacar, no entanto, que “a coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência, já que esta não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, numa situação interativa”. (KOCH, 2017, p. 54).

Se, por um lado, o terceiro princípio de textualidade, a *intencionalidade*, diz respeito às intenções do sujeito manifestadas por meio da linguagem, por outro, o quarto, a *aceitabilidade* é a contrapartida da intencionalidade, ou seja, diz respeito à aceitação da outra parte em estabelecer a comunicação com o emissor da mensagem.

O quinto princípio, a *informatividade*, nada mais é que a informação explorada e distribuída em um texto. De acordo com Koch (2015), é preciso que haja um equilíbrio entre informação dada e informação nova.

Um texto que contenha apenas informação conhecida caminha em círculos, é inócuo, pois falta-lhe a progressão necessária à progressão do mundo textual. Por outro lado, é cognitivamente impossível a existência de textos que contenham unicamente informação nova, visto que seriam improcessáveis, devido à falta de âncoras necessárias para o processamento (KOCH, 2017, p. 50).

O sexto princípio, a *situacionalidade*, pode caminhar em dois sentidos: o da situação para o texto e o do texto para a situação. O primeiro sentido refere-se aos fatores que tornam um texto relevante em determinada situação comunicativa, e o segundo, por sua vez, leva em consideração que um texto pode ter impacto também sobre a situação retratada, uma vez que existe uma distância entre o mundo textual e o real e quem produz um texto reconstrói tal situação a partir de seus propósitos, convicções e objetivos.

Por fim, o sétimo princípio, a *intertextualidade*, diz respeito aos diferentes tipos de relações que um texto estabelece com outros textos. Trata-se de um fator de textualidade importante para a LT, segundo Koch (2017), pois a intertextualidade faz parte da memória social ou discursiva de uma coletividade. A autora afirma existirem dois tipos de intertextualidade: a explícita, quando no próprio texto é feita a citação à fonte do intertexto; e a implícita, quando o emissor do texto espera que seu receptor reconheça a presença do outro texto sem precisar mencioná-lo.

Pode-se aferir que a LT tem como propósito estudar a formação de um bom texto. Como é possível verificar pelo exposto, na esteira de Koch (2015, 2017, 2018), o texto – a partir de ações linguísticas, cognitivas e sociais – é considerado um evento comunicativo e não apenas um aglomerado de palavras organizado em sequências, ou seja, ele não é apenas um produto, mas, acima de tudo, um processo de natureza cognitiva e interacional.

1.2.3 – Perspectiva Cognitivista

A partir dos anos 1980, a LT manifesta-se a partir de uma nova perspectiva denominada Cognitivista, que considera o texto uma ação que precisa vir acompanhada de processos cognitivos que:

[...] permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimentos dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias da produção e compreensão de textos (KOCK, 2017, p. 34).

São considerados responsáveis pelo processamento textual, de acordo com Heinemann e Viehweger (1991, *apud* KOCK, 2017, p. 35): o conhecimento linguístico, aquele que se estabelece no campo do léxico e da gramática; o conhecimento enciclopédico, aquele que concentra as informações que cada pessoa traz na memória; o conhecimento interacional, aquele que orienta certas ações por meio da linguagem, podendo ser ilocucional ou comunicacional; e, por fim, o conhecimento sobre os modelos textuais globais, em que o usuário consegue definir a que tipo ou gênero um texto pertence a partir da sua estrutura e organização.

Segundo Kock (2017), as estratégias de processamento textual implicam a mobilização de diferentes sistemas de conhecimento. “Para efeito de exposição, tais estratégias podem ser divididas em cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras” (KOCK, 2017, p. 38). Ainda de acordo com a autora, a perspectiva cognitiva da LT possibilita uma nova concepção de texto e abre caminho para novos desenvolvimentos.

1.2.4 – Perspectiva Sociocognitivo-interacionista

Se, para o cognitivismo, interessa explicar como que os conhecimentos que uma pessoa possui se estruturam em sua mente e como eles são acionados nas diversas situações em que são expostos, segundo Kock (2017), a abordagem interacionista considera a linguagem uma ação em que os sujeitos são os próprios atores responsáveis pelas construções sociais.

Kock (2017) afirma que as ações verbais não devem ser entendidas como autônomas, livres e iguais, elas acontecem dentro de contextos sociais com finalidades e papéis socialmente distribuídos, por isso, os gêneros não podem ser considerados neutros quando analisados dentro de um contexto social, ou seja, a sua construção é dotada de intenções.

As abordagens interacionistas consideram a linguagem uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função em relação ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos (KOCK, 2017, p. 43).

Diferente das demais perspectivas, assevera Koch (2017), a Sociocognitiva-Interacionista permite averiguar a própria interação e seus sujeitos, uma vez que o contexto se constrói na maioria das vezes a partir da própria interação.

Para a perspectiva Sociocognitivo-interacional, é possível afirmar que a linguagem é uma atividade interativa complexa que se realiza a partir de elementos linguísticos que fazem parte da superfície do textos e no modo em que eles são organizados, e “que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas sua reconstrução – e as dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal” (KOCK, 2017, p. 44).

1.3 – Esquemas de composição textual

Sabendo que um texto é um evento comunicativo de natureza cognitiva e interacional, e que a prática discursiva pode ser analisada a partir dos elementos da superfície e da organização textual, a análise dos textos se dá, então, a partir das noções de macroestrutura e de microestrutura, em que a primeira considera o sentido mais global da enunciação e a segunda considera as formas referenciais e gramaticais de um texto.

De acordo Kintsch e van Dijk (1983), é possível perceber que a macroestrutura é uma noção calcada no princípio de textualidade *coerência*, considerando o sentido construído a partir da expansão das informações de um texto processo por meio de inferências e da redução das informações para que se chegue ao sentido mais global. Já a microestrutura é uma noção que busca examinar a construção do enunciado a partir do princípio de textualidade *coesão*. Nesse caso, são levados em consideração as formas remissivas referenciais e gramaticais de um texto.

Além da macro e da microestrutura do texto, existem também as superestruturas textuais que, segundo Kintsch e van Dijk (1983), são definidas por categorias textuais organizadas por regras hierárquicas e normalmente remetem a modelos de memória de curto, médio e longo prazo.

Os modelos são parcialmente fabricados a partir de conhecimento pessoal existente (“velhos”). Eles são o registro cognitivo episódico de nossas experiências pessoais. [...] Temos conhecimentos sobre uma dada situação a partir de prévios eventos comunicativos. O discurso efetivo, isto é, sua representação cognitiva (que, evidentemente, pode ser fragmentária ou enviesada), de fato permite a “atualização” de velhos modelos (VAN DIJK, 2013, p. 161).

Vale ainda mencionar as diferenças entre texto produto e texto processo. O primeiro é em sua essência de natureza linguística e tem por objetivo representar por meio da língua os conteúdos responsáveis pela comunicação entre os indivíduos. Trata-se de um processo que envolve escolhas motivadas normalmente por valores e preferências. Já o segundo é em sua essência de natureza cognitiva e arquitetado por meio de memórias, que podem ser individuais e/ou coletivas, para a construção de sentido.

De acordo com van Dijk (2013), o léxico cognitivo estabelece relações conceituais que podem definir a coerência semântica de um discurso, uma vez que a “unidade intuitiva do discurso não é primariamente baseada em relações conceituais (intencionais) entre palavras ou sentenças numa sequência textual, mas antes em condições referenciais” (VAN DIJK, 2013, p. 158).

Em síntese, este capítulo apresenta os fundamentos teóricos da ACD em sua vertente Sociocognitiva, privilegiando os conceitos que norteiam como os modelos de contexto contribuem para a construção do texto jornalístico e consequentemente ajudam no principal objetivo desse discurso: o de formar a opinião pública. Já os fundamentos teóricos da LT, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, enfatizam os conceitos sobre os esquemas composicionais do texto e como tais esquemas também são usados no discurso jornalístico para influenciar pessoas.

CAPÍTULO 2

O discurso jornalístico e os gêneros notícia e reportagem

Neste capítulo são abordadas as características do discurso jornalístico e suas estratégias de produção, entre elas, as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo, além das definições sobre gêneros textuais e as diferenças das composições textuais da notícia e da reportagem.

2.1 – O discurso jornalístico

O discurso jornalístico é uma prática sócio-interacional que tem como função formar a opinião pública. Segundo van Dijk (1992), é um discurso que pode ser analisado a partir das categorias *Poder*, *Controle* e *Acesso*, que agrupam seus participantes, suas funções e suas ações.

Das três categorias de van Dijk (1992), *Poder* é aquela representada pelos donos do jornal-empresa, que impõem suas ideologias e têm o comando nas tomadas de decisões, já *Controle* é uma categoria constituída por participantes contratados pela categoria *Poder* que são responsáveis por conceber as ideologias defendidas por esta última nos discursos construídos. Esses participantes são representados por redatores, repórteres, editores e diretores de redação. Já a categoria *Acesso* agrupa os sujeitos que ajudam na formalização e distribuição do discurso ao público-leitor, como o diagramador e o revisor final.

Essas categorias, de acordo com van Dijk (2017), vão, no discurso jornalístico, corroborar para a compreensão de que algumas dimensões do discurso são controladas por estruturas contextuais, que podem influenciar os modelos de contextos dos participantes da interação e os efeitos de sentido. Van Dijk (2017) sugere que por trás da construção do discurso de uma notícia, por exemplo, existe um modelo provisório de contexto que leva em consideração diferentes aspectos, entre eles as ideologias não só dos profissionais, mas principalmente as do jornal-empresa que podem aparecer implícitas ou explícitas no discurso.

Thompson (2014) também destaca a relação do poder nas diversas formas de comunicação. Segundo o autor, a comunicação é uma forma de ação pela qual os indivíduos constituem diferentes relações uns com outros. Ele defende que a posição que um indivíduo ocupa está ligada diretamente ao seu poder de agir sobre o outro

uma vez que “poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses. A capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (THOMPSON, 2014, p. 38).

Thompson (2014) afirma que, entre os diferentes tipos de poder, os conglomerados de mídia detêm o poder simbólico e, em algumas situações, detêm também o poder econômico, uma vez que as transformações das instituições midiáticas estão atreladas, sobretudo, a interesses comerciais que visam ao lucro. O autor assevera que a escolha pelo poder cultural ou simbólico se dá, pois é o tipo de poder que influencia o curso dos acontecimentos, as ações dos outros e produz diferentes efeitos.

Sendo assim, o discurso jornalístico é uma prática social concretizada a partir de esquemas mentais que englobam pessoas, suas colocações, seus atos e tem forte influência sobre a ação das pessoas no mundo, ou seja, é um discurso que confere ideologias – implícitas ou explícitas – e tem o poder de intervir no modo de pensar de seus leitores a fim de interesses que estão por trás dos que detêm o poder de controlar os conglomerados de mídia.

2.1.1 – Estratégias de construção do discurso jornalístico

O discurso jornalístico se vale de diferentes estratégias de construção. Dentre elas, a sedução retórica ganha destaque, pois é por meio dela que as empresas de comunicação apresentam e impõem suas ideologias ao público-leitor.

Segundo Guimarães (1999), Paula (2008) e Saraiva (2016), todo fato que é retratado por uma notícia ou por uma reportagem pode ser guiado por duas categorias semânticas: *Inusitado*, ou seja, o que não é conhecido pelo leitor, o novo, o não usual, e *Atualidade*, o que acabou de acontecer, o atual.

Os acontecimentos jornalísticos são construídos pela seleção de fatos que estão acontecendo na Atualidade da publicação do jornal e que é de interesse do público para saber como o eixo narrativo está sendo desenvolvido. A categoria *Inusitado* orienta a construção do acontecimento jornalístico, pois só se publica o que não é usual, cotidiano para as cognições sociais (PAULA, 2008, p. 38).

Com o avanço das novas tecnologias e das mídias on-line, os jornais e as revistas impressas se beneficiam menos das categorias mencionadas acima. Os sites de notícias têm cumprido o papel de informar em primeira-mão o público-leitor e as

redes sociais, como Facebook e o Twitter, são usadas como ferramentas de difusão de informação. Por isso, hoje, qualquer fato que ocorre em qualquer lugar do mundo se torna conhecido em questões de minutos. Um fato é retratado em tempo real, ou seja, a informação é veiculada praticamente no instante em que ocorre o fato por meio de sites de notícia e das redes sociais, tornando, assim, o acontecimento, muitas vezes, obsoleto para ser mostrado em um jornal diário ou em uma revista de publicação semanal, quinzenal ou mensal.

No entanto, verifica-se, diferente do que se possa inferir, que este não é um fenômeno recente. O *Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de S. Paulo* (1997) já manifestava preocupação, mais de 20 anos atrás, sobre os avanços das novas tecnologias e sobre como continuar atrativo para o público-leitor e rentável como negócio diante da revolução tecnológica que estava por vir. O manual indica que nenhum texto jornalístico deve ser considerado obra acabada, pois, assim como a linguagem, ele está em constante evolução.

Para vencer essa preocupação, o jornalismo impresso precisou buscar alternativas para continuar um produto lucrativo. De acordo com Saraiva (2016), as categorias *Inusitado* e *Atualidade* não foram abandonadas pelo jornalismo impresso, elas, no entanto, foram atualizadas e caracterizadas pelo já sabido, ou seja, o público já conhece o fato e, por esse motivo, a opinião e o sensacionalismo passam a ter mais importância como estratégias de construção do discurso jornalístico.

2.1.2 – O discurso sensacionalista

Segundo Paula (2017) e Amaral (2006), o sensacionalismo tem sido utilizado como estratégia de adesão do discurso jornalístico:

O rótulo sensacionalista está ligado aos jornais e programas que privilegiam a cobertura violenta. Entretanto, o sensacionalismo pode ocorrer de várias maneiras. É possível afirmar que todo jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido. [...] Em geral, o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à extrapolação do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo pitoresco e inversão de conteúdo pela forma (AMARAL, 2006, p. 21).

De acordo com a Amaral (2006), sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, entre elas, a fragmentação da informação, a

descontextualização do fato, a ocultação de informações importantes e até o exagero em algumas situações.

Essa estratégia, no discurso jornalístico, também pode ser entendida, de acordo com Angrimani Sobrinho (1995), como tornar sensacional um fato que, em outras circunstâncias editoriais, não receberia tal tratamento. “Trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 10). Para o autor, o jornalismo sensacionalista extrapola o real, superdimensionando o fato. Ele também lembra que o termo sensacionalista, no discurso jornalístico, é sempre pejorativo e provoca a uma visão negativa, ou seja, um noticiário sensacionalista tem credibilidade duvidosa e pode reforçar a posição de descrédito do leitor em relação ao jornal ou à revista.

Já Marcondes Filho (1989) afirma que uma notícia é uma informação transformada em mercadoria, que leva em consideração todos os apelos estéticos, emocionais e sensacionais. Para o autor, o discurso jornalístico é um mecanismo de manipulação ideológica e seria ingênuo pensar que por trás da construção de uma notícia ou de uma reportagem não existam interesses dos grupos dominantes.

Além disso, colaborando com os aspectos que caracterizam o discurso jornalístico, Paula (2017) afirma que a mídia tem fácil acesso ao público e exerce importante papel na construção social da opinião, no entanto, para que um texto jornalístico se torne atrativo, o público-leitor precisa se identificar com as ideias defendidas nele.

Historicamente, existe uma preferência por informações que chocam, que impactam, que são escandalosas. Não cabe nesta pesquisa o aprofundamento sobre o tema devido a magnitude do assunto, no entanto, deve-se ressaltar que o “os escândalos são construídos e explorados pela mídia devido ao valor da notícia, ou seja, porque vendem mais” (PAULA, 2017, p. 54).

Thompson (2014) explica que os escândalos pressupõem conjuntos de normas ou expectativas que são transgredidas pelas atividades em questão e, quando são revelados, costumam ser denunciados. As transgressões, desse modo, estão diretamente ligadas a ações, acontecimentos ou circunstâncias.

Normas e expectativas variam de um contexto sócio-histórico para outro. Por isso o que conta como escândalo, e como extensão do prejuízo que ele provoca em um indivíduo ou numa administração, vai depender das normas e expectativas dominantes (THOMPSON, 2014, p. 189-190).

Segundo Paula (2017), o escândalo construído no discurso jornalístico é constituído por estratégias de tornar o lícito em ilícito, isso quer dizer que há uma inversão nos valores morais e éticos e tal inversão ajuda como meio de inclusão do leitor.

Ocorre uma inter-relação entre os modelos e esquemas sociais decorrentes do paradigma social vigente. De acordo com os paradigmas sociais vigentes e as ocorrências no mundo, temos, a partir das cognições sociais, a gradação entre o lícito e o ilícito em alguns casos da pequena infração para o crime hediondo (PAULO, 2017, 54).

O leitor não tem contato direto com o fato em sua essência, ou seja, ele não é apenas um observador do acontecimento e normalmente conhece o fato por meio de uma notícia ou uma reportagem, aceitando assim o que é imposto pelos veículos. “Logo, o fato que ocorre no mundo sofre uma série de transformações desde o seu surgimento, de forma a tornar a notícia objeto de uma interpretação” (PAULA, 2017, p. 20).

Apesar do enfoque temático, o discurso jornalístico é composto por diferentes gêneros textuais, desde um editorial, artigo, notícia e reportagem. Na sequência deste capítulo, são abordados alguns conceitos sobre gêneros textuais e as diferenças entre a composição textual da notícia e composição textual da reportagem.

2.2 – Gêneros textuais

Sabe-se que discutir o conceito de gêneros não é uma tarefa fácil, nem tampouco nova. Desde a Grécia antiga de Aristóteles buscava-se defini-los a partir da sua forma e de seu conteúdo. Defendia-se a ideia de que a fusão entre o modo recorrente como se falava um determinado conteúdo e o significado do discurso produzido por ele resultava em um gênero. De acordo com Alves Filho (2011), por muito tempo, o conceito defendido pelo filósofo grego foi aceito e pouco questionado, pois entendia-se que os gêneros serviam apenas para classificar os textos de acordo com sua estrutura composicional.

A partir do século XX, no entanto, as definições de gêneros defendidas e difundidas na Grécia antiga começaram a ser deixadas de lado, uma vez que tais

conceitos restringiam e condicionavam a escrita e a sua forma, impactando, assim, o sentido pretendido na construção de um texto. Segundo Alves Filho (2011), pensar nos gêneros como produtos estáticos e blindados a qualquer tipo de transformação é algo contraproducente, uma vez que os gêneros não podem ser encarados apenas como estrutura com forma e conteúdo.

Os gêneros textuais, como sugere Alves Filho (2011), devem ser classificados como estruturas que podem ser manipuladas tanto na sua forma como no seu conteúdo, uma vez que são seus usuários os responsáveis pelo seu uso, suas mudanças, manutenções e nomeações, ou seja, os gêneros são mutáveis, variáveis, dinâmicos, contraditórios e, muitas vezes, até irregulares. Eles se adaptam às situações e não devem ser modelos predeterminados a serem seguidos, pois se incorporam às diferentes circunstâncias vividas pelas pessoas e servem como respostas às necessidades comunicativas dos seres humanos.

Na mesma linha de pensamento, Charaudeau (2013) também rechaça a visão aristotélica que classifica de modo limitado os gêneros textuais. O autor defende que três aspectos devem ser levados em consideração para determinar um gênero: o lugar de construção de sentido do texto, o grau de generalidade das características que o definem e o modo como os textos são organizados. O primeiro aspecto diz respeito ao lugar da produção, da recepção e do produto acabado. O segundo trata das generalizações, pois é num grau menor de generalizações que estão os princípios de classificação. Já o terceiro aspecto considera essenciais os critérios que ajudam na organização do texto.

Considerando que os gêneros são flexíveis e passíveis de transformações, Bakhtin (2011) afirma que a riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas, pois são inesgotáveis as várias formas de interação entre as pessoas e, em cada campo dessa interação, o repertório de gêneros é integral, pois ele (o repertório) cresce e se diferencia na mesma proporção que se desenvolve e se complexifica.

Sendo assim, os gêneros são considerados heterogêneos e, partindo dessa extrema pluralidade, fica difícil definir a natureza geral de seus enunciados. Levando em conta tal premissa, Bakhtin sugere dividir os gêneros em primários (simples) e secundários (complexos) para melhor compreensão das suas funções e especificidades.

Os primários, de acordo com o Bakhtin (2011), podem ser entendidos como aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata. Já os secundários são compreendidos como aqueles construídos a partir das condições de convívio culturais, sendo, predominantemente, escritos e se concentram principalmente nos discursos artístico, científico, sociopolítico, entre outros.

No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários [...]. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Uma definição mais objetiva sobre gêneros os classifica como textos orais ou escritos materializados em situações comunicativas recorrentes. Segundo Marcuschi (2003), eles são os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sociocomunicativos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Para Miller (2012), os gêneros mudam, alguns evoluem e outros ainda se deterioram, por isso o número de gêneros em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade em que ele está inserido. Miller (2012) elenca cinco características particulares de gêneros para melhor compreensão de seu papel. Seriam:

- ✓ O gênero se refere a uma categoria convencional baseada na simplificação em grande escala da ação retórica. Ele, como ação, adquire significado da situação e do contexto social em que essa situação surgiu.
- ✓ Como ação significativa, o gênero é interpretável por meio de regras. Essas regras ocorrem em um nível relativamente alto de uma hierarquia de regras para interações simbólicas.
- ✓ Todo gênero é distinto de forma: forma é o termo mais geral usado em todos os níveis da hierarquia. O gênero é uma forma em um nível particular, que é a fusão de formas de níveis mais baixos e a substância característica.
- ✓ O gênero serve como a substância de formas em níveis mais altos; como padrões recorrentes do uso linguístico, os gêneros ajudam a constituir a substância da nossa vida cultural.
- ✓ E, por fim, o gênero é um meio retórico para a mediação das intenções privadas e da exigência social: ele é motivador ao ligar o privado com o público, o singular com o recorrente (MILLER, 2012, p. 39).

Já sobre os discursos presentes no gênero, Charaudeau (2013) propõe defini-los a partir do cruzamento da instância enunciativa, de um tipo de modo discursivo, de um tipo de conteúdo e de um tipo de dispositivo. Como exemplo, o autor cita os

gêneros pertencentes ao discurso jornalístico, objeto de estudo desta pesquisa, em que a instância enunciativa é caracterizada pela origem do sujeito falante e seu grau de implicação.

O modo discursivo pode ser dividido em três categorias: relato do acontecimento, comentário do acontecimento e provocação do acontecimento. Já o conteúdo temático diz respeito aos assuntos abordados nos gêneros midiáticos e suas respectivas seções. E, por fim, o dispositivo trata do tipo de suporte (imprensa, rádio e televisão) utilizado para veicular determinado texto.

Ainda sobre os gêneros pertencentes ao discurso jornalístico, Alves Filho (2011) considera essencial reconhecer que tal dinamismo e suas transformações ao longo do tempo fazem com que os gêneros se adaptem aos novos modelos e às necessidades de comunicação entre as pessoas. Alves Filho (2011) cita como modelo de metamorfose os telejornais que, décadas atrás, primavam pelo formalismo e em poucas situações os apresentadores emitiam opiniões sobre o que era noticiado. Nos dias atuais, os apresentadores dos telejornais são descontraídos, emitem suas opiniões e impressões abertamente e usam uma linguagem informal para levar a informação até as pessoas.

Considerando o exemplo citado por Alves Filho (2011) em que um gênero foi modificado a partir das transformações de construção de seus enunciados, Bakhtin (2011) defende que são eles (os enunciados) os responsáveis por refletir condições e finalidades específicas por meio do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional, por isso, os enunciados são considerados individuais e sua relativa estabilidade ajuda a classificar os gêneros.

Para Bakhtin, a diversidade das formas de gêneros do enunciado é de extrema importância, pois qualquer corrente especial de estudo precisa de uma noção exata da natureza do enunciado, ou seja, de entender o infinito universo dos gêneros e suas peculiaridades.

Por se tratar de um núcleo problemático, mas de importância ímpar, Bakhtin (2011) sugere analisar o enunciado a partir de alguns campos e problemas da linguística, como, por exemplo, a estilística, pois todo estilo está ligado ao enunciado e aos gêneros. Segundo Bakhtin, onde há estilo há gênero e “todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação

discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Bakhtin pondera, no entanto, que não são todos os gêneros que conseguem refletir tamanha individualidade, pois alguns já possuem uma forma padronizada, como documentos oficiais.

Charaudeau (2013) também elucida a noção de tipologia correlatada à de gênero. Segundo o autor, para construir uma tipologia:

[...] é necessário operar uma escolha das variáveis que se decide levar em conta, pois é difícil construir uma tipologia com muitas variáveis [...] Ao se buscar integrar o maior número de variáveis possíveis em nome da complexidade dos gêneros, ganha-se compreensão, mas perde-se legibilidade (CHARAUDEAU, 2013, p. 208).

Sendo assim, ele propõe uma hierarquização na construção da tipologia: “constrói-se uma tipologia de base, em seguida, inserindo-se outras variáveis no interior dos eixos da base, constroem-se tipologias sucessivas que se encaixam no modelo de base” (CHARAUDEAU, 2013, p. 209).

Charaudeau (2013) também afirma que o estabelecimento de uma tipologia deve constituir o ato final de um trabalho de descrição e análise e não se pode confundir a noção de gênero com a de procedimentos, uma vez que “uma argumentação, uma montagem de imagem ou uma simulação são procedimentos que, com certeza, podem intervir como traço definidor de um gênero, mas não devem ser confundido com este” (CHARAUDEAU, 2013, p. 211). Deve-se sempre perseguir a ideia de que os gêneros estão inscritos em uma relação social de reconhecimento e trazem uma codificação própria ao contexto sociocultural, que pode variar de um contexto para outro.

Se depende de um contexto, o conceito de gêneros pode ser compreendido também como formas de organizar dinamicamente a comunicação entre as pessoas a partir de diferentes situações. Para Alves Filho (2011), no entanto, é errada a ideia de defender que tal noção serve apenas para nomear os diferentes textos que existem.

Como já destacado anteriormente, os gêneros não dependem apenas da forma, mas da situação em que estão sendo usados, do lugar onde são publicados ou falados e de quem os usa. Por isso, um mesmo texto pode, em momentos diferentes, funcionar em gêneros diferentes, ou seja, “os textos podem funcionar em gêneros

diferentes dependendo do propósito comunicativo e dos contextos em que foram utilizados” (ALVES FILHO, 2011, p. 23).

2.2.1 – Os gêneros notícia e reportagem

A notícia é um gênero entre outros que pertencem ao discurso jornalístico informativo, como entrevista, reportagem e artigo. Embora parecidas, a notícia e a reportagem possuem características textuais e práticas de elaboração diferentes, que as classificam como gêneros distintos. Enquanto a notícia relata de maneira fidedigna, começo, meio e fim, um acontecimento, a reportagem busca elementos novos que possam tratar os fatos de uma forma menos rígida, ou seja, mais liberta.

Por um lado, a palavra “notícia”, no inglês, *news*, também pode ser traduzida como novidade. De acordo com van Dijk (1990), a notícia consiste em um tipo especial de narrativa que se diferencia das narrativas cotidianas (as conversas, as histórias de livros infantis e os romances), “as notícias impressas são um tipo específico de discurso da mídia de massa que sugere possíveis semelhanças familiares com notícias de rádio ou televisão ou com outros tipos de discursos da mídia” (VAN DIJK, 1990, p.13-14).

Por outro, a reportagem, muito comum em revistas, que dispõem de mais tempo para elaboração de um texto, mas presente também nos jornais diários e sites de notícias, é menos rigorosa do que a da notícia, ou seja, varia de acordo com o veículo, o público, o assunto. As informações podem ser dispostas por ordem decrescente de importância, mas também é aceitável narrar a história, como um conto ou fragmento de um romance, de acordo com Lage (1987).

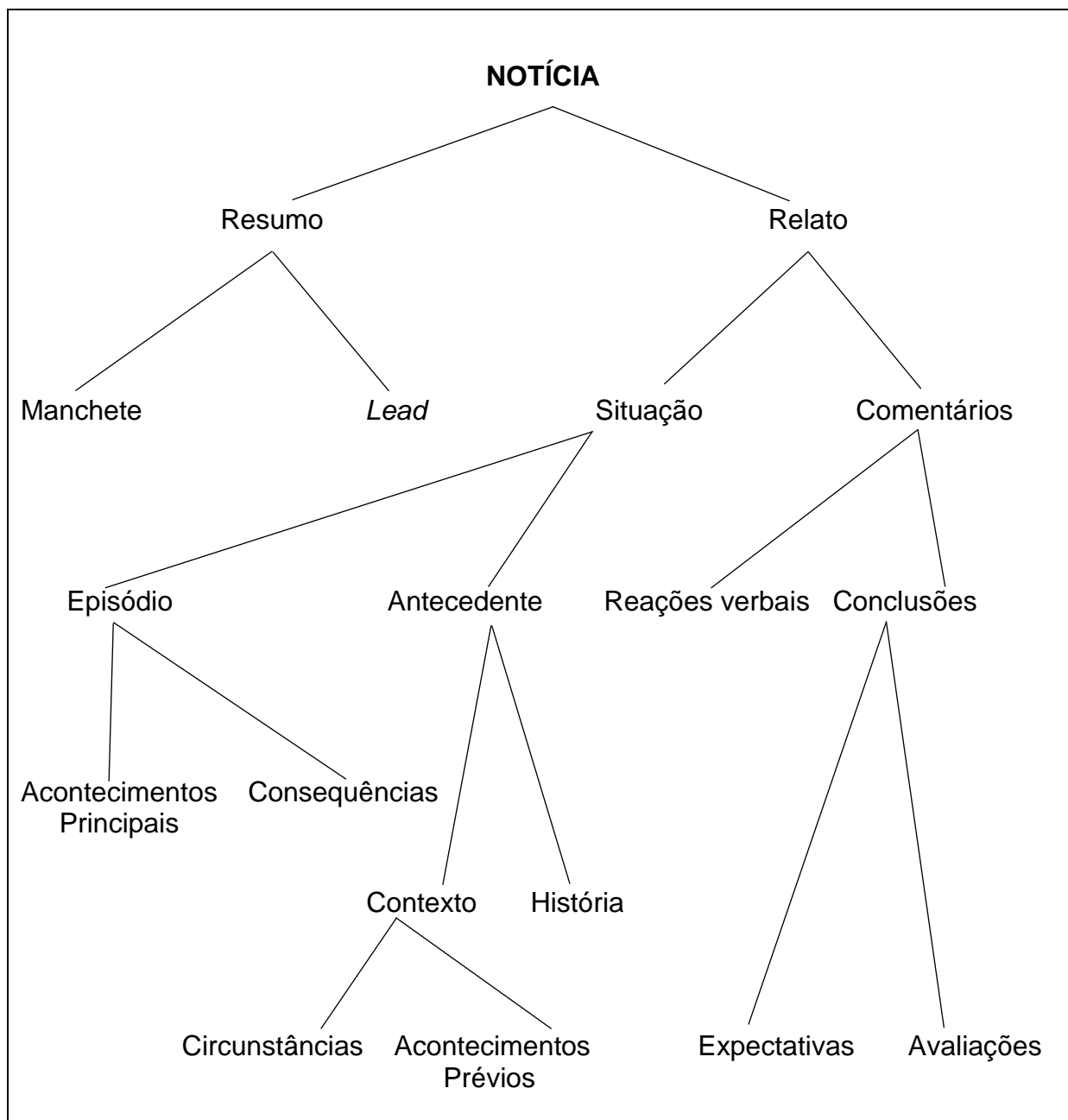
Segundo Lage (1987), a distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto do texto que será escrito. As pautas são indicações de fatos programados, da continuação de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. Isso não significa, no entanto, que um fato que é narrado a partir de uma notícia não possa se transformar em uma reportagem. Dependendo do teor e da importância do acontecimento tratado por uma notícia, o fato noticioso facilmente também é abordado em uma reportagem.

2.2.2 – A composição textual da notícia

Sobre a composição textual da notícia impressa, o texto do gênero notícia deve sempre começar com um *lead* (primeiro parágrafo), que nada mais é do que uma descrição do fato mais importante ou interessante de um determinado assunto. De acordo com Lage (1987), o *lead* deve informar quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para qual. Preferencialmente, essas questões devem ser respondidas na ordem citada anteriormente, tal técnica é conhecida no jornalismo como pirâmide invertida (técnica de construção das notícias em que prevalece um *lead* direto e as informações são apresentadas em ordem decrescente de importância). Depois do *lead*, os demais parágrafos têm como missão detalhar e acrescentar informações das informações presentes no *lead*. Trata-se do texto-reduzido que se amplia por meio do texto-expandido.

Constrói-se uma matéria com a proposição mais importante, acompanhada das circunstâncias de produção do texto-base, ocupando o *lead*. Nos demais parágrafos, alternam-se construções em discurso direto ou indireto [...]. Distribuem-se ao longo da matéria circunstâncias que não caibam no *lead* (LAGE, 1987, p. 28-29).

Van Dijk (1990) propõe um esquema textual da notícia a partir de uma superestrutura. Para ele, o gênero notícia se constrói por meio de um discurso público institucionalizado. De acordo com o autor, a superestrutura da notícia é definida como um esquema vazio de informação que vai se constituindo por meio de categorias e regras de ordenação. Tal esquema – baseado em regras – é formado por uma série de categorias que são ordenadas hierarquicamente. A superestrutura da notícia proposta por van Dijk (1990, p. 86) é apresentada a seguir:



Fonte: Esquema adaptado de van Dijk (1990, p. 86).

A partir do esquema acima, é possível perceber o nível hierárquico das categorias propostas por van Dijk (1990) em que o resumo e o relato aparecem no topo da organização. “Algumas regras determinam sua ordem em um esquema canônico e diferentes estratégias cognitivas fazem uso desse esquema para expressar efetivamente informações jornalísticas em um discurso informativo concreto” (VAN DIJK, 1990, p. 88).

A organização da superestrutura da notícia demonstra que, na notícia, um fato é, em primeiro lugar, resumido pelo jornal-empresa por meio de uma manchete (título

da notícia) e um *lead* (primeiro parágrafo da notícia). Em alguns casos, entre a manchete e o *lead*, há uma linha fina, que traz informações complementares sobre o fato, adicionando assim mais detalhes à manchete. Após a apresentação do resumo, o fato é relatado, ou seja, é apresentada a situação do acontecimento e os comentários, que normalmente são de especialistas ou das próprias pessoas envolvidas no acontecimento.

A situação, por sua vez, apresenta o acontecimento, o que o antecedeu, os seus fatos mais importantes e as suas consequências. Já o antecedente situa o fato em um determinado contexto a partir de uma história. Por fim, os comentários, que podem ser positivos e/ou negativos, são as reações que o acontecimento pode gerar, eles levam a conclusões e a avaliações sobre o ocorrido.

2.2.3 – A composição textual da reportagem

A composição textual da reportagem é organizada a partir de proposições, conhecidas como tópicos frasais, que irão introduzir os parágrafos ou grupos de parágrafos. O tópico frasal da reportagem tem natureza mais genérica e não tem como preocupação obedecer à ordem natural dos acontecimentos. Por isso, uma reportagem que nasce a partir de um fato noticioso pode ser escrita pouco ou muito tempo depois do acontecimento.

“Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizadas por um acontecimento” (LAGE, 1987, p. 47).

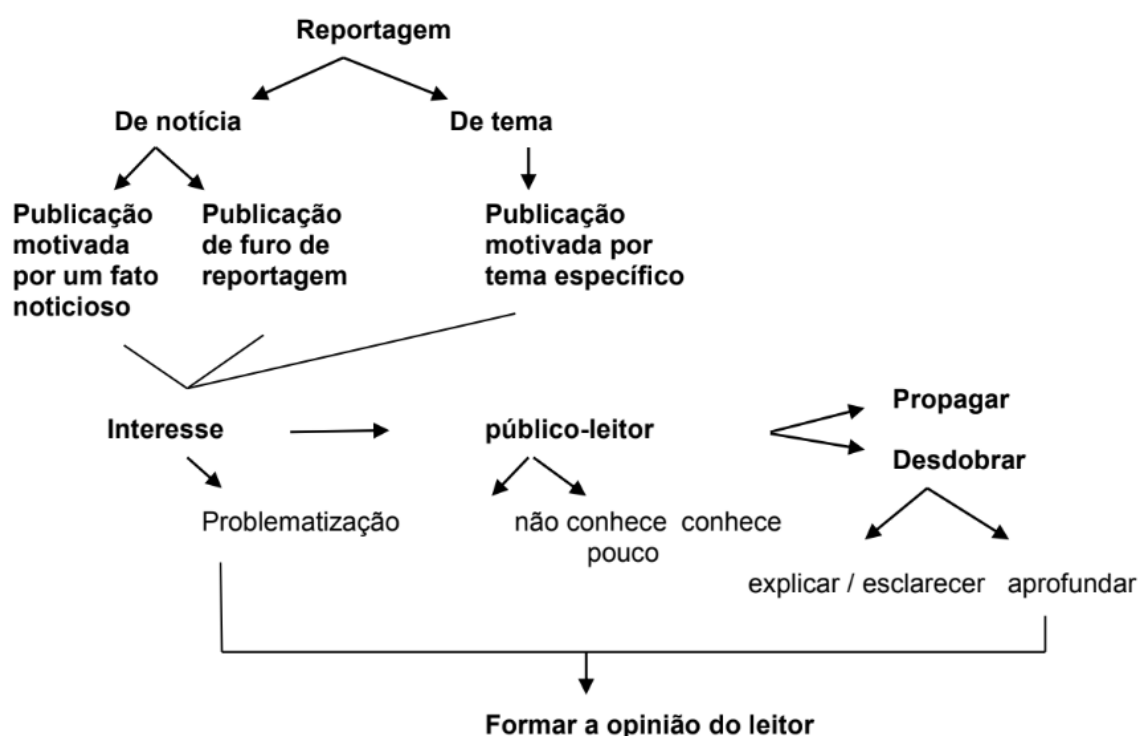
Diferente da notícia, que nasce a partir de um fato, a reportagem não necessariamente precisa de um fato para acontecer. Um assunto de interesse público e não um acontecimento, por exemplo, pode virar uma reportagem. “Faz-se reportagem sobre a situação da classe operária a propósito de uma greve ou sem qualquer motivo especial” (LAGE, 1987, p. 47).

Por causa das características apresentadas, a construção de uma reportagem demanda tempo e o desenvolvimento de novos elementos que não são encontrados nas notícias, de modo que as reportagens possuem os textos mais bem elaborados. Corrêa (2003, *apud* PENA, 2005, p. 78-80) afirma que existem diferentes tipos de reportagens e que cada uma persegue um objetivo:

- ✓ Reportagem do perfil – procura apresentar a imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos do próprio, assim como de familiares, amigos e superiores dessa pessoa. [...]
- ✓ Reportagem de fatos – aproveita a dramaticidade de um fato e aprofunda seu conhecimento, abrindo novas áreas de contextos, entendimento de causa e efeito. [...]
- ✓ Reportagem polêmica – explora assunto em discussão na sociedade ou o cria. Para isso, ouve fontes, especialistas e "olimpianos" que pensem de modo diferenciado, oposto. [...]
- ✓ Reportagem monotemática – após um acontecimento recente, o veículo "costura" a relação com outros similares e cria um tema que provoque adesão do público, pelo destaque e tratamento coerente reservado ao assunto. [...]
- ✓ Reportagem de ação – diante de um fato especialmente dinâmico, impactante e complexo, o texto reconstitui a intensidade das ações num estilo cinematográfico, visual, criando um clima dinâmico, com narrativa leve, mas nervosa, ágil. Modelo pouco usado pelos jornais e revistas. [...]
- ✓ Reportagem documental – costuma merecer um cuidado praticamente didático do jornalista, no sentido de investir na demonstração documental da perspectiva com que o tema é abordado; incluem-se, aí, as transcrições de depoimentos e documentos que dão credibilidade e "materialidade" de provas às argumentações ou informações (CORRÊA, 2003, *apud* PENA, 2005, p. 78-80).

Segundo Saraiva (2016), a reportagem costuma partir de dois aspectos gerais: um tema ou uma notícia. Por um lado, aquela que parte de um tema trabalha com a construção textual-discursiva que prioriza e aprofunda aspectos mais explicativos, descritivos e opinativos. Por outro, o enfoque daquela que surge de uma notícia é outro, pois já se tem a ideia de que o fato já foi explorado pelos jornais impressos. "O que leva uma revista a priorizar uma reportagem sobre algo que já foi divulgado é a abrangência da questão, ou informações novas e reveladoras" (SARAIVA, 2016, p. 138).

Saraiva (2016) propõe um quadro que exemplifica melhor o enfoque da reportagem quando ela surge de uma notícia ou de um tema:



Fonte: SARAIVA, 2016, p. 137.

Corrêa (2003, *apud* PENA, 2005) propõe um quadro que sintetiza as principais diferenças entre os gêneros notícia e reportagem:

A notícia apura fatos.	A reportagem lida com assuntos sobre fatos.
A notícia tem como referência a imparcialidade.	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação.
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral).	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos).
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais.	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda.
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela).	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre).	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema).
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade.	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento.	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes.

Fonte: CORRÊA, 2003, *apud* PENA, 2005, p. 77.

É importante destacar que, assim como a notícia, que possui um padrão canônico de construção, a reportagem também possui alguns elementos essenciais

que ajudam na sua construção e identificação do gênero, como a manchete e a linha fina, por exemplo. Ambas costumam seguir padrões comunicativos que, de acordo com Silveira (2012), ajudam de forma antecipada saber quais serão as reações das pessoas diante de um determinado discurso, sendo assim, já se constrói uma notícia e ou uma reportagem esperando intencionalmente uma determinada reação do público-leitor.

Em síntese, este capítulo apresenta os fundamentos que norteiam o discurso jornalístico, enfatizando as estratégias de construção desse discurso, como as categorias *Inusitado* e *Atualidade*, além do sensacionalismo que – por causa dos avanços tecnológicos – vem ganhando espaço. Além disso, os gêneros pertencentes ao discurso jornalístico são também tratados neste capítulo a partir da noção de que tais gêneros possuem estruturas mais ou menos parecidas e só podem ser diferenciados por sua composição textual.

CAPÍTULO 3

A indústria jornalística no Brasil

Neste capítulo, são apresentados alguns aspectos históricos da indústria jornalística no Brasil e a apresentação dos títulos de jornais e revistas analisados nesta pesquisa.

3.1 – Aspectos históricos da indústria jornalística no Brasil

Não existe um consenso da data exata do surgimento do jornalismo impresso no mundo. Há quem diga que o imperador romano Júlio Cesar, no ano 59 a.C., já utilizava tal meio para manter informada a população de seu império. Outros defendem que seu nascimento ocorreu de fato no início do século XVII, na França, paralelo à Revolução Industrial.

No Brasil, um pouco tardio, os primeiros jornais, como o *Diário de Pernambuco*, o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, surgiram nas primeiras décadas do século XIX, e, a partir de então, centenas de outros títulos surgiram, desapareceram e/ou ainda circulam no país.

Quando é preciso definir o que seja um jornal de grande circulação, os pesquisadores não encontram um consenso. De acordo com o relatório produzido pelo escritório Vieira de Carvalho e Jobim Advogados Associados, a pedido da ANJ, as definições de jornal de grande circulação são inúmeras, uma vez que “para alguns, a grande circulação está vinculada à quantidade de exemplares, para outros, a vinculação deve ser feita em relação à abrangência e à distribuição do jornal” (VIEIRA DE CARVALO E JOBIM, 2009, p. 1).

E, vale destacar, além dessa definição, é relevante diferenciar jornal de grande circulação e de circulação diária, este último entendido, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como “jornal publicado pelo menos quatro vezes por semana e principalmente reportando eventos que ocorreram desde a edição anterior do jornal” (UNESCO, s./d., on-line). Tal definição é acatada pela *World Press Trends*, associação que reúne dados sobre a imprensa global.

A acessibilidade ao público, a periodicidade, a publicação com intervalos regulares, a atualidade, as informações sempre atuais e a universalidade (cobertura

de diferentes assuntos), em suma, a abrangência é o pilar de um jornal diário de grande circulação. A produção de um jornal e, por igual motivo, de noticiários e reportagens de rádio, tevê ou internet só é possível quando o objetivo do trabalho se desloca da obra para o consumidor. Isto é, quando a intenção artística do projeto gráfico, da fotografia, da ilustração ou do texto perde terreno diante da necessidade de levar a informação ao público (LAGE, 2011, p. 9-10).

No Brasil, não é possível precisar o número de jornais impressos que circulam das mais variadas periodicidades (diária, semanal, quinzenal, mensal, bimestral, semestral ou anual). Sabe-se, no entanto, que a indústria jornalística impressa tem perdido força e diminuído ano a ano a quantidade de exemplares vendidos. Dados mais recentes do Instituto Verificador de Circulação (IVC) apontam queda expressiva na tiragem impressa dos 11 maiores jornais brasileiros, entre eles, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, são os jornais que veicularam alguns dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Segundo levantamento do IVC, entre os anos de 2014 e 2017, houve queda de mais 40% na tiragem impressa total diária dos maiores jornais do país – de 1.256.322 (um milhão duzentos e cinquenta e seis mil trezentos e vinte dois exemplares) exemplares, em 2014, para 736.346 (setecentos e trinta e seis mil trezentos e quarenta e seis) exemplares, em 2017. As razões para tal queda se justificam principalmente pelo avanço da mídia digital no Brasil. Esse, no entanto, é um tema a ser debatido oportunamente em outra pesquisa.

O Estado de S. Paulo e a *Folha de S. Paulo*, objetos de estudo desta pesquisa, assim como os demais principais jornais, também apresentaram queda em suas tiragens entre os anos de 2014 e 2017. De acordo com o levantamento do IVC, a *Folha*, em 2014, possuía uma tiragem diária de 211.993 (duzentos e onze mil novecentos e noventa e três) exemplares, e, em 2017, esse número foi de 121.007 (cento e vinte um mil e sete) exemplares – queda de quase 43%. Já o *Estado*, em 2014, tinha uma tiragem diária de 163.314 (cento e sessenta e três trezentos e quatorze) exemplares e, em 2017, esse número foi de 114.527 (cento e quatorze quinhentos e vinte e sete) exemplares – queda de cerca de 30%.

Assim como os jornais impressos, as primeiras revistas no país surgiram também no século XIX. Elas tinham uma periodicidade mais espaçada e, por conta do tempo para sua preparação, as publicações eram consideradas para a época

sofisticadas e destinadas a um público seletivo. Isso não é muito diferente dos dias atuais, uma vez que as revistas, diferentes dos jornais que tratam de temas universais, são mais segmentadas. Visualmente, no entanto, eram parecidas com os livros e jornais, priorizando o texto com nenhuma ou quase nenhuma imagem.

Atualmente, o Brasil possui cerca de 300 revistas em atividade e esse número não contempla revistas acadêmicas e institucionais. A indústria de revista também vem sofrendo com a queda nas vendas e muitos títulos conceituados, nos últimos dez anos, deixaram de existir. A Editora Abril, considerada a maior editora da América Latina na primeira década dos anos 2000, encerrou boa parte dos seus títulos recentemente. Em 2018, por exemplo, ela extinguiu cerca de dez publicações.

O mesmo cenário é vivido por outras editoras de igual prestígio no país, como a Editora Globo, por exemplo, que anunciou, no final de 2019, a reformulação de seu portfólio, transformando títulos impressos conceituados em versões digitais. Como já dito acima, o debate sobre a crise da mídia impressa no Brasil não cabe neste estudo devido à abrangência do assunto, que merece uma pesquisa exclusiva.

3.2 – Apresentação dos títulos analisados

Os quatro títulos selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa são os jornais *O Estado de S. Paulo* (OESP), do Grupo Estado, e *Folha de S. Paulo* (FSP), do Grupo Folha, e as revistas *Isto é*, da Editora Três, e *Época*, do Grupo Globo. A escolha foi feita com base, principalmente, no fato de os veículos selecionados figurarem entre os mais populares e respeitados da mídia impressa no Brasil.

Embora o jornalismo levante a bandeira da imparcialidade, os veículos midiáticos não conseguem manter a neutralidade em sua essência e o posicionamento ideológico é evidenciado por meio dos textos jornalísticos. Sendo um discurso institucionalizado e que tem como principal função formar a opinião pública, segundo Guilherme (2018), a liberdade de expressão não existe na verdade, o que existe é a liberdade do proprietário do veículo de imprensa ao determinar o que deve ou não ser publicado.

Como uma empresa privada que visa ao lucro, depende da venda do produto e do patrocínio de anunciantes, a imprensa não está alheia aos conflitos sociais, políticos e econômicos; a alegada imparcialidade em nome dos interesses de toda a coletividade se constitui em disfarce para o caráter

ideológico nas narrativas publicadas pela imprensa (GUILHERME, 2018, p. 201-202).

Para Sodré (1999), a história da imprensa pode, inclusive, ser confundida com a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista, pois existe uma ligação dialética entre a imprensa e o capitalismo e o que comprova essa estreita conexão é a necessidade de a imprensa ser conduzida e só conseguir avançar por meio dos valores do capitalismo.

A fim de que se possa conhecer os títulos analisados e entender como foram construídos os seus alinhamentos ideológicos desde as fundações até os dias atuais dos quatro veículos selecionados, a seguir os perfis dos jornais e das revistas analisados são apresentados.

3.2.1 – O Estado de S. Paulo (OESP)

Embora não seja o maior jornal em número de exemplares comercializados diariamente no Brasil, dados da Associação de Nacional de Jornais (ANJ) apontam que o *Estadão*, como é popularmente chamado, está entre os dez jornais mais lidos no Brasil. Ele está também entre os mais antigos jornais em circulação no país, com 145 anos de história. O jornal foi fundado no dia 4 de janeiro de 1875, por um time de 16 pessoas liderado por Américo de Campos e Francisco Pestana. Inicialmente, o veículo foi batizado como *A Província de São Paulo* e somente em 1890 recebeu o nome de *O Estado de S. Paulo*, doravante OESP.

OESP nasceu com a proposta de combater a monarquia e a escravidão. Na época em que foi fundado, outros dois jornais já circulavam por São Paulo, são eles: o *Correio Paulistano*, fundado em 1854, e o *Diário de São Paulo*, lançado em 1865 – ambos já extintos. Segundo dados do Grupo Estado, a importância da fundação de *A Província* deve-se ao fato de o jornal ser o primeiro grande veículo engajado no ideário republicano e abolicionista.

Quando fundado, OESP tinha tiragem de cerca de 2.000 exemplares – número expressivo para a época, uma vez que a população da cidade de São Paulo era estimada em 31.000 pessoas. O jornal tinha cinco colunas largas, divididas em quatro páginas, sendo duas delas destinadas aos anunciantes. E o slogan do jornal na época de sua fundação era: “fazer da sua independência o apanágio de sua força”.

Com 145 anos de história, recém completados em 2020, o jornal passou por transformações e alguns reveses, quando quase foi à falência 10 anos após a sua fundação. A quase derrocada se deu pelo fato de textos hostis contra Portugal, escritos pelo jornalista Alberto Salles, não agradarem aos anunciantes portugueses, que boicotaram o jornal. OESP foi salvo por Júlio Mesquita, que passou a escrever artigos sobre partidos políticos e suas transações e, posteriormente, comprou o jornal. A família Mesquita até hoje detém o controle do Grupo Estado.

A crise vivida em 1985 não foi a única enfrentada pelo OESP. Em 1914, o jornal mais uma vez foi boicotado por anunciantes, dessa vez, da comunidade comercial alemã em São Paulo, que retirou seus anúncios por conta dos artigos publicados sobre a Primeira Guerra Mundial. OESP não mudou seu posicionamento sobre o assunto na época e driblou a crise investindo em infraestrutura para ampliação do número de páginas e da quantidade impressa diariamente.

Além dos boicotes dos anunciantes, o jornal também passou por perseguições política ao longo de sua trajetória. Por mais de um mês, entre julho e agosto de 1924, OESP deixou de circular por conta de uma revolução comandada pelo general Isidoro Dias Lopes, que ocupou a cidade de São Paulo. O jornal se intitulava neutro sobre o assunto, mas era contra a sublevação militar. Na época, Júlio de Mesquita chegou a ser preso e mais tarde exilado do País com a ditadura.

Em 1940, tropas invadiram a redação do jornal sob a acusação de uma conspiração armada. No final da década de 1960, quando já tinha se consolidado como um dos maiores e mais importantes jornais do país, com publicação diária de 340.000 exemplares, OESP passou novamente por censura por ordem da ditadura militar.

Entre os anos 1960 e 1970, segundo Aquino (1999), OESP teve 1.136 matérias – total ou parcialmente – censuradas pela ditadura militar. Mais de 50% dos textos censurados tratavam de assuntos políticos. As demais censuras atingiam notícias e reportagens sobre as temáticas sociais, econômicas, educacionais, culturais e de política internacional.

O fato de as temáticas políticas aparecerem privilegiadas nos vetos do censor diz respeito, de um lado, à problemática temporal. Em outras palavras, o momento histórico vivenciado pela censura prévia a OESP é um período em que está em pleno vigor o recrudescimento da repressão política com prisões

arbitrárias e torturas a presos políticos, derivados do desmantelamento dos grupos que atuavam na luta armada contra o regime (AQUINO, 1999, p. 62).

OESP era proibido de deixar em branco as matérias censuradas, no lugar, o Estadão publicava poemas, receitas culinárias e despachos judiciais. O material censurado de OESP foi conservado pelo jornal a pedido da família Mesquita e hoje pode ser consultado no acervo on-line <<https://acervo.estadao.com.br/paginas-censuradas/>>, disponibilizado pelo Grupo Estado.

A censura no jornal foi suspensa em 1975, e a década seguinte foi marcada por mudanças na administração das marcas do Grupo Estado. A companhia criou unidades de negócios, que passaram a ser comandadas de forma independente. Os anos 1990 começaram com a aquisição do *broadcast*, ferramenta de distribuição de notícias que foi incorporada, em 1992, à agência de notícias da companhia. O serviço facilitou a difusão das reportagens produzidas pela Agência Estado, criada em 1970 para centralizar a distribuição de notícias e fotografias no Brasil e no mundo.

O início do século XXI foi marcado por transformações tecnológicas nos negócios do Grupo Estado. Em março de 2000, com a união dos sites da Agência Estado, OESP e *Jornal da Tarde*, nasceu o portal <estadao.com.br>, versão on-line que reunia as notícias de todas as marcas da companhia. Em 2003, o portal atingiu a marca de 1.000.000 de visitas mensais, liderando o ranking de jornais com versão on-line mais acessados do país. Atualmente, o site de OESP está entre os 10 maiores portais de notícias do país, no entanto, o jornal impresso vem diminuindo ano a ano sua tiragem diária.

3.2.2 – Folha de S. Paulo (FSP)

Assim como OESP, a *Folha de S. Paulo*, doravante FSP, também não figura como o maior jornal em número de tiragem no Brasil atualmente, mas está entre os 10 maiores, segundo dados da ANJ. A FSP foi fundada a partir da criação do jornal *Folha da Noite*, em 1921, que, quatro anos depois, em 1925, ganhou a sua versão matutina *Folha da Manhã*, acompanhada, em 1949, pela criação da *Folha da Tarde*. Somente em 1960, os três títulos se uniram dando origem ao jornal *Folha de S. Paulo*.

Hoje, prestes a completar um século de história, o jornal fundado por Olival Costas e Pedro Cunha tem como prioridade noticiar os problemas dos serviços

públicos. Desde a sua fundação, a FSP já se posicionava a favor do voto secreto, do movimento de revolta política e militar que ocorreu em 1920 e do Partido Democrático.

Desde a sua fundação, a FSP passou por diferentes controles. Em 1931, os jornais *Folha da Noite* e *Folha da Manhã* foram vendidos para Octaviano Alves Lima, um cafeicultor que defendia o liberalismo e se opunha ao Estado Novo. Em meados da década de 940, a FSP passou a ser controlada por José Nabantino Ramos e um tom mais imparcial foi dado aos textos do jornal.

Em 1949, foi lançado o jornal *Folha da Tarde* e, um ano depois, as instalações dos três jornais foram alocadas em um único prédio – o mesmo endereço do Grupo Folha nos dias atuais, na Alameda Barão de Limeira, na cidade de São Paulo.

A década 1960 foi marcada por transformações. A primeira delas foi a fusão das três marcas, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, em um único título. Dois anos depois, em 1962, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram o controle da empresa. Foi nessa mesma época que o jornal *Notícias Populares* começou a fazer parte do Grupo Folha. E o título *Folha da Tarde* também teve sua produção retomada no mesmo período.

O Grupo Folha foi o primeiro a imprimir jornais a cores em larga escala no Brasil, o que mostra que a tecnologia sempre foi forte aliada da FSP. Na década de 1970, a empresa criou um banco de dados e um sistema eletrônico de fotocomposição, abandonando assim a composição fotográfica feita de chumbo.

Durante os anos de ditadura no Brasil, diferente do jornal OESP, que não aceitou a autocensura e exigiu a presença de censores nas redações a fim de cumprir as determinações impostas pelo regime militar, a FSP aceitou a autocensura. Em 2014, em um artigo, assinado pelo jornalista Oscar Pilagallo, intitulado de “Imprensa apoiou ditadura antes de ajudar a derrubá-la”, o Grupo Folha reconheceu que apoiou e contribuiu com as repressões que marcaram o período ditatorial no país.

Alguns jornais, como a Folha, acatavam as orientações dos censores, comunicadas por telex ou telefone, praticando a autocensura. Outros, como o “Estado”, desafiavam as ordens, o que exigia a presença de censores na Redação, para impedir que o material vetado fosse publicado. O jornal denunciava a censura editando trechos de poesias no espaço aberto pela ação da censura. Um dos episódios mais polêmicos da relação entre mídia e ditadura foi a guinada editorial da “Folha da Tarde”, da mesma empresa que edita a Folha. A partir de 1969, durante a fase mais dura do regime, a “Folha da Tarde” – até então comandada por jornalistas ligados à esquerda armada – foi entregue a profissionais associados à polícia e chegou a cooperar com

as forças da repressão, endossando versões dos órgãos de segurança para esconder torturas e assassinatos de presos políticos (PILAGALLO, 2014, on-line).

Em meados da década de 1970, a FSP passou a dar voz a intelectuais e políticos perseguidos pelo regime militar em um caderno chamado de Tendências/Debates. Nos anos 1980, o jornal deu mais um passo importante em relação ao seu novo posicionamento e lançou diferentes projetos a fim de guiar sua linha editorial, entre eles: “A Folha e alguns passos que é preciso dar”, em 1981; “A Folha depois da campanha diretas-já”, em 1984; e “Novos rumos”, em 1985.

Nessa mesma época, a FSP renovou todo o seu processo editorial e estabeleceu três metas: informação correta, interpretações competentes sobre a informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos. O Grupo Folha pretendia apagar o estigma deixado pela ditadura e passou a perseguir, além de um jornalismo crítico, apartidário e diversificado, um jornalismo de serviço cujo foco é obter informações exclusivas.

Nos anos 1990, a FSP foi a primeira empresa de mídia a manifestar o interesse pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Em 1992, mesmo ano em que Collor sofreu o impeachment, Octavio Frias de Oliveira passou a deter 100% do controle acionário do grupo. Pouco depois, o Grupo Folha atingiu seu auge com uma circulação média dos três jornais (FSP, *Folha da Tarde* e *Notícias Populares*) de quase 1 milhão de exemplares diários. Na época, só aos domingos, o jornal FSP vendia cerca de 700 mil exemplares.

Em 1996, o Grupo Folha lançou o site Universo Online (UOL), o projeto, inicialmente, era uma experiência, mas que deu certo, pois o UOL se tornou um dos maiores portais de notícias do País. O fim dos anos 90 para o Grupo Folha foi marcado por mudanças, entre elas: o lançamento do jornal *Agora* que substituiu o jornal *Folha da Tarde* e a venda de 12,5% das ações do UOL para um fundo de *private equity* da *Morgan Stanley Dean Witter & Co* por 100 milhões de dólares.

Em 2010, o Grupo Folha unificou as redações do impresso com o on-line e promoveu uma reestruturação gráfica e editorial na versão digital do jornal, que passou a se chamar *Folha.com* < <https://www.folha.uol.com.br/> >. Dois anos depois, as informações on-line passaram a ser gratuitas, em um modelo chamado *paywall* poroso – modelo de negócio comum adotado pelo jornalismo digital em que o noticiário

é disponibilizado para o público e passa a ser cobrado após a leitura de uma quantidade de textos.

Recentemente, em 2017, a FSP anunciou outra atualização do seu projeto editorial e estabeleceu 12 princípios que resumem os compromissos editoriais, políticos e éticos do jornal. De acordo com o documento, os textos publicados devem sempre trazer conclusões claras e indicar prós e contras das soluções para os problemas apontados nas notícias e reportagens, além de manter uma perspectiva liberal diante da economia, da política e dos costumes.

3.2.3 – Isto é

A revista *Isto É Independente*, conhecida somente como *Isto é*, da Editora Três, foi criada pelo jornalista Mino Carta, fundador da revista *Veja*, em 1976, com o apoio de Domingo Alzugaray, dono da Editora Três. De publicação semanal, a revista aborda temas variados, como política, comportamento, cultura e assuntos sociais. A publicação está entre as mais populares do país nesse segmento, sendo concorrente direta da revista *Veja*, da Editora Abril, e da *Época*, do Grupo Globo.

Em seu auge, a revista ultrapassou a tiragem semanal de 440 mil exemplares. Nos dias atuais, a revista não se submete mais a nenhum tipo de auditoria e o número de exemplares vendidos é uma incógnita. A *Isto é* persegue uma linha editorial independente, ou seja, a revista afirma não ser atrelada a nenhum grupo político ou econômico e tem preferência por publicar reportagens que, segundo a própria publicação, vão além da notícia.

Inicialmente, a *Isto é* era publicada com periodicidade mensal. Em 1977, dez meses após o seu lançamento, a revista passou a ter circulação semanal. A publicação de reportagens especiais e textos com análises mais profundas sempre foram priorizados pela revista, que sempre contou com uma equipe de prestigiados colaboradores, entre eles, Luiz Antonio Villas-Bôas Corrêa, Henrique de Souza Filho, o Henfil, Millôr Viola Fernandes e Luís Fernando Veríssimo.

Em sua primeira edição, durante o período do regime militar no Brasil, Mino Carta deixou claro que a revista tenderia a fazer duras críticas ao momento político que o país enfrentava. Na época em que o general Ernesto Geisel era ocupava o

posto presidente, o jornalista Villas-Bôas Corrêa escreveu uma reportagem questionando o projeto político democratizante da presidência.

O posicionamento antigovernista era evidente nas reportagens e artigos publicados pela revista durante os seus primeiros anos de existência. Nesse período, houve um destaque às manifestações do movimento social feitas por estudantes, operários fabris e outros grupos e, em 1977, a revista entrevistou Luís Inácio Lula da Silva, apontando o como a principal liderança do novo sindicalismo brasileiro na época.

Em 1980, Mino Carta anunciou a associação dos jornalistas da revista com o banqueiro Fernando Roberto Moreira Salles, considerado apoiador de ideias liberais na época. Salles assumiu o cargo de diretor-presidente da *Isto é* e, um ano depois, Mino Carta deixou o cargo de diretor de redação, assumido por Tão Gomes Pinto.

Em 1983, a revista deixou claro seu posicionamento de apoiar o movimento das Diretas Já. No ano seguinte, a revista *Isto é* e o jornal *Gazeta Mercantil* firmaram parceria e os cargos de diretor-presidente e diretor de redação da revista passaram a ser ocupados Luiz Fernando Levy, principal acionista do jornal naquele período.

No final da década de 1980, o controle acionário da revista voltou a ser definitivo da Editora Três após a associação com alguns empresários. Nesse mesmo período, Mino Carta reassumiu a direção de redação da *Isto é*. O jornalista permaneceu no cargo até 1993, ano em que a revista passou por uma reformulação gráfica inspirada na revista norte-americana *Time* para tornar o texto mais ágil e com menor tempo de leitura.

Com a saída de Mino Carta, em 1993, Tão Gomes Pinto reassumiu a direção da redação e, no mesmo período, a publicação deixou claro seu posicionamento em relação à disputa presidencial entre Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso, demonstrando oposição ao candidato do Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1996, Tão Gomes Pinto deixou a direção da revista e foi substituído por Hélio Campos Mello. Após 16 anos de sua última transformação gráfica, a *Isto é* ganhou uma nova cara em 2018, a linha editorial da revista, no entanto, continua a mesma desde a sua fundação.

3.2.4 – Época

A revista *Época*, que pertence à Editora Globo, está entre as maiores revistas do Brasil no segmento de variedades, segundo a Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER). Ela é mais nova das publicações analisadas, tem pouco mais de 20 anos de existência, fundada em 25 de maio de 1998.

A revista tem periodicidade semanal, assim como a maioria das revistas do segmento variedades. Segundo a *Época* (2008, on-line), a sua missão é investigar e ajudar a entender o mundo e suas complexidades, além de antecipar as tendências e captar o espírito da atualidade.

Em seu site, < <https://epoca.globo.com/> >, a publicação explicitou o seu posicionamento e sua linha ideológica. Para a revista, por exemplo, existem dois Brasis em confronto: um que pensa e age globalmente e outro em que os interesses públicos são marginalizados diante de interesses pessoais e de grupos.

A *Época* luta pelo Brasil inserido num mundo sem muros, globalizado. Em nossas páginas e em nosso site, irrigamos os debates com pessoas, ideias e práticas inspiradoras de todos os lugares. É nosso dever ter uma visão crítica dos problemas do Brasil e do mundo, mas também propor uma agenda de soluções para eles (*ÉPOCA*, 2008, on-line).

A *Época* nasceu da necessidade de a Editora Globo ter uma revista semanal que pudesse concorrer diretamente com as revistas *Veja*, da Editora Abril, e *Isto é*, da Editora Três. No final da década de 1990, a Editora Globo ocupava a vice-liderança em vendas de revistas no país, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), e a *Época* foi criada para também diminuir a distância em vendas de revistas da principal líder daquela época, a Editora Abril.

Comparada com os demais títulos, a *Época* é uma revista nova que não presenciou muitos fatos marcantes na história do Brasil, como o fim da ditadura militar ou o processo de impeachment de Fernando Collor de Mello.

Desde a sua fundação, a revista passou por algumas transformações visuais e na linha editorial. A mais recente mudança foi anunciada em 2018, quando o projeto gráfico da revista foi renovado e a *Época* passou a ser entregue gratuitamente aos assinantes dos jornais *O Globo* e *Valor Econômico*, que pertencem à Editora Globo. Outra mudança diz respeito à conduta editorial, de acordo com SCARDOELLI (2018,

on-line), ao invés de explicar ou resumir fatos do cotidiano, a revista passou a se preocupar mais com conteúdos exclusivos e relevantes.

Em síntese, este capítulo apresenta um breve histórico da formação da indústria jornalística brasileira e destaca a apresentação do perfil dos quatro títulos quem compõem o material de análise desta pesquisa.

CAPÍTULO 4

Análises e discussões

Neste capítulo, são apresentados os resultados das análises realizadas e as discussões acerca dos resultados obtidos.

4.1 – Construção do *corpus*

A notícia e a reportagem são gêneros que pertencem ao discurso jornalístico, e, embora parecidas, possuem características textuais e práticas de elaboração diferentes. Enquanto a notícia relata um acontecimento se valendo principalmente das categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade*, a reportagem precisa de novos elementos para sua construção e apresenta uma abordagem mais opinativa e menos presa ao detalhamento do fato em si.

Toda notícia nasce de um fato, ou seja, de um acontecimento considerado relevante, o mesmo não acontece com a reportagem, que pode – ou não – surgir de um fato noticioso. Este trabalho visa analisar o processo de construção do fato noticioso a partir do gênero reportagem e, para isso, foram selecionados textos que têm como tema acontecimentos retratados anteriormente por uma notícia.

Para a análise, foram selecionadas notícias e reportagens que abordam o mesmo assunto. As notícias que compõem o *corpus* deste estudo foram selecionadas dos jornais OESP e FSP, e as reportagens foram selecionadas das revistas *Isto é* e *Época*. O material foi coletado entre os meses de fevereiro e março de 2019. Todos os textos selecionados têm como foco acontecimentos políticos, cujos fatos tratam de episódios aleatórios repercutidos por toda a mídia nacional na época em que ocorreram. São analisados também os textos-reduzidos de capa das notícias e reportagens, esses quando houver. Os procedimentos adotados são detalhados na sequência.

4.2 – Procedimentos da análise

Para se chegar aos objetivos propostos neste trabalho, alguns procedimentos metodológicos foram seguidos. A partir de uma metodologia qualitativa, é feito um procedimento teórico-analítico que está delimitado aos textos-reduzidos das notícias e reportagens, sendo eles, manchete, linha fina, *lead*.

Alguns acontecimentos, devido ao seu grau de importância e à grande repercussão alcançada, ganham destaques também nas capas dos jornais e revistas, nesses casos, quando houver, manchetes, linhas finas e *leads* das chamadas de capa também são analisados neste trabalho. A ausência desses elementos é sinalizada pela expressão “não possui”.

Os textos-reduzidos trazem, normalmente, as ideias mais globais dos textos-expandidos e guiam os leitores na formação objetiva da opinião, de modo que a manchete de uma notícia ou de uma reportagem costuma ser o chamariz para a leitura. É ela que torna atrativas as notícias e as reportagens e vendáveis o jornal e a revista.

Segundo o *Manual de Redação e Estilo*, do jornal OESP (1997), o título de uma notícia deve, em poucas palavras, anunciar a informação principal e descrever com precisão um fato, enquanto o título de uma reportagem deve ser atraente a fim de despertar a atenção do público-leitor, convidando-o à leitura.

As análises realizadas neste trabalho seguem os seguintes procedimentos:

- ✓ Seleção de notícias e reportagens a partir de um mesmo fato noticioso, ou seja, foram coletadas notícias e reportagens que abordam o mesmo acontecimento. Ao todo, 11 textos foram coletados, sendo seis notícias e cinco reportagens.
- ✓ Comparação das manchetes e das linhas finas das notícias e das reportagens, além de suas respectivas chamadas de capa, feita a partir das escolhas lexicais utilizadas pelos jornais e revistas e pelo valor atribuído ao fato dado pelos veículos – se positivo ou negativo.
- ✓ Identificação das estratégias utilizadas para construção dos *leads* das reportagens, verificando o que foi mantido, o que foi cancelado e o que foi acrescido no primeiro parágrafo dos textos selecionados.
- ✓ Verificação se as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade*, além do sensacionalismo foram usadas como estratégias de construção dos textos-reduzidos das notícias e reportagens a partir mais uma vez da seleção lexical, constatando assim se o lícito foi transformado em ilícito.
- ✓ Confronto dos elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos das notícias e das reportagens a fim de verificar se as estruturas se repetem ou não nos textos-reduzidos.

Os elementos que compõem a organização dos textos-reduzidos das notícias e das reportagens seguem uma estrutura canônica que ajuda a compreender que tais textos podem ser reconhecidos como gêneros do discurso jornalístico, pois constroem unidades de sentido. Para verificar essa estrutura, é apresentada uma tabela comparativa dos elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e das reportagens. Na tabela, os elementos são sinalizados pelas expressões “sim” quando constam no texto, ou “não” quando não constam.

Os textos-reduzidos das notícias, tanto na chamada de capa, quanto na página dos textos completos, são: manchete, linha fina e *lead*. Já os textos-reduzidos das reportagens na chamada de capa são: manchete e linha fina; e na página dos textos completos: manchete, linha fina e *lead*.

O sumário comum nas revistas também é considerado texto-reduzido de notícias e de reportagens, eles não foram analisados neste trabalho, pois, com frequência, repetem o texto ou da chamada de capa ou dos títulos das notícias e reportagens ou, em algumas ocasiões, aparecem com palavras genéricas que nomeiam a seção em que os textos estão publicados.

4.3 – Análises

Ao todo, 11 textos, sendo seis notícias e cinco reportagens, de três diferentes acontecimentos compõem o *corpus* deste estudo, correspondendo aos seguintes eventos:

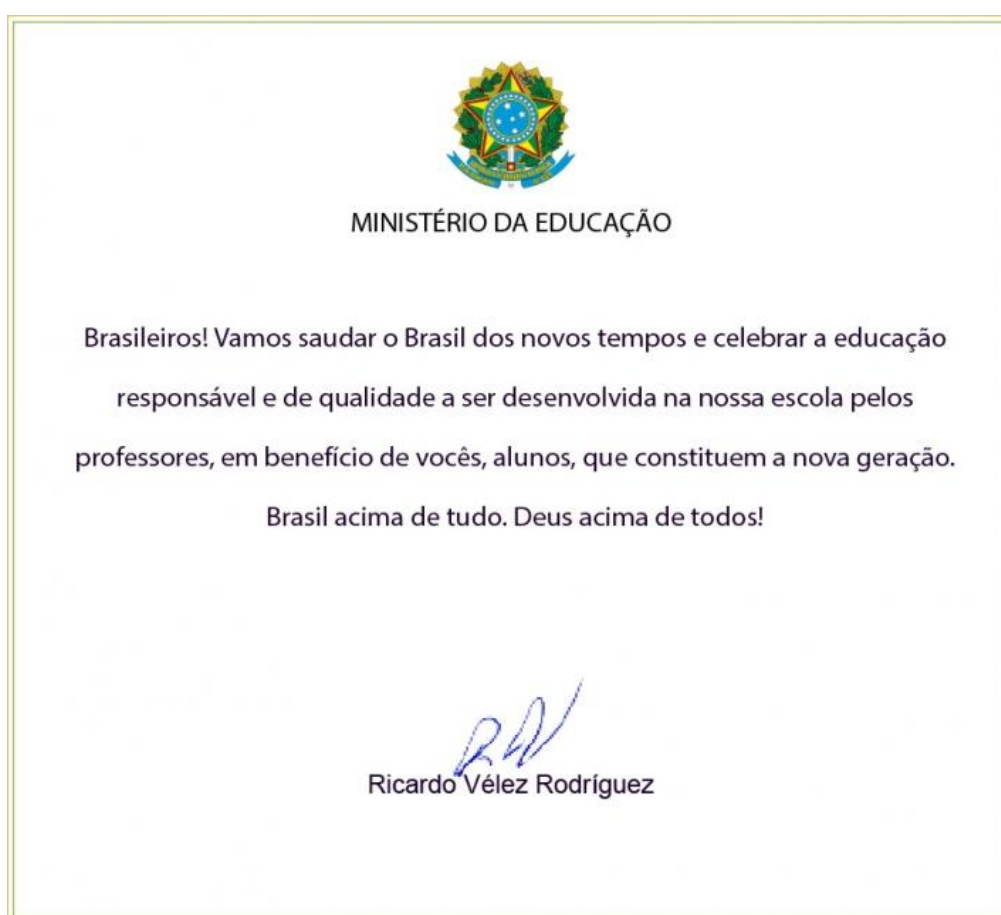
- ✓ Carta enviada pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas;
- ✓ Encontro entre o presidente Jair Bolsonaro e o presidente americano Donald Trump;
- ✓ Prisão do ex-presidente Michel Temer investigado por corrupção.

4.3.1 – Carta enviada pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas

Contexto: No dia 25 de fevereiro de 2019, o Ministério da Educação (MEC) enviou por e-mail para todas as escolas, públicas e privadas, do país uma carta com orientações aos diretores das instituições de ensino. No e-mail, os dizeres eram os seguintes: “*Prezados Diretores, pedimos que, no primeiro dia da volta às aulas, seja*

lida a carta que segue em anexo nesta mensagem, de autoria do Ministro da Educação, Professor Ricardo Vélez Rodríguez, para professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira do Brasil (se houver) e que seja executado o hino nacional. Solicita-se, por último, que um representante da escola filme (pode ser com celular) trechos curtos da leitura da carta e da execução do hino nacional. E que, em seguida, envie o arquivo de vídeo (em tamanho menor do que 25 MB) com os dados da escola”.

A carta anexa ao e-mail enviado às escolas é reproduzida a seguir.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 2019, on-line.

O envio do e-mail às escolas gerou polêmica, pois, na carta, a reprodução do slogan de campanha do presidente Jair Bolsonaro (“*Brasil acima de tudo. Deus acima de todos*”) foi considerada por especialistas como improbidade administrativa, uma vez que a Constituição Federal proíbe o uso de nomes, símbolos e imagens que venham caracterizar promoção pessoal de agentes públicos. Outro ponto controverso

é o pedido de que a leitura fosse filmada e as imagens enviadas ao MEC, pois o uso de imagem, principalmente de crianças e adolescentes, precisa de expressa autorização dos pais ou responsáveis.

O fato foi retratado pela mídia e serviu de gatilho para demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do cargo de Ministro da Educação semanas depois do ocorrido. A seguir, estão as análises dos textos-reduzidos sobre a repercussão do acontecimento feita pelos veículos OESP, FSP, *Isto é* e *Época*.

As notícias foram publicadas pelos jornais no dia 26 de fevereiro de 2019, ou seja, um dia após a data do acontecimento. Nas reportagens das revistas, o fato foi retratado pela *Isto é*, no dia 28 de fevereiro de 2019, três dias depois do ocorrido, e, pela *Época*, no dia 04 de março de 2019, 11 dias após o acontecimento.

Chamadas da capa, manchetes e linhas finas

Chamada de capa – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>MEC pede a escolas Hino e leitura de lema de Bolsonaro.</i>
Folha de S. Paulo	<i>MEC pede a escola que filme alunos cantando hino nacional.</i>
Isto é	<i>Escola com partido.</i>
Época	Não possui.

Chamada de capa – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	Não possui.
Folha de S. Paulo	Não possui.
Isto é	<i>Ao propor filmar crianças cantando o hino e ode a slogan, ministro expõe sanha doutrinária.</i>
Época	Não possui.

Notícia e reportagem – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>MEC pede a escolas que filmem alunos durante 'Hino' e cita slogan de Bolsonaro.</i>
Folha de S. Paulo	<i>MEC pede a escolas para que cantem hino e filmem alunos.</i>
Isto é	<i>Escola com partido: invasão de privacidade e doutrinação ideológica.</i>
Época	<i>Vélez senta e não para, ele toca o terror.</i>

Notícia e reportagem – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	<i>Carta enviada a instituições públicas e particulares por ministro surpreendeu educadores e advogados, que consideram a ação questionável judicialmente. Governo alega que atividade faz parte da 'política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais'.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Pedido foi feito pelo ministro Ricardo Vélez Rodríguez por e-mail a diretores.</i>
Isto é	<i>O ministro da Educação, Ricardo Vélez, divulga comunicados em que revela irresponsabilidade e pendor ditatorial.</i>
Época	<i>Ministro da Educação é um desastre de grandes proporções numa área crucial para o Brasil.</i>

Análise: Ao comparar as chamadas de capa, manchetes e linhas finas das notícias e reportagens publicadas pelos veículos, é possível constatar que todos os veículos atribuíram valor negativo ao fato. OESP, FSP e *Isto é* dão foco ao pedido de que os alunos fossem filmados cantando o hino e ao uso do slogan da campanha do presidente Jair Bolsonaro descrito na carta.

Os títulos dos jornais nas chamadas de capa e nas suas respectivas notícias são semelhantes, havendo poucas trocas de palavra por um sinônimo ou o acréscimo de uma informação, como comprovado a seguir:

Manchetes OESP:

Capa: *MEC pede a escolas Hino e leitura de lema de Bolsonaro.*

Notícia: *MEC pede a escolas que filmem alunos durante 'Hino' e cita slogan de Bolsonaro.*

Manchetes FSP:

Capa: *MEC pede a escola que filme alunos cantando hino nacional.*

Notícia: *MEC pede a escolas para que cantem hino e filmem alunos.*

As chamadas de capa e manchetes publicadas pelos jornais são construídas com base no fato, ou seja, na informação, e a seleção lexical comprova isso, pois os títulos procuram descrever o acontecimento. O OESP dá destaque também ao fato de o slogan da campanha de Bolsonaro estar expresso na carta enviada às escolas, enquanto a FSP não traz essa informação nos títulos e destaca apenas o pedido de que os alunos devessem ser filmados durante a execução do hino.

Nas chamadas de capa, o OESP e a FSP não utilizam linha fina. Já, na página da notícia, a linha fina do OESP traz informações adicionais ao título da manchete, pois destaca que a carta causou indignação entre diretores de escolas e advogados e poderia inclusive ser questionada judicialmente. O jornal também traz a defesa do governo em relação ao ocorrido, como pode ser verificado a seguir:

Linha fina OESP:

Carta enviada a instituições públicas e particulares por ministro surpreendeu educadores e advogados, que consideram a ação questionável judicialmente. Governo alega que atividade faz parte da 'política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais'.

A linha fina da FSP apenas complementa a informação de que o pedido havia sido feito por Ricardo Vélez Rodríguez, dado óbvio, pois ele, como ministro na época, era autoridade mais importante do MEC e provavelmente o responsável por assinar documentos como uma carta enviada a todas as escolas do País.

Linha fina da Folha:

Pedido foi feito pelo ministro Ricardo Vélez Rodríguez por e-mail a diretores.

Já as revistas, nos textos-reduzidos de chamada de capa, manchetes e linhas finas, além do valor negativo atribuído ao acontecimento, expressam de maneira mais explícita suas opiniões em relação ao ocorrido. O título da chamada de capa da revista *Isto é* (“Escola com partido”) faz alusão ao movimento criado em 2004 pelo procurador e advogado Miguel Nagib, “Escola sem partido”, um programa controverso que propõe que as escolas devam se isentar de qualquer doutrinação ideológica.

Chamada de capa *Isto é*:

Manchete: *Escola com partido*

Linha fina: *Ao propor filmar crianças cantando o hino e ode a slogan, ministro expõe sanha doutrinária.*

A troca da preposição “sem” por “com” indica a ideia de que, sob o comando do ministro Ricardo Vélez Rodríguez, as escolas no país teriam sim um partido, no caso, o partido do presidente Jair Bolsonaro, uma vez que o seu slogan estava reproduzido no documento enviado às escolas. Percebe-se, então, que a chamada de capa da *Isto é* só faz sentido com as informações adicionais da linha fina, que reforçam a posição da revista: “*filmar crianças, ode a slogan e sanha doutrinária*” são as escolhas lexicais que deixam claro o posicionamento da publicação.

Assim como na chamada de capa, a manchete e linha fina da reportagem publicada pela revista *Isto é* sobre a carta enviada às escolas enfatizam mais uma vez o desígnio da revista em criticar a postura do MEC ao pedir que as escolas cantem o hino, filmem os alunos e reproduzam o slogan da campanha de Bolsonaro. Além disso, as expressões “*irresponsabilidade e pendor ditatorial*” reforçam a avaliação da publicação sobre o fato, resumido, no título, pela expressão “Escola com partido”.

Reportagem *Isto é*:

Manchete: *Escola com partido: invasão de privacidade e doutrinação ideológica.*

Linha fina: *O ministro da Educação, Ricardo Vélez, divulga comunicados em que revela irresponsabilidade e pendor ditatorial.*

Diferentes das demais publicações, a revista *Época* não destaca o ocorrido na capa da revista. A manchete da reportagem publicada pela revista – 11 dias após o fato ter acontecido – faz críticas a Ricardo Vélez Rodríguez, mas não mencionado o fato de o MEC ter enviado às escolas a polêmica carta em seus textos-reduzidos manchete e linha fina.

Reportagem *Época*:

Manchete: *Vélez senta e não para, ele toca o terror.*

Linha fina: *Ministro da Educação é um desastre de grandes proporções numa área crucial para o Brasil.*

O título da reportagem da *Época* ironiza a postura do ministro e faz uma analogia com a letra do *funk* da cantora Anitta “Terremoto”, em que em um dos seus refrões diz: “*Ela senta e não para, ela toca o terror*”. Na manchete, “*Vélez senta e não*

para, ele toca o terror”, a palavra terror é usada em seu sentido literal, ou seja, o ministro da Educação, segundo a publicação, não para de provocar medo. Já na linha fina, as escolhas das palavras “*desastre de grandes proporções*” reforçam o posicionamento do veículo.

Comparação: Os títulos e linhas finas dos jornais OESP, FSP e das revistas *Isto é* e *Época* sobre a carta enviada às escolas e assinada pelo então ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, refletem a desaprovação das publicações em relação ao acontecimento. É possível constatar, no entanto, que as notícias publicadas pelos jornais constroem suas chamadas de capa, manchetes e linhas finas tendo como base a descrição do fato, mesmo que as escolhas lexicais induzam ao posicionamento da publicação.

A revista *Isto é* se vale também da descrição do fato nos títulos e manchetes, mas, a partir deles, expressa uma posição crítica da revista em relação ao ocorrido, que pode ser verificado por meio das expressões “*sanha doutrinária, doutrinação ideológica, irresponsabilidade e pendor ditatorial*”.

Já a revista *Época*, por tratar do tema um pouco mais tarde, faz uma avaliação das ações do ministro da Educação, mas não menciona o acontecimento em si. A revista foi a publicação que mais demorou para falar sobre o assunto e optou por um título que generaliza a atuação do então ministro da Educação, dando a entender que o episódio da carta já era de conhecido pelo público-leitor.

Leads

Chamada de capa – lead

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>Comunicado do Ministro da Educação a todas as escolas do País pede a leitura de carta a alunos, professores e funcionários com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, recomenda que estudantes sejam “perfilados diante da bandeira do Brasil” e que seja tocado o Hino Nacional, informa Renata Cafardo. A mensagem pede que o ato seja filmado e o vídeo enviado ao governo.</i>
Folha de S. Paulo	<i>O Ministério da Educação enviou a escolas carta em que pede que alunos, professores e funcionários sejam colocados em fila para cantar o hino nacional diante da bandeira do Brasil. O texto também pede que a cena seja filmada e enviada ao governo.</i>

Isto é	Não possui.
Época	Não possui.

Notícia e reportagem - *lead*

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>O Ministério da Educação (MEC) enviou ontem para todas as escolas do País um e-mail pedindo que seja lida uma carta aos alunos, professores e funcionários com o slogan da campanha de Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.” O comunicado recomenda ainda que todos estejam “perfilados diante da bandeira do Brasil” e que seja tocado o Hino Nacional. Por último, pede que as escolas filmem as crianças nesse momento e enviem os vídeos ao governo. A mensagem foi revelada ontem pelo <estadão.com.br>.</i>
Folha de S. Paulo	<i>O Ministério da Educação enviou a escolas do País uma carta em que pede para que alunos, professores e funcionários sejam colocados em fila para cantar o hino nacional em frente à bandeira do Brasil. O documento também pede que o momento seja filmado e enviado ao novo governo.</i>
Isto é	<i>Sem aviso veio uma carta divulgada para escolas públicas e privadas de todo o País em que o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, usa o slogan da campanha de Bolsonaro “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!” e convoca todos os jovens cidadãos a saudarem “o Brasil dos novos tempos”. Junto saiu um pedido para que garotas e garotos perfilados e cantando o hino nacional fossem filmados por representantes de escolas públicas e privadas e os vídeos enviados para o e-mail do Ministério e do Gabinete da Presidência. Foi uma tentativa de construir um circo patriótico e exaltar o novo governo. E também uma lambança com viés ditatorial. Ainda que não haja problema em cantar o hino, o ministro conseguiu, com seus comunicados, incorrer em pelo menos dois erros graves: doutrinação ideológica e invasão da privacidade. Não se pode usar um slogan eleitoral para promover atos governamentais, o que caracteriza propaganda irregular. Tampouco se pode filmar e divulgar vídeos de crianças e adolescentes fazendo o que quer que seja nas escolas sem autorização de seus pais.</i>
Época	<i>Não há registro de que o colombiano Ricardo Vélez Rodríguez, nosso ministro da Educação, seja um grande fã de blocos de Carnaval. Se fosse, talvez tivesse ouvido “Terremoto”, o último sucesso de Anitta que tem embalado milhares de foliões. Como Vélez já disse que funk não é manifestação cultural, é muito pouco provável que tenha ouvido a música por conta própria em casa ou no carro. Ou seja, é quase impossível que tenha se inspirado no nome da música. Mas é difícil pensar em outra palavra que não seja terremoto para descrever seus primeiros meses na Esplanada dos Ministérios.</i>

Análise: Os *leads* da chamada de capa e da notícia do jornal OESP são construídos a partir do fato noticioso. O jornal mantém o foco negativo apresentado nas manchetes e linha fina, mostrando que as orientações do Ministério da Educação

dadas às escolas brasileiras mascaram controle e imposição ideológica por parte do governo, o que pode ser verificado pelas expressões: “*pede leitura*”, “*recomenda que estudantes sejam perfilados diante da bandeira*”, “*seja tocado o Hino Nacional*” e “*pede que as escolas filmem crianças*”.

Já os *leads* da capa e da notícia publicados pela FSP dão ênfase à orientação do MEC de que alunos, professores e funcionários devem cantar o hino em frente à bandeira e que o ato seja filmado e o vídeo mandado ao governo. O jornal, no entanto, diferente do OESP não menciona o uso do slogan da campanha do presidente Jair Bolsonaro nos textos-reduzidos sobre o acontecimento.

Diferente dos, que falam sobre o acontecimento no dia seguinte, a revista *Isto é*, por relatar o fato dias depois de ele ter ocorrido, não conta mais com o novo. O *lead*, embora situe o leitor sobre o fato ocorrido, dá mais ênfase à opinião do veículo em relação ao fato, o que pode ser verificado pelos trechos: “*tentativa de construir um circo patriótico*” e “*lambança com viés ditatorial*”.

O *lead* da revista *Época* não fala sobre o acontecimento, ou seja, não situa o público-leitor em relação ao fato em si. No primeiro parágrafo da reportagem, é feita uma analogia entre a postura do ministro e a letra música da cantora Anitta “Terremoto”, termo que, segundo a revista, descreve os primeiros meses de Vézé no cargo de Ministro da Educação. O fato de a reportagem ter sido publicada quase duas semanas após o fato ter ocorrido induz que a revista acredita que acontecimento já seja conhecido pelo público-leitor, pois houve ampla divulgação da mídia sobre o ocorrido.

Comparação: A partir da análise e comparação dos primeiros parágrafos (*leads*) publicados pelos jornais e pelas revistas, é possível perceber que os jornais relatam o acontecimento e atribuem valor negativo a ele, mas não trazem nenhum tipo de avaliação explícita em seus textos. A preocupação principal é situar o leitor em relação ao ocorrido e os jornais, por tratarem da informação em um momento próximo ao do acontecimento, apresentam maior descrição do fato.

A revista *Isto é*, além disso, atribui valor negativo ao fato a partir do *lead* e faz críticas ao acontecimento. O posicionamento da revista pode ser verificado por meio das escolhas lexicais: “*Foi uma tentativa de construir um circo patriótico e exaltar o*

novo governo. E também uma lambança com viés ditatorial”, “o ministro conseguiu, com seus comunicados, incorrer em pelo menos dois erros graves: doutrinação ideológica e invasão da privacidade”.

A *Época*, por sua vez, ao construir seu *lead*, o faz em decorrência da concepção de que o leitor já tem conhecimento do fato, uma vez que a reportagem foi publicada mais de dez dias depois do acontecimento, por isso, deixa as explicações do fato de escanteio entendendo que o seu leitor já saiba do episódio da carta e só menciona o ocorrido no decorrer do texto. A revista procura fazer uma avaliação geral sobre as desordens do ministro, comparando-o a um terremoto, uma vez que suas decisões podem causar pânico.

Pode-se afirmar que, comparando os *leads* das notícias e das reportagens, os jornais, para construção das suas notícias, priorizam a descrição do acontecimento, enquanto a revista *Isto é*, embora mantenha a descrição do acontecimento assim como os jornais, acrescenta a avaliação da revista sobre o fato, e a *Época* não apresenta descrição do fato em si e, de forma generalizada, critica as ações do ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez.

Categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo

A partir das análises e comparações dos textos-reduzidos – manchetes, linhas finas e *leads* – das notícias e das reportagens sobre a carta enviada às escolas pelo MEC, é possível constatar que os jornais OESP e FSP se valem das categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* para a construção de suas notícias.

A categoria *Atualidade* se justifica pelo fato de as notícias terem sido publicadas um dia após o acontecimento ter ocorrido, ou seja, no jargão jornalístico “quente”. Embora os portais de notícia tenham reproduzido a informação no dia em que ela ocorreu, como é de costume, o fato é considerado novo, atual.

Já a categoria *Inusitado* se justifica pelo fato de ambos os jornais terem dado ao acontecimento foco principal ao pedido do MEC de que os alunos fossem filmados cantando o hino, solicitação considerada incomum dentro das cognições sociais, pois não se pode filmar crianças e adolescentes sem expressa autorização dos pais.

O OESP foi além e ainda classificou como irregular o pedido do Ministério da Educação da leitura do slogan de campanha do presidente Jair Bolsonaro presente na carta – ato considerado improbidade administrativa, ou seja, ilegal.

A revista *Isto é*, por sua vez, se vale também das mesmas categorias semânticas na construção de seus textos-reduzidos, uma vez que o fato foi retratado pela publicação três dias após ele ter ocorrido, ou seja, ele ainda, na ocasião, era considerado novo. O *Inusitado* também está presente, mas ele ganha teor mais escandaloso, ou seja, sensacionalista e que pode ser comprovado pelas expressões: “sanha doutrinária”, “invasão de privacidade”, “doutrinação ideológica”, “irresponsabilidade e pendor ditatorial”, “circo patriótico”, “lambança com viés ditatorial” – todas usadas para a construção das manchetes, linhas finas e do *lead* da reportagem.

A revista *Época* não menciona nos seus textos-reduzidos o acontecimento em si, ou seja, não se vale das categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* para a construção dos textos-reduzidos da reportagem. A publicação opta pelo tom opinativo e sensacionalista para criticar as ações do ministro. O fato de ele ter assinado uma carta do MEC enviada às escolas é mencionado somente no decorrer do texto, sendo apenas um exemplo das ações relatadas na reportagem. A revista dá a entender que, por ter ocorrido 11 dias antes da publicação, o fato noticioso já era de conhecimento do público-leitor e não o privilegiou na construção dos textos-reduzidos.

Dentro das cognições sociais do que é moral ou imoral, certo ou errado, lícito ou ilícito, é lícito que o MEC mantenha diálogo com as instituições de ensino do país e até passe algumas orientações, o fato de o MEC, no entanto, ter mandado um comunicado às escolas pedindo a leitura de uma carta com a reprodução do slogan da campanha presidencial de Jair Bolsonaro e a filmagem dos alunos perfilados e cantado o hino foi tratado pelas publicações OESP, FSP e *Isto é* como ilícito. A repercussão do ocorrido foi tamanha que, semanas depois, Ricardo Vélez Rodríguez foi demitido do cargo de Ministro da Educação pelo presidente Jair Bolsonaro.

Elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos

Elementos						
Veículos	Manchete de capa	Linha fina de capa	Lead de capa	Manchete principal	Linha fina principal	Lead principal
O Estado de S. Paulo	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Folha de S. Paulo	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Isto é	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Época	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim

A partir das comparações dos elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e reportagens, é possível constatar que a o fato foi destaque de capa de três dos quatro veículos analisados: OESP, FSP e *Isto é*. As notícias de jornal privilegiam a manchete e o *lead* na capa, renunciando à linha fina, enquanto a revista *Isto é*, na chamada de capa, opta pela manchete e a linha fina até mesmo por uma questão de espaço, pois as capas dos jornais são maiores que as das revistas. A *Época* não dá destaque em sua capa ao fato e os textos-reduzidos que compõem a notícia e reportagem seguem exatamente a mesma estrutura: manchete, linha fina e *lead*, ou seja, repetem o mesmo padrão.

4.3.2 – Encontro entre o presidente Jair Bolsonaro e o presidente americano Donald Trump

Contexto: Entre os dias 17 e 20 de março de 2019, o presidente Jair Bolsonaro viajou para os Estados Unidos na companhia de seis ministros e seu filho Eduardo Bolsonaro, deputado federal, para encontro com o presidente Donald Trump. A viagem foi considerada a primeira realizada por Bolsonaro como presidente com caráter bilateral, ou seja, em que há interesses comerciais a serem tratados com o país de destino.

A imprensa acompanhou todos os passos do presidente e da sua comitiva enquanto estiveram em solo americano. O momento mais importante da viagem, no entanto, ocorreu no dia 19 de março, quando Jair Bolsonaro e Donald Trump se encontraram oficialmente na Casa Branca, em Washington, D.C. As notícias e reportagens analisadas a seguir tratam dos acordos anunciados durante o encontro oficial entre os dois presidentes.

Entre as pautas discutidas no encontro entre os dirigentes, destacaram-se: o apoio que os Estados Unidos daria ao Brasil para sua entrada na Organização para

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conhecida como “clube dos países ricos”, e a probabilidade de o Brasil apoiar os Estados Unidos em uma possível intervenção militar na Venezuela, uma vez que na época havia uma tensão entre o presidente americano Donald Trump e o presidente venezuelano Nicolás Maduro.

O encontro entre os dois presidentes foi repercutido pelos jornais no dia 20 de março de 2019, ou seja, um dia após o fato ter ocorrido. Vale destacar que neste dia houve uma repercussão ampla dada pelos jornais impressos com pequenas *suítes*, ou seja, pequenas notícias sobre os desdobramentos do encontro. As notícias escolhidas para a análise, no entanto, são as principais, isto é, as que tiveram maior destaque nos jornais. E as reportagens sobre o assunto nas revistas, foram publicadas no dia 25 de março de 2019, na *Isto é*, e no dia 27 de março de 2019, na *Época*, cerca de uma semana após o acontecimento.

Chamadas da capa, manchetes e linhas finas

Chamada de capa – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>Bolsonaro não descarta opção militar contra Maduro.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Trump apoia a entrada do Brasil em clube dos ricos.</i>
Isto é	<i>Diplomacia subserviente?</i>
Época	<i>Submissão cumprida.</i>

Chamada de capa – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	<i>Questionado se apoiaria intervenção na Venezuela, desconversou: ‘Há questões que não podem ser divulgadas’.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Em visita aos EUA, Bolsonaro não descarta suporte a ação militar na Venezuela.</i>
Isto é	<i>Governo Bolsonaro transforma encontro com o presidente Donald Trump em panaceia pró-EUA.</i>
Época	<i>A viagem de Bolsonaro aos EUA.</i>

Notícia e reportagem – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>Bolsonaro oferece a Trump fidelidade total em troca de promessas inéditas.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Bolsonaro cede, e Trump apoia adesão do Brasil a clube dos Países mais ricos.</i>
Isto é	<i>EUA acima de tudo.</i>
Época	<i>Brasucas em Washington.</i>

Notícia e reportagem – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	<i>Brasileiro encerra visita aos EUA tendo ampliado cooperação militar, aberto mercado para produtos americanos e afinado pressão contra Maduro; em retribuição, obteve apoio para entrada do Brasil na OCDE e um status especial na Otan.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Brasileiro abre mão de tratamento preferencial na OMC; encontro coroa alinhamento ideológico dos dois líderes.</i>
Isto é	<i>O que representa para o Brasil o alinhamento automático do País com os Estados Unidos, evidenciado no primeiro encontro de Bolsonaro com Donald Trump depois da posse.</i>
Época	<i>A comitiva brasileira encerra visita a Trump trazendo na bagagem promessas, deslizes e constrangimento.</i>

Análise: A partir das análises das manchetes e linhas finas dos jornais e revistas, é possível verificar que todos os veículos atribuíram ao fato foco negativo, avaliando como ruim a viagem do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos. Os jornais se valeram de manchetes construídas a partir da descrição da informação, ou seja, do fato em si, mas as revistas não.

Como os títulos das manchetes de capa e das manchetes das notícias e reportagens não se repetem nos textos selecionados, as análises serão feitas separadas. Primeiro, as análises das manchetes e linhas finas das chamadas de capa dos jornais e revistas. Em seguida, as análises das manchetes e linhas finas das notícias e reportagens.

O OESP, na manchete e linha fina de capa, dá destaque ao fato de presidente Bolsonaro não descartar um possível apoio aos Estados Unidos para uma suposta intervenção militar na Venezuela. A seleção lexical comprava isso e uma declaração do próprio presidente é usada na construção da linha fina (“Há questões que não podem ser divulgadas”), dando a entender que Bolsonaro não negou nem confirmou o hipotético apoio.

Chamada de capa Estadão:

Manchete: *Bolsonaro não descarta opção militar contra Maduro.*

Linha Fina: *Questionado se apoiaria intervenção na Venezuela, desconversou: ‘Há questões que não podem ser divulgadas’.*

A FSP, na chamada de capa, opta por destacar na manchete que o presidente americano, Donald Trump, apoiaria o Brasil a entrar no “clube dos ricos” e, na linha fina, dá ênfase ao fato de Bolsonaro apoiar uma possível ação militar na Venezuela. O jornal constrói a manchete e linha fina como se um apoio compensasse o outro, ou seja, como se fosse uma troca de favores entre os dois países.

Chamada de capa Folha:

Manchete: *Trump apoia a entrada do Brasil em clube dos ricos.*

Linha Fina: *Em visita aos EUA, Bolsonaro não descarta suporte a ação militar na Venezuela.*

A revista *Isto é*, por sua vez, constrói a chamada de capa, dando ênfase à submissão do Brasil diante dos Estados Unidos. A manchete de capa traz uma indagação: “Diplomacia subserviente?”, indicando o posicionamento do veículo sobre o fato. É importante destacar que manchetes em forma de pergunta induzem o leitor a refletir sobre a questão em si. No entanto, a linha fina da *Isto é* responde ao questionamento feito na manchete, afirmando que o Brasil estaria mesmo disposto a ser o remédio para os males do país americano, ou seja, estaria disposto a servi-lo. Nessa explicação, é utilizada a expressão “subserviente”, que indica que o Brasil estaria servindo aos Estados Unidos. Como pode ser verificado a seguir:

Chamada de capa Isto é:

Manchete: *Diplomacia subserviente?*

Linha Fina: *Governo Bolsonaro transforma encontro com o presidente Donald Trump em panaceia pró-EUA.*

A revista *Época* repercute a visita do presidente Jair Bolsonaro aos EUA uma semana após o término do encontro entre os dois presidentes. A revista faz uma avaliação da visita de Bolsonaro aos EUA como um todo. A partir da manchete de capa, é possível perceber o posicionamento da revista sobre o fato em si. O título da chamada de capa “Submissão cumprida” deixa evidente o foco negativo dado pela revista.

Chamada de capa Época:

Manchete: *Submissão cumprida.*

Linha Fina: *A viagem de Bolsonaro aos EUA.*

O termo “submissão” indica “obediência” e, de acordo com a revista, foi essa a imagem que Bolsonaro passou ao se encontrar com o presidente americano. A linha fina da capa (“A viagem de Bolsonaro aos EUA”) explica apenas que tal a submissão cumprida tem relação com a viagem que o presidente brasileiro fez aos Estados Unidos para encontrar com Donald Trump.

Dando sequências às análises, serão apresentadas, a seguir, as análises dos títulos e linhas finas das notícias e das reportagens. Começando com o jornal OESP, que já havia destacado na manchete de capa que Bolsonaro poderia apoiar os Estados Unidos em uma possível intervenção militar na Venezuela. Na notícia principal, o jornal destaca que Bolsonaro prometeu a Trump “fidelidade total”.

Notícia OESP:

Manchete: *Bolsonaro oferece a Trump fidelidade total em troca de promessas inéditas.*

Linha fina: *Brasileiro encerra visita aos EUA tendo ampliado cooperação militar, aberto mercado para produtos americanos e afinado pressão contra Maduro; em retribuição, obteve apoio para entrada do Brasil na OCDE e um status especial na Otan.*

A partir das escolhas lexicais do título, percebe-se que a intenção do jornal é destacar a submissão do Brasil diante dos Estados Unidos. Oferecer “fidelidade total” significa ser obediente, ou seja, servir, mesmo que não se receba nada em troca ou se receba “promessas inéditas”. O termo “promessa” indica algo que não necessariamente possa vir ser cumprido, o inédito atribui valor negativo às promessas feitas pelo presidente americano.

A linha fina complementa as informações do título, detalhando quais foram os acordos firmados entre Brasil e Estados Unidos. Com a linha fina, o jornal quis destacar o desequilíbrio entre os acordos firmados entre Bolsonaro e Trump: enquanto

o presidente brasileiro ofereceu vantagens aos Estados Unidos, o país americano não retribuiu na mesma moeda, ou seja, não ofereceu nada de concreto.

A FSP também dá destaque a submissão do Brasil perante os Estados Unidos. O uso do verbo “ceder”, no título, indica que o Brasil abre mão e está disposto a qualquer tipo de acordo para receber apoio dos Estados Unidos. O título também indica qual a vantagem que o Brasil recebeu do país norte-americano: o apoio para entrar o clube dos ricos, que mais uma vez mostra a submissão do Brasil que precisa de apoio de outros países para fazer parte de um grupo seleto de nações.

Notícia FSP:

Manchete: *Bolsonaro cede, e Trump apoia adesão do Brasil a clube dos Países mais ricos.*

Linha fina: *Brasileiro abre mão de tratamento preferencial na OMC; encontro coroa alinhamento ideológico dos dois líderes.*

A linha fina da notícia da FSP explica o que o Brasil perdeu com o encontro, “o tratamento especial” que tinha na Organização Mundial do Comércio (OMC), e destaca que os dois presidentes possuem a mesma ideologia, ou seja, que defendem os mesmo valores e interesses.

Em consonância, a reportagem da revista *Isto é* traz uma avaliação do encontro entre os dois presidentes. O foco da reportagem é também criticar o encontro entre Jair Bolsonaro e Donald Trump. O título da reportagem (“EUA acima de tudo”) indica o servilismo do Brasil perante os Estados Unidos.

Reportagem Isto é:

Manchete: *EUA acima de tudo.*

Linha fina: *O que representa para o Brasil o alinhamento automático do País com os Estados Unidos, evidenciado no primeiro encontro de Bolsonaro com Donald Trump depois da posse.*

O título faz analogia ao slogan (“Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”) que o presidente brasileiro usava em sua campanha nas eleições de 2017. E a linha fina não traz uma indagação sobre o que de fato o encontro entre os dois líderes

representou. O uso da expressão “alinhamento automático” indica que nada de muito surpreendente foi firmado entre os dois países, pois sabe-se que tudo que é automático já foi programado, ou seja, não é novo.

A reportagem da revista *Época* sobre a visita do presidente brasileiro aos Estados Unidos para encontro com o presidente americano Donald Trump traz, em seu título e linha fina, um balanço negativo sobre o encontro entre os dois líderes. O título “Brasucas em Washington” já vem carregado de ironia, uma vez que a palavra “brasuca” é usada com tom pejorativo.

Reportagem *Época*:

Manchete: *Brasucas em Washington.*

Linha fina: *A comitiva brasileira encerra visita a Trump trazendo na bagagem promessas, deslizos e constrangimento.*

A linha fina da reportagem destaca que a viagem para os Estados Unidos não foi vantajosa para o Brasil, uma vez que o país trouxe na mala promessas, deslizos e constrangimento, ou seja, nada de concreto e sofreu situações constrangedoras no país visitado.

Comparação: A partir das análises dos títulos e linhas finas dos jornais e das revistas, percebe-se que todos os veículos dão destaque a posição de submissão do Brasil diante dos Estados Unidos nos seus títulos e linhas finas. Vale destacar, no entanto, que, nos jornais, tal valor não está evidente como nas revistas, ou seja, não existe o uso de expressões que apresentem objetivamente tal submissão.

Os títulos e as linhas finas dos jornais são mais descritivos, destacando, por exemplo, os acordos firmados entre os dois países e o desequilíbrio desses acordos, enquanto o Brasil ofereceu muitos benefícios, os Estados Unidos ficaram no campo das promessas. Já as revistas, por tratarem o fato tardiamente, criticam de forma negativa o encontro entre os dois presidentes e a viagem de Bolsonaro aos Estados Unidos.

É possível afirmar, portanto, que os jornais e as revistas, a partir das análises e comparações dos títulos e linhas finas, destacaram de maneira negativa a viagem

do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos, os jornais de maneira mais comedida e as revistas de maneira mais escandalosa.

Leads

Chamada de capa – lead

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>Após encontro, com Donald Trump, ontem, na Casa Branca, Jair Bolsonaro passou a adotar estratégia dos americanos e deixou em aberto as opções para a Venezuela ao ser questionado se apoiaria uma possível intervenção militar contra o regime de Nicolás Maduro, chamado por ele de ditador. “Tem certas questões que se você divulgar deixam de ser estratégicas”, disse o presidente brasileiro. “Assim sendo, essas questões se forem discutidas, se já não foram, não podem ser divulgadas.” Trump costuma dizer que “todas as opções estão na mesa”, o que foi repetido ontem, de acordo com Bolsonaro. “A certeza: nós queremos resolver essa situação, porque o Brasil está sendo prejudicado”, emendou. Em comunicado, os presidentes se comprometeram a manter o apoio a Juan Guaidó. Nos bastidores, autoridades americanas dizem que os EUA não pretendem investir em uma intervenção militar, mas preferem deixar a ameaça em aberto. Militares brasileiros também preferem descartar o apoio ao uso de armas no País vizinho.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Em reunião ontem na Casa Branca, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) conseguiu apoio do presidente dos EUA, o republicano Donald Trump, para a entrada do Brasil na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o clube dos Países ricos.</i>
Isto é	Não possui.
Época	Não possui.

Notícia e reportagem - lead

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>O encontro de ontem entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump selou a aproximação com os EUA que o Brasil buscava. Na Casa Branca, o brasileiro ofereceu a Trump apoio total e recebeu em troca concessões e promessas que estavam além do radar de negociadores e diplomatas brasileiros. De olho em vantagens econômicas, Bolsonaro endossou, por exemplo, a tática americana de apressar a queda de Nicolás Maduro na Venezuela.</i>
Folha de S. Paulo	<i>O presidente Jair Bolsonaro encerrou seu encontro com o líder americano Donald Trump nesta terça-feira (19) em Washington com um trunfo: o apoio dos EUA para a entrada do Brasil na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o clube dos Países ricos.</i>

Isto é	<p><i>Ao proferir, na década de 1950, sua célebre teoria de que o brasileiro sofre de um “complexo de vira-latas”, o jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues nos classificou como um “Narciso às avessas”. Ao contrário do personagem da mitologia que se apaixona pelo seu próprio reflexo, o brasileiro, na visão de Nelson Rodrigues, teria ojeriza ao que vê no espelho. Ao final do périplo feito aos Estados Unidos na sua primeira viagem internacional, o presidente Jair Bolsonaro e sua trupe parecem ter elevado ao máximo o “complexo de vira-latas” proposto por Nelson Rodrigues. Num excesso de deslumbramento, encantado com a presença do ídolo Donald Trump, o Brasil cedeu muito e recebeu muito pouco de volta. A muito ficou parecendo que Bolsonaro subvertia seu próprio slogan de campanha, que prega: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. No caso da viagem a Washington, a tônica pareceu ser: “Estados Unidos acima de tudo”. “É uma viagem para ser esquecida”, resumiu o historiador Marco Antonio Villa, na quarta-feira 20. “As constantes juras de amor aos Estados Unidos foram patéticas. Pairou no ar um deslumbramento nunca visto”, acrescentou. Ao final dos compromissos em Washington, Bolsonaro anunciou uma série de benesses aos norte-americanos, mas as contrapartidas americanas ficaram no campo das ideias e das promessas vagas.</i></p>
Época	<p><i>Quando o avião do presidente Jair Bolsonaro decolou, às 21h18 da terça-feira, na Base Aérea de Andrews, em Washington D.C., rumo a Brasília, a comitiva brasileira ainda celebrava aliviada o sucesso, na avaliação dos auxiliares palacianos, da viagem aos Estados Unidos. Para além de firmar aproximação com o presidente Donald Trump, a quem sempre admirou sem esconder, e buscar apoio para a entrada do Brasil no grupo de Países ricos, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e a chancela de aliado extra-Otan, o brasileiro desembarcou com a missão de fazer uma passagem menos traumática do que no Fórum Mundial de Davos, na Suíça, em janeiro, considerada decepcionante internamente e classificada como “fracasso” e “fiasco” na imprensa internacional.</i></p>

Análise: Os *leads* da capa e da notícia do OESP reafirmam a posição do jornal em relação ao foco dado a partir das manchetes e linhas finas, ou seja, a posição de submissão de Bolsonaro perante os Estados Unidos. No *lead* da chamada de capa, as seleções das palavras: “passou a adotar”, “deixou em aberto” e “Trump costuma dizer” demonstram o foco dado. Já o *lead* da notícia traz algumas construções que reafirmam tal submissão, por exemplo: no lugar de “fidelidade total” do título, no primeiro parágrafo, a expressão é substituída por “apoio total”. A palavra “apoio” tem carga menos negativa que “fidelidade”, que lembra a relação entre humanos e cachorros, mas a expressão “total”, mantida no título e no *lead*, indica que Bolsonaro aceitaria qualquer tipo de acordo com o país americano. O uso das palavras

“concessões” e “promessas” referentes ao que o Brasil conseguiu com os Estados Unidos reforçam mais uma vez o foco do jornal na posição de inferioridade do Brasil.

O uso do termo “concessão” indica aprovação de alguma coisa, ou seja, que o Brasil precisa do aval dos Estados Unidos para realizar qualquer feito, enquanto o termo “promessas”, como já afirmado anteriormente, significa “nada de concreto” e está no campo da subjetividade. O *lead* traz também a informação de que Bolsonaro faz coro ao posicionamento de Trump em relação a Venezuela, o que reforça a posição do Brasil de subordinação diante dos Estados Unidos.

Os *leads* da FSP também reforçam o foco dado pelo jornal em relação à viagem de Bolsonaro aos Estados Unidos, o da subordinação. No *lead* da capa, a expressão “conseguiu o apoio” indica tal submissão, uma vez que o Brasil precisa do aval dos Estados Unidos para entrar no clube dos Países ricos. Já no *lead* da notícia, a expressão “trunfo” indica “vitória”, a conquista, no entanto, é o apoio que os Estados Unidos estão dispostos a conceder para que o Brasil faça parte da OCDE, ou seja, apenas o seu consentimento. Se o Brasil precisa de apoio de outro país para conseguir fazer parte de um seleto grupo, significa que sozinho ele não é capaz de agir e precisa da autorização de outros países para realizar tal feito.

O *lead* da reportagem da revista *Isto é*, além de reforçar a avaliação negativa da viagem do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos, traz também a avaliação de um especialista afirmando que trata-se de uma viagem para ser esquecida, uma vez que o presidente não adotou a postura que se espera de um líder e mais parecia um fã conhecendo seu ídolo do que um encontro entre dois presidentes, que exercem a mesma função e merecem os mesmo tipo de tratamento. O primeiro parágrafo também destaca o desequilíbrio dos acordos firmados entre Bolsonaro e Trump, uma vez que o presidente brasileiro ofereceu vantagens concretas aos Estados Unidos e não recebeu nada de palpável.

Diferente dos *leads* dos jornais, que constroem o primeiro parágrafo a partir de informações ainda inéditas do fato ocorrido, a reportagem da revista *Época* traz em seu *lead* uma avaliação do fato, uma vez que o acontecimento já não é novo, mas, devido a sua relevância, merece destaque. A revista destaca, além da posição submissa do Brasil, que Bolsonaro tinha a missão de não repetir o mesmo feito do Fórum Mundial de Davos, ou seja, de acordo com a publicação, de fazer com que a viagem fosse menos decepcionante que a feita para a um pouco antes Suíça.

Comparação: A partir da análise e comparação dos *leads* dos jornais e das revistas, é possível perceber diferenças nas construções dos primeiros parágrafos das notícias quando comparadas com os primeiros parágrafos das reportagens, mas também semelhanças. Em todos os *leads* analisados, é possível constatar o valor negativo dado ao fato. Percebe-se, no entanto, que os jornais estão mais preocupados em trazer em seus *leads* as principais informações do acontecimento a fim de situar o público-leitor sobre o fato.

O jornal OESP constrói seus *leads* com foco na informação; o FSP constrói seus *leads* com foco principal na descrição da informação; já os *leads* das revistas *Isto é* e *Época* não seguem a mesma linha e trazem elementos novos em um tom mais avaliativo do que informativo, o que parece ser comum, uma vez que o fato em si não é mais novidade e precisa de elementos novos para parecer atrativo.

Em resumo, há diferenças evidentes na construção dos *leads* das notícias e reportagens. Enquanto o primeiro parágrafo da notícia está preocupado com a informação por se tratar de um evento novo, o da reportagem traz a avaliação do acontecido e evidencia a posição do veículo em relação ao acontecimento do que ao detalhamento do próprio acontecimento em si.

Categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo

A partir das análises e comparações dos textos sobre o encontro entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, é possível constatar, mais uma vez, que os jornais OESP e FSP se valem das categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* para a construção de suas notícias.

A categoria *Atualidade* pode ser verificada pelo fato de as notícias terem sido publicadas um dia após o acontecimento ter ocorrido e ser atual. Já a categoria *Inusitado*, pelo fato de ambos os jornais terem dado ao acontecimento o foco aos acordos desproporcionais firmados entre Brasil e Estados Unidos. Os jornais quiseram evidenciar a posição de submissão do presidente Jair Bolsonaro diante de Donald Trump, postura que não é usual, pois líderes precisam receber e dar tratamento de forma equivalente.

A revista *Isto é*, por sua vez, se vale também da categoria semântica *Inusitado*, entretanto, a categoria *Atualidade* não foi considerada, pois o fato foi retratado pela publicação cinco dias após ter ocorrido e já não era mais uma informação nova. O *Inusitado* está presente, mas ele ganha tom mais opinativo e sensacionalista e que pode ser comprovado pela seleção lexical usada pela revista para a construção das manchetes, linhas finas e *lead*, como, por exemplo, nas manchetes “Diplomacia subserviente?” e “Estados Unidos acima de tudo”.

Assim como a *Isto é*, a revista *Época* também se vale da categoria *Inusitado* para construção dos seus textos-reduzidos, discutindo que a viagem de Bolsonaro aos Estados Unidos só reforça a posição de submissão do Brasil diante do país comandado por Donald Trump, algo que não deveria ser considerado comum. A publicação também opta pelo tom opinativo e sensacionalista e que pode ser verificado pelas escolhas das palavras para construção dos textos-reduzidos, como no título de capa “Submissão cumprida” e no título da reportagem “Brasuca em Washington” e a palavra “constrangimento” presente na linha fina da reportagem.

Dentro das cognições sociais do que é lícito ou ilícito, ou seja, do que moral ou imoral, o encontro do presidente Jair Bolsonaro com Donald Trump e os acordos firmados entre os dois dirigentes são ações lícitas que foram tratadas como ilícitas pelas publicações.

Vale lembrar que o presidente brasileiro durante toda a sua campanha sempre defendeu – e agora como presidente também defende – que, sob o seu comando, o Brasil é soberano diante das demais nações, ou seja, tem o controle das decisões e só aceita ou faz aquilo que é vantajoso para si. As publicações destacaram nas notícias e reportagens, no entanto, que essa tal soberania, diante dos Estados Unidos, foi deixada de lado e contradiz o discurso do presidente.

Elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos

Elementos						
Veículos	Manchete de capa	Linha fina de capa	<i>Lead</i> de capa	Manchete principal	Linha fina principal	<i>Lead</i> principal
O Estado de S. Paulo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Folha de S. Paulo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Isto é	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Época	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

Os elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e reportagens se repetem, com exceção do *lead* da chamada de capa, que não é um elemento comum nas revistas.

4.3.3 – Prisão do ex-presidente Michel Temer investigado por corrupção

Contexto: No dia 21 de março de 2019, o ex-presidente Michel Temer foi preso por suposto envolvimento em um esquema antigo de corrupção. O mandado de prisão foi expedido pelo juiz Marcelo Bretas, do Rio de Janeiro, e a operação que prendeu Temer, denominada Operação Descontaminação, era um desdobramento da Operação Lava Jato.

Vale destacar que Temer foi segundo presidente, depois de Luiz Inácio Lula da Silva, a ser preso no Brasil pela hipotética prática de crime comum. Além do ex-presidente, no mesmo dia, Moreira Franco, ex-ministro de Minas e Energia de seu governo, e João Baptista Lima Filho, o Coronel Lima, amigo de Temer, também foram apreendidos.

Após quatro dias preso, Temer foi solto, após a Justiça aceitar o pedido de *habeas corpus* apresentado pelos advogados do ex-presidente. Em maio de 2019, o ex-presidente, novamente, retornou à prisão, após a Justiça derrubar o *habeas corpus* e dias depois conseguiu mais uma vez ser solto e responder ao processo em liberdade.

A prisão do ex-presidente foi amplamente divulgada pela imprensa e ganhou destaque em toda a mídia brasileira. Nos jornais, OESP e FSP, o fato foi repercutido no dia 22 de março de 2019, ou seja, um dia após ser decretada a prisão. Neste dia, houve uma repercussão ampla dada pelos jornais impressos com diversas notícias sobre a prisão do ex-presidente. As notícias escolhidas para a análise, no entanto, são as principais, ou seja, as que tiveram maior destaque nos jornais.

A revista *Isto é* destacou a prisão de Temer como chamada principal de capa na edição de 27 de março de 2019, e a revista *Época* repercutiu o assunto apenas em seu site e, por isso, a análise de seus textos sobre o assunto não será contemplada nesta pesquisa.

Chamadas da capa, manchetes e linhas finas

Chamada de capa – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>Temer é preso sob acusação de liderar organização criminosa.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Acusado pela Lava Jato de 40 anos de corrupção, Michel Temer é preso.</i>
Isto é	<i>Salve-se quem puder!</i>

Chamada de capa – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	<i>Moreira Franco e Coronel Lima também foram detidos / Procuradores citam contrainteligência para confundir a Lava Jato / Defesa chama prisão de 'barbaridade' / Bolsonaro diz que antecessor foi vítima de 'toma lá, dá cá' / Parlamentares falam em populismo penal.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Ex-ministro Moreira Franco e coronel Lima, amigo do ex-presidente, também são detidos. Para Procuradoria, grupo solicitou, pagou ou desviou R\$ 1,8 bi em propinas. Bretas justifica prisão preventiva para evitar destruição de provas.</i>
Isto é	<i>Prisão de Temer e de seus assessores próximos inaugura a era da tolerância zero na Lava Jato.</i>

Notícia e reportagem – manchete

Veículo	Manchete
O Estado de S. Paulo	<i>Acusado de liderar grupo criminoso, Temer é preso.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Temer é preso pela Lava Jato sob suspeita de liderar organização criminosa.</i>
Isto é	<i>A resposta da Lava Jato.</i>

Notícia e reportagem – linha fina

Veículo	Linha fina
O Estado de S. Paulo	<i>Emedebista é, depois de Lula, o 2º ex-presidente da República a ser detido após investigação criminal por suspeita de corrupção; ex-ministro Moreira Franco também é alvo da operação.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Detido 79 dias após deixar Planalto, emedebista é 2º presidente na cadeia por corrupção. Procuradoria diz que grupo age há 40 anos e cita R\$ 1,8 bi em propina pedida ou paga. Prisão fere lei, diz defesa.</i>
Isto é	<i>Ao reagir às pressões do STF, a Lava Jato manda para a cadeia o ex-presidente Michel Temer e os ex-ministro Moreira Franco, mas pode ter incorrido num erro crasso que joga contra o destino da própria operação: as prisões midiáticas carentes de prova.</i>

Análise: A partir das análises das manchetes e linhas finas das notícias e reportagens, é possível constatar que os jornais OESP e FSP dão destaque em suas notícias aos supostos motivos que levaram o ex-presidente Michel Temer à prisão, ou seja, ao seu envolvimento em um possível antigo esquema de corrupção. Já a revista *Isto é*, ao construir sua reportagem, dá um foco diferente ao fato noticioso, pondera a prisão e destaca que talvez a operação que prendeu Temer tenha sido um exagero.

Os títulos dos jornais nas chamadas de capa e nas suas respectivas notícias praticamente se repetem, havendo apenas troca de alguma palavra por um sinônimo ou o acréscimo de uma informação, como comprovado a seguir:

Manchetes OESP:

Capa: *Temer é preso sob acusação de liderar organização criminosa.*

Notícia: *Acusado de liderar grupo criminoso, Temer é preso.*

Manchetes FSP:

Capa: *Acusado pela Lava Jato de 40 anos de corrupção, Michel Temer é preso.*

Notícia: *Temer é preso pela Lava Jato sob suspeita de liderar organização criminosa.*

As manchetes do OESP são construídas com textos muito semelhantes, como diferença há apenas uma inversão na ordem de construção da frase. O foco dado pelo jornal é de que Temer estaria envolvido na liderança de um suposto grupo criminoso. Do mesmo modo, as manchetes da FSP dão foco ao fato de Temer estar envolvido em um esquema de corrupção e liderança de uma suposta organização criminosa.

As linhas finas das chamadas de capa e das notícias, no entanto, não se repetem e serão analisadas separadamente. A linha fina da chamada de capa do OESP traz os desdobramentos da prisão, como a avaliação do presidente Jair Bolsonaro (“Bolsonaro diz que antecessor foi vítima do ‘toma lá, dá cá’”) e o comentário da defesa do ex-presidente.

Linha fina chamada de capa OESP:

Moreira Franco e Coronel Lima também foram detidos / Procuradores citam contrainteligência para confundir a Lava Jato / Defesa chama prisão de ‘barbaridade’

/ Bolsonaro diz que antecessor foi vítima de ‘toma lá, dá cá’ / Parlamentares falam em populismo penal.

A linha fina da notícia do jornal OESP destaca que Temer é o segundo ex-presidente a ser preso no país. A linha fina também traz a informação complementar de que o ex-ministro Moreira Franco foi preso e tem envolvimento no mesmo esquema de corrupção.

Linha fina Estadão:

Emedebista é, depois de Lula, o 2º ex-presidente da República a ser detido após investigação criminal por suspeita de corrupção; ex-ministro Moreira Franco também é alvo da operação.

A linha fina da chamada de capa da FSP complementa a manchete com informações adicionais sobre o foco dado ao fato, como a prisão de outros envolvidos, os valores das propinas e a justificativa da prisão preventiva “evitar destruição de provas”.

Linha fina chamada de capa FSP:

Ex-ministro Moreira Franco e coronel Lima, amigo do ex-presidente, também são detidos. Para Procuradoria, grupo solicitou, pagou ou desviou R\$ 1,8 bi em propinas. Bretas justifica prisão preventiva para evitar destruição de provas.

A linha fina da notícia traz informações adicionais, como o fato de Temer ter deixado de ser presidente há pouco mais de dois meses, ser o segundo presidente brasileiro preso por corrupção, o valor que envolve tal esquema de corrupção e posicionamento da defesa que alega que a prisão fere a lei.

Linha fina OESP:

Detido 79 dias após deixar Planalto, emedebista é 2º presidente na cadeia por corrupção. Procuradoria diz que grupo age há 40 anos e cita R\$ 1,8 bi em propina pedida ou paga. Prisão fere lei, diz defesa.

Diferente dos jornais, que enfatizaram a prisão de Michel Temer por seu suposto envolvimento em um esquema antigo de corrupção, a revista *Isto é* pondera que a prisão não mostra a eficiência da operação Lava Jato, mas sim um posicionamento que pode ser perigoso por parte da Polícia Federal.

Na manchete da chamada de capa (“Salve-se quem puder!”) é evidenciado que qualquer um pode ser preso, ou seja, a Polícia Federal, ao invés de ser um órgão que fiscaliza e protege, passa a ser construída como uma instituição que ameaça e intimida. Na linha fina, quando fala que Temer e seus assessores inauguraram a era da tolerância zero, fica subentendido de outras prisões podem ocorrer.

Chamada de capa *Isto é*:

Manchete: *Salve-se quem puder!*

Linha Fina: *Prisão de Temer e de seus assessores próximos inaugura a era da tolerância zero na Lava Jato.*

De outro modo, a reportagem da revista *Isto é*, ao falar sobre a prisão de Temer, focou no possível abuso que a operação Lava Jato, da Polícia Federal, cometeu ao prender o ex-presidente. Por pressões do STF e para mostrar poder, a operação pode ter cometido um grande erro e prendeu o ex-presidente apenas para ganhar notoriedade na mídia, como pode ser verificado pelo uso das expressões “pode ter incorrido num erro crasso” e “prisões midiáticas”.

Reportagem *Isto é*:

Manchete: *A resposta da Lava Jato.*

Linha Fina: *Ao reagir às pressões do STF, a Lava Jato manda para a cadeia o ex-presidente Michel Temer e os ex-ministro Moreira Franco, mas pode ter incorrido num erro crasso que joga contra o destino da própria operação: as prisões midiáticas carentes de prova.*

Comparação: Ao comparar as manchetes e linhas finas dos jornais e da revista, percebe-se que os jornais dão destaque à prisão de Michel Temer por suposto envolvimento na liderança de uma organização criminosa por décadas e a descrição do fato em si, enquanto a revista, que repercute o fato quase uma semana após o

ocorrido, dá ênfase ao possível abuso que a Polícia Federal teria cometido ao prender o ex-presidente muitas provas a partir de um tom mais opinativo.

Leads

Chamada de capa – lead

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>O ex-presidente Michel Temer foi preso preventivamente ontem, quando saía de casa, em São Paulo, sob acusação de liderar organização criminosa que atuava “havia 40 anos”, segundo o MPF. A ação que levou o ex-presidente à cadeia é decorrente de investigação de supostos crimes de formação de cartel e pagamento de propina a executivos da Eletronuclear. Segundo procuradores, ele estaria envolvido com o pagamento de propinas e desvio de recursos, no valor de R\$ 1,8 bilhão. A defesa chamou a prisão de “barbaridade”. Também foram detidos o ex-ministro e o ex-governador do Rio Moreira Franco e João Baptista de Lima Filho, entre outros. Em sua decisão, o juiz da Lava Jato no Rio, Marcelo Bretas, cita que os acusados montaram “um braço de contrainteligência”, com o objetivo de vigiar responsáveis pelas investigações, destruíram provas e tentaram despistar a apuração do caso.</i>
Folha de S. Paulo	<i>Setenta e nove dias após deixar a Presidência, Michel Temer foi preso ontem pela Polícia Federal, a pedido da Lava Jato fluminense, em investigação que apura corrupção na construção de Angra 3.</i>
Isto é	Não possui.

Notícia e reportagem - lead

Veículo	Lead
O Estado de S. Paulo	<i>O ex-presidente Michel Temer foi preso preventivamente ontem, em São Paulo, por determinação do juiz Marcelo Bretas, titular da operação da Lava Jato no Rio. O emedebista, de 78 anos, é, depois de Luiz Inácio Lula da Silva, o segundo ex-presidente da República a ser preso após uma investigação criminal por suspeita de corrupção. Ele foi detido sem prazo determinado sob a acusação de liderar uma organização criminosa que atuava “há praticamente 40 anos”, segundo o Ministério Público Federal. A ação que levou o ex-presidente para uma cela na Superintendência da PF no Rio é decorrente de investigação que tem como base delação de José Antunes Sobrinho – da empreiteira Engevix – e apurou crimes de formação de cartel, fraude em licitações e pagamento de propinas em contratos da obra de Angra 3. Após decisão do Supremo Tribunal Federal, o caso foi desmembrado e remetido à Justiça Federal fluminense.</i>
Folha de S. Paulo	<i>O ex-presidente Michel Temer (MDB) foi preso na manhã desta quinta-feira (21) em São Paulo após pedido do juiz Marcelo Bretas, da força-tarefa da Lava Jato no Rio.</i>

Isto é	<i>As expressões “Estado Policial” e “jacobinismo de toga” frequentaram, nos últimos anos, o vocabulário dos maiores críticos da Operação Lava Jato. Eles, na maioria das vezes, não tinham razão. Mas ao mudar, na última semana, o padrão das prisões, - antes assentadas em provas – para a perigosa escala da espetacularização e da tolerância zero, a própria Lava Jato começa a fornecer combustível aos seus detratores e àqueles interessados em implodir com necessário combate à corrupção do País. O viés messiânico da Lava Jato nunca esteve tão exposto como agora. Senão vejamos.</i>
--------	---

Análise: Os *leads* da chamada de capa e da notícia sobre a prisão de Michel Temer do OESP dão ênfase à descrição detalhada da prisão e dos motivos que justificam a prisão, como a de que o ex-presidente estaria envolvido em um forte esquema de corrupção. O jornal tem como intenção destacar as razões que levaram Michel Temer à prisão. Enquanto, no *lead* da capa, o jornal destaca o posicionamento da defesa de Temer, que classifica como “barbaridade” a prisão, no *lead* da notícia, o posicionamento da defesa não é citado.

Os *leads* da chamada da capa e da notícia do jornal FSP também são construídos com foco no detalhamento do acontecimento e destacam que o ex-presidente foi preso pela operação Lava Jato por suposto envolvimento em um esquema de corrupção. Diferente dos *leads* do OESP, os *leads* da FSP não trazem nenhuma informação adicional sobre o fato, eles apenas repetem as informações contidas nas manchetes e linhas finas.

Diferentemente dos jornais, o *lead* da revista *Isto é* não destaca as razões que levaram Temer à prisão, mas critica a postura da Lava Jato de abusar da sua credibilidade para começar a prender sem provas suficientes quem bem entender. Ao afirmar que a Lava Jato possui viés messiânico, a revista quer dizer que a operação acredita que pode salvar o mundo com sua postura.

Comparação: Os jornais trazem em seus *leads* a informação da prisão de Michel Temer e seu suposto envolvimento em um forte esquema de corrupção, aventando a possibilidade de o ex-presidente ser o líder do grupo criminoso. Já o *lead* da revista *Isto é* critica a operação que prendeu o ex-presidente, insinuando que houve abuso de poder por parte da Polícia Federal por não ter provas suficientes para justificar a prisão, agindo apenas para inflar o próprio prestígio.

É possível afirmar que há diferenças no foco para construção dos *leads* das notícias e reportagens, pois, enquanto os jornais estão mais preocupados em explicar o fato, a revista prioriza o caráter opinativo que uma reportagem possui.

Categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo

A partir das análises e comparações dos textos-reduzidos sobre a prisão do ex-presidente Michel Temer, é possível constatar que os jornais OESP e FSP se valem das categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* para a construção de suas notícias.

A categoria *Atualidade* se verifica pelo fato de as notícias terem sido publicadas um dia após o acontecimento ter ocorrido, ou seja, ser atual, já a categoria *Inusitado*, pelo fato de ambos os jornais terem dado ao acontecimento o foco de que o ex-presidente Michel Temer foi preso e estaria envolvido em um antigo esquema de corrupção. A prisão de um presidente não é considerada um acontecimento usual.

A revista *Isto é*, por sua vez, se vale também da categoria semântica *Inusitado*, já a categoria *Atualidade* não é verificada, pois o fato foi retratado pela publicação quase uma semana após ele ter ocorrido e a informação já não era mais recente. O *Inusitado* está presente, mas diferente dos jornais, a categoria semântica dá ênfase às ações controversas da Polícia Federal por ter prendido o ex-presidente Temer sem provas concretas. A publicação, do mesmo modo que nas análises anteriores, faz opção pelo tom opinativo com teor sensacionalista e que pode ser comprovado pela escolhas das palavras para construção dos textos-reduzidos, como no título da chamada de capa “Salve-se quem puder!”

Dentro das cognições sociais do que é lícito ou ilícito, ou seja, do que moral ou imoral, a prisão de qualquer cidadão que comete crime é lícita, os jornais, no entanto, transformaram como ilícito o fato de um ex-presidente ser acusado de corrupção. Além disso, reportagem da *Isto é* atribuiu como ilícita a postura da Polícia Federal, que prendeu um ex-presidente sem justificativas plausíveis. Vale ressaltar, entretanto, que é lícito e dever da Polícia Federal prender mesmo que provisoriamente pessoas que cometam crimes.

Elementos que organizam a composição dos textos-reduzidos

Elementos						
Veículo	Manchete de capa	Linha fina de capa	<i>Lead</i> de capa	Manchete principal	Linha fina principal	<i>Lead</i> principal
O Estado de S. Paulo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Folha de S. Paulo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Isto é	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

Os elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e reportagens se repetem, com exceção do *lead* da chamada de capa, que não é um comum nas revistas.

Em síntese, este capítulo trata das análises e comparações das notícias e reportagens, a fim de se verificar o processo de construção da reportagem a partir de um fato noticioso, destacando as estratégias de construção dos gêneros reportagem e notícia que tratam do mesmo fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta dissertação, são retomados os objetivos nela propostos a fim de verificar se foram cumpridos:

O objetivo geral, contribuir com estudos sobre gêneros textuais do discurso jornalístico, foi atingindo, pois os resultados obtidos com as análises das estratégias de construção da reportagem a partir de um fato noticioso comparando os textos-reduzidos de uma notícia e de uma reportagem possibilitam rever ou projetar novas pesquisas sobre gêneros que pertencem ao discurso jornalístico.

Os objetivos específicos também foram cumpridos. A saber:

- a. Identificar as diferenças entre os gêneros notícia e reportagem a partir das análises dos textos-reduzidos: manchete e linha fina.

É possível afirmar que o primeiro objetivo específico foi cumprido, uma vez que as análises e comparações realizadas entre as manchetes e linhas finas de notícias e reportagens sugerem que o gênero textual notícia para a construção de seus textos-reduzidos prioriza a descrição do fato a partir de um foco e, na linha fina, traz informações adicionais à manchete que não são essenciais para que esta faça sentido. Já as manchetes e linhas finas da reportagem não têm a preocupação com a descrição do fato em si e os textos-reduzidos priorizam um tom mais opinativo. Como foi demonstrado, em algumas ocasiões, a linha fina se faz necessária para dar sentido ao título que sozinho acaba ficando incoerente.

Sendo assim, diferente da linha fina da notícia, que complementa as informações da manchete, trazendo novas informações sobre o fato, a linha fina das reportagens, muitas vezes, é essencial para dar sentido à manchete. É possível afirmar que título e linha fina de reportagem estabelecem, em algumas situações, relação de dependência para que haja sentido.

- b. Verificar quais as estratégias utilizadas para que um fato noticioso seja transformado em uma reportagem a partir da construção do *lead*.

O segundo objetivo específico proposto também foi cumprido a partir das análises realizadas neste estudo. As comparações da construção dos *leads* das notícias com a construção dos *leads* das reportagens possibilitaram constatar que as estratégias são diferentes.

Por um lado, o *lead* de uma notícia prioriza a descrição do fato a partir do foco dado pelo veículo, situando o público-leitor ao acontecimento, com detalhes sobre o ocorrido e respondendo perguntas que já pré-estabelecidas: quem, quando, onde, como, por que e para qual. Há um padrão para construção de *leads* de notícias e esse padrão dificilmente é desviado.

Por outro, o *lead* de uma reportagem, embora possa situar o público-leitor em relação ao acontecimento, é construído principalmente com enfoque no tom opinativo da publicação sobre o fato. Percebe-se que é um *lead* elaborado com liberdade, ou seja, não segue nenhum padrão.

- c. Comparar as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* e o sensacionalismo presentes nas notícias e reportagens.

O terceiro objetivo específico também foi atingindo a partir das análises realizadas nesta pesquisa. As comparações entre as estratégias de construção dos textos-reduzidos das notícias e reportagens possibilitam constatar que as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* são mais usuais na construção da notícia publicada em um jornal, que repercute o acontecimento no dia seguinte em que ele ocorreu e tem interesse por publicar o que normalmente não é comum.

Já na construção da reportagem, as categorias semânticas *Inusitado* e *Atualidade* são menos usuais, embora possam aparecer. Uma reportagem de revista que nasce de um fato noticioso dificilmente repercute o fato assim que ele ocorre, isso porque as revistas têm periodicidade mais espaçada que os jornais, que são publicados diariamente.

Para que uma reportagem de revista seja atrativa, outras estratégias são utilizadas, como o tom opinativo, que tende a ser também sensacionalista. As escolhas lexicais usadas para a construção dos textos-reduzidos das reportagens analisadas neste estudo provam isso, como por exemplo, os títulos e linhas finas das reportagens das revistas *Isto é* e *Época* sobre a viagem do presidente Jair Bolsonaro aos Estados Unidos.

Diante das categorias analisadas para construção das notícias e reportagens, é possível comprovar que a notícia se vale mais das categorias *Inusitado* e *Atualidade* para a construção de seus textos e a reportagem da opinião dotada de sensacionalismo.

- d. Conferir os elementos que organizam a composição das notícias e reportagens.

O último objetivo específico proposto nesta pesquisa também foi atingido. A partir das comparações dos elementos que compõem os textos-reduzidos das notícias e reportagens, é possível constatar que os elementos normalmente são os mesmos, ou seja, os textos-reduzidos das notícias e das reportagens são compostos por título, linha fina e *lead* que se repetem. O único elemento que não se repete é o *lead* da chamada de capa, que, nas reportagens de revista, não aparece.

Diante dos objetivos propostos e cumpridos neste trabalho, é possível verificar que a reportagem de revista, que nasce de um fato noticioso, não necessariamente é construída a partir das mesmas categorias e prioridades que uma notícia de jornal, uma vez que esta prioriza a descrição do fato e aquela, o tom opinativo e sensacionalista.

O que há em comum, no entanto, entre as estratégias de construção de uma notícia e de uma reportagem, além dos elementos que compõem os textos-reduzidos, é a tendência de transformar um acontecimento lícito em ilícito, como exemplo, os textos analisados sobre a viagem do presidente Jair Bolsonaro.

Os resultados obtidos nesta pesquisa reforçam a tese defendida por Saraiva (2016) de que a reportagem, quando comparada com a notícia, é um gênero textual de cunho opinativo.

Outra constatação alcançada a partir deste estudo corrobora a hipótese discutida por Paula (2017) de que o discurso jornalístico, independente do gênero, se vale do sensacionalismo para a construção dos seus textos, pois é a informação impactante, chocante que faz com que um jornal ou uma revista se torne atrativo e vendável.

Esta pesquisa não é conclusiva e os resultados apresentados merecem ser revistos e complementados com outros estudos e, principalmente, com a análise e comparação dos textos-expandidos das notícias e reportagens. Além disso, as novas tecnologias e os novos meios de consumir informação também têm contribuído com mudanças nas construções dos gêneros notícia e reportagem impressos, o que abre caminho para novos debates.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- AQUINO, Maria Aparecida. **Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978)**. O exercício cotidiano da dominação e da resistência o estado de São Paulo e movimento. Bauru - SP: Edusc, 1999.
- ASSOCIAÇÃO Nacional de Editores de Revistas (ANER)**. Disponível em: <<https://www.aner.org.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2019.
- ASSOCIAÇÃO Nacional de Jornais. **A indústria jornalística brasileira em 2017**. 2017. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/site/servicos/menindjornalistica/114-cenarios/742-a-industria-jornalistica-brasileira-em-2017.html>>. Acesso em: 21 dez. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, Liz. Estadão completa 145 anos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2020. Acervo Estadão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,estadao-completa-145-anos,70003143050>>. Acesso em: 18 jun. 2020
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: Pereira, Helena Bonito Couto; Atik, Luiza Guarnieri (org.). **Língua, literatura e cultura em diálogo**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- CAFARDO, Renata. MEC manda email para escolas pedindo que cantem o hino e leiam slogan da campanha. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2019. Educação. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-renata-cafardo/mec-manda-email-para-escolas-pedindo-que-cantem-o-hino-nacional-e-filmem-as-criancas/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CÍRCULO FOLHA. História da Folha. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- ÉPOCA. Nossa missão, **Revista Época**, 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG82723-5855,00.html>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. Projeto Editorial. Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GOMES, Gean Karlo; LIMA, Cynara Desiee de Vasconcelos da Graça. Os fatores da textualidade na produção escrita. **Anais II CONEDU - (2015)**. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

GUILHERME, Cássio Augusto S. A. A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal O Estado de S. Paulo. **Dimensões – Revista de História da UFES**, v. 40, 2018. p. 199-223.

GUIMARÃES, Doroti Maroldi. **A organização textual da opinião jornalística: nos bastidores da notícia**. 1999. 200 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, São Paulo, 1999.

INSTITUTO Verificador de Comunicação (IVC) <site>. Disponível em: <<https://ivcbrasil.org.br/#/home>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

KINTSCH, Walter; VAN DIJK, Teun A. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

KOCK, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual** – trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCK, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2018

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2011.

LEVIN, Tereza. Época e Galileu devem sair de circulação em 2020. **Meio & Mensagem**, 2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/11/27/epoca-e-galileu-devem-sair-de-circulacao-em-2020.html>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

MAYRINK, José Maria. Acervo mostra as marcas de censura. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 maio 2020. Acervo Estadão. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,acervo-mostra-as-marcas-de-censura,113609e>>. Acesso em: 17 jun. 2020

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**, v. 1, n. 1, 20 out. 2003. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7435>>. Acesso em: 23 jul. 2020,

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo**. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 23 dez. de 2019.

PILAGALLO, Oscar. Imprensa apoiou ditadura antes de derrubá-la. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 2014. Especial. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/157543-imprensa-apoiou-ditadura-antes-de-ajudar-a-derruba-la.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PAULA, Deborah Gomes de. **Estratégias sócio-interacionais na construção da notícia jornalística**. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa São Paulo, 2008.

_____. **Estratégias da construção do escândalo no discurso jornalístico em textos multimodais**. 2017. 186 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, São Paulo, 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

RECH, Gisele Krodell. **Redação jornalística: apontamentos para a produção de conteúdo**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

SARAIVA, Adélia da Silva. **Características textuais discursivas do gênero reportagem em revistas impressas**. 2016, 363 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, São Paulo, 2016.

SCARDOELLI, Anderson. Revista Época se torna encarte de jornal para assinantes de O Globo e Valor. **Portal Comunique-se**, São Paulo, 2 mar. 2018. Comunicação. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/revista-epoca-se-torna-encarte-de-jornal/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi. **Texto do discurso científico: pesquisa revisão e ensaio**. São Paulo: Terracota, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. **ANJ**, 2018. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/site/menagenda/97-midia-nacional/5251-tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos.html>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

TOP sites in Brazil. **Alexa**. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

TRAVELBR TURISMO. HISTÓRIAS das Revistas. **Revistas**. Disponível em: <<http://www.revistas.com.br/historia-da-revista.html>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

UNESCO. **UIS Glossary**. UNESCO Institute for Statistics, online. Disponível em: <<http://uis.unesco.org/en/glossary>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Discurso e contexto** – uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **La ciencia del texto** – un enfoque interdisciplinario. 2º reimpresión. Barcelona: Paidós Comunicación, 1992.

_____. **La noticia como discurso** – comprensión, estrutura y producción de la información. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

_____. **Racismo y análisis crítico de los médios**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner Oliveira Brandão; Revisor da tradução Leonardo Avritzer. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VERBETE Temático: Isto é. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas**. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/istoe>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

VIEIRA DE CARVALHO E JOBIM ADVOGADOS ASSOCIADOS. **Consulta nº 10/2009**. Brasília, 8 jul. 2009. Relatório empresarial de consulta jurídica. Disponível em: <https://www.anj.org.br/site/leis/71-entertainment/download/23_916e3d5568ed95e54e071bcc52075435.html>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ANEXOS

Carta enviada pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas

O Estado de S. Paulo 26 de fevereiro de 2019

MEC pede a escolas Hino e leitura de lema de Bolsonaro

Comunicado do Ministério da Educação a todas as escolas do País pede a leitura de carta a alunos, professores e funcionários com o slogan “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, recomenda que estudantes sejam “perfilados diante da bandeira do Brasil” e que seja tocado o Hino Nacional, informa **Renata Caffardo**. A mensagem pede que o ato seja filmado e o vídeo, enviado ao governo. O caso foi revelado pelo *estadão.com.br*. **METRÓPOLE / PÁG. A13**

Metrópole



Paulo Nogueira Neto
Morre pioneiro da
educação ambiental
no País. Pág. A15

Educação. Carta enviada a instituições públicas e particulares por ministro surpreendeu educadores e advogados, que consideram a ação questionável judicialmente. Governo alega que atividade faz parte da 'política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais'

MEC pede a escolas que filmem alunos durante 'Hino' e cita slogan de Bolsonaro

Renata Cafardo

O Ministério da Educação (MEC) enviou ontem para todas as escolas do País um e-mail pedindo que seja lida uma carta aos alunos, professores e funcionários com o slogan da campanha de Jair Bolsonaro: "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos." O comunicado recomenda ainda que todos estejam "perfilados diante da bandeira do Brasil" e que seja tocado o Hino Nacional. Por último, pede que as escolas filmem as crianças nesse momento e enviem os vídeos ao governo. A mensagem foi revelada ontem pelo *estadão.com.br*.

Advogados afirmaram que a medida pode levar o MEC a ser questionado judicialmente. A carta também surpreendeu responsáveis por escolas públicas e particulares do País, além de pais de alunos. O texto foi assinado pelo ministro da Educação, Ricardo Vêlez Rodriguez. Diz que deve ser saudado "o Brasil dos novos tempos" e celebra uma "educação responsável e de qualidade". E termina com o slogan repetido pelo candidato

to Bolsonaro durante toda a campanha eleitoral para a Presidência no ano passado.

Segundo a advogada constitucionalista Vera Chemim, o fato de o ministério pedir que os diretores leiam o slogan da campanha pode ser considerado uma improbidade administrativa. "A Constituição diz que não pode constar nome, símbolo, imagem que venham caracterizar promoção pessoal de agentes públicos." Para ela, o funcionário público que assinou a carta pode ser responsabilizado.

O pedido de filmagens das crianças foi considerado "absurdo" pela professora de Direito do Estado da Universidade de São Paulo (USP) Nina Ranieri. "É um potencial desrespeito aos direitos de imagem e privacidade. O governo vai usar isso como propaganda? Com autorização de quem?", questiona.

Ela explica que só os pais poderiam permitir a divulgação das imagens de seus filhos. "Não explicam sequer o que será feito com a imagem da criança". O e-mail do MEC requisitava que, junto com o vídeo, fossem enviados ainda o nome da escola, o número de alunos, de



Disciplina. Parte das escolas públicas do Acre adota o Hino antes do início das aulas

professores e de funcionários.

O MEC informou, por meio da sua assessoria, que o e-mail é apenas uma obrigação e não uma ordem. Em nota divulgada depois que a reportagem do Es-

tado já havia sido publicada, informou que o governo solicitaria autorização legal da pessoa filmada ou de seu responsável "antes de qualquer divulgação". A nota da pasta dizia ainda

que atividade faz parte da "política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais."

Regra. Lei dos anos 1970, durante a ditadura militar, obriga-

va as escolas de todo o País a cantarem o hino nacional. Em 2009, ela foi modificada e agora exige apenas que se toque hino uma vez por semana as escolas de ensino fundamental.

O e-mail começou a chegar às escolas na tarde de ontem e muitos diretores imaginaram se tratar de notícia falsa ou vírus. "Não considero que seja possível um ministro pedir em um e-mail para introduzir uma prática na escola sem considerar o projeto pedagógico dela", diz o diretor da Associação Brasileira de Escolas Particulares (Abepar), Arthur Fonseca Filho. A entidade representa escolas como Bandeirantes, Oswald de Andrade, Pentágono e Vera Cruz.

De acordo com ele, o hino pode ser trabalhado na escola de uma maneira contextualizada, para que as crianças estudem o assunto e possam entender o que diz a letra. "Não pode ser algo assim, de cima para baixo."

O educador criticou também outras partes do e-mail, com o pedido de filmagem e o slogan. "Receber um pedido desse de um ministro é absolutamente estranho para as escolas, não me lembro de nada parecido."

Folha de S. Paulo 26 de fevereiro de 2019

MEC pede a escola que filme alunos cantando o hino

O Ministério da Educação enviou a escolas carta em que pede que alunos, professores e funcionários sejam colocados em fila para cantar o hino nacional diante da bandeira do Brasil. O texto também pede que a cena seja filmada e enviada ao governo. **Cotidiano B2**

MEC pede a escolas para que cantem hino e filmem alunos

Pedido foi feito pelo ministro Ricardo Vélez Rodríguez por email a diretores

Natália Cancian
e Paulo Gomes

BRASÍLIA E SÃO PAULO O Ministério da Educação enviou a escolas do país uma carta em que pede para que alunos, professores e funcionários sejam colocados em fila para cantar o hino nacional em frente à bandeira do Brasil. O documento também pede que o momento seja filmado e enviado ao novo governo.

A mensagem é assinada pelo ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez. "Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!", diz a mensagem.

O email, enviado a diretores de escolas públicas e particulares, gerou reação de educadores. Na mensagem, Vélez Rodríguez pede que seu texto seja lido antes da execução do hino — o que faria com que diretores citassem o slogan de campanha de Bolsonaro.

O pedido foi revelado pelo jornal O Estado de S. Paulo e

confirmado pelo ministério.

Em nota, o ministério diz que a carta traz um pedido de "cumprimento voluntário" para o primeiro dia do ano letivo, o qual "faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais".

"Para os diretores que desejarem atender voluntariamente o pedido do ministro, a mensagem também solicita que um representante da escola filme (com aparelho celular) trechos curtos da leitura da carta e da execução do hino", disse a pasta em nota.

O material deveria ser envi-

ado para os setores de comunicação do MEC e da Presidência com "nome da escola, número de alunos, de professores e de funcionários".

O deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) disse que deve denunciar Vélez Rodríguez por crime de responsabilidade. "Isso é inadmissível", disse.

O diretor da Abepar (Associação Brasileira das Escolas Particulares), Arthur Fonseca Filho, diz que o email pegou diretores de surpresa e trouxe preocupação. "O mais complicado é sugerir que as escolas filmem. É ilegal fazer isso sem autorização expressa dos pais", afirma. Outro problema, diz, é que o email também não deixava claro que a medida seria voluntária.

"A escola é um lugar plural. Para um governo que defende tanto uma escola sem partido, parece que está querendo partidarizar", diz Carlos Frederico Ghidini, coordenador-geral da Adires (associação dos diretores da rede pública do Espírito Santo).

Para o diretor do Sinpem (sindicato dos professores municipais de São Paulo), Claudio Fonseca, o pedido do ministro "parece que quer criar notícia para desvi-

ar do caos da educação".

Fonseca, vereador pelo PPS, afirma acreditar que a medida teria efeito oposto ao desejado. "Obrigar os alunos a prestar reverência na situação em que nós estamos... Isso só vai despertar o ódio ao hino nacional, que é tão belo".

Já o diretor de políticas educacionais do Todos Pela Educação, Olavo Nogueira Filho, diz que mesmo que o pedido seja por iniciativa voluntária, há dúvidas sobre a legalidade. "Preocupa o MEC se concentrar em fazer esse pedido ao mesmo tempo em que silencia sobre questões urgentes".

O Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação) disse ter sido surpreendido pela carta e afirmou que avalia o alcance da medida. Para o conselho, o pedido fere "não apenas a autonomia dos gestores escolares mas dos entes da federação".

Após críticas à iniciativa, o MEC divulgou nova nota na noite desta segunda em que afirma que após receber as gravações, será feita uma seleção das imagens e que, "antes de qualquer divulgação, será solicitada autorização legal da pessoa filmada ou de seu responsável".



Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade [...] Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!

Ricardo Vélez Rodríguez
ministro da Educação,
em carta enviada a escolas

Isto é 06 de março de 2019



ESCOLA COM PARTIDO
Ao propor filmar crianças cantando o hino e ode a slogan, ministro expõe sanha doutrinária

Brasil/Educação



MEIA VOLTA VOLVER Vélez queria promover o bordão de Bolsonaro, mas levou bronca e teve que recuar

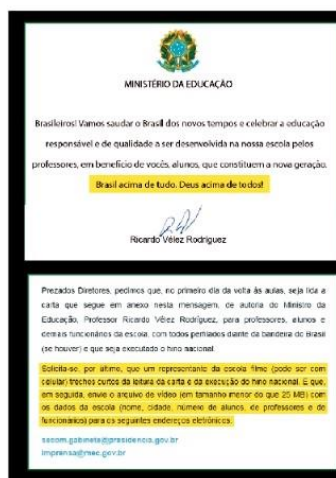
ESCOLA COM PARTIDO: INVASÃO DE PRIVACIDADE E DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA

O ministro da Educação, Ricardo Vélez, divulga comunicados em que revela irresponsabilidade e pendor ditatorial

Vicente Vilardaga

Sem aviso veio uma carta divulgada para escolas públicas e privadas de todo o País em que o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, usa o slogan da campanha de Bolsonaro "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!" e convoca todos os jovens cidadãos a saudarem "o Brasil dos novos tempos". Junto saiu um pedido para que garotas e garotos perfilados e cantando o hino nacional fossem filmados por representantes de escolas públicas e privadas e os vídeos enviados para o email do Ministério e do Gabinete da Presidência. Foi uma tentativa de construir um circo patriótico e exaltar o novo governo. E também uma lambança com viés ditatorial. Ainda que não haja problema em cantar o hino, o ministro conseguiu, com seus comunicados, incorrer em pelo menos dois erros graves: doutrinação ideológica e invasão da privacidade. Não se pode usar um slogan eleitoral para promover atos governamentais, o que caracteriza propaganda irregular. Tampouco se pode filmar e divulgar vídeos de crianças e adolescentes fazendo o que quer que seja nas escolas sem autorização de seus pais.

No dia seguinte, o ministro voltou atrás, mas a declaração de más intenções já estava feita. Saiu uma nova carta sem o slogan de Bolsonaro. E no pedido de filmagem acrescentou-se que seria necessária a autorização dos familiares. A assessoria do Ministério informou que a carta é uma recomendação e não uma ordem e que "a atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais." Ficou, porém,



ESPÍRITO AUTORITÁRIO

À esquerda, a primeira versão da carta que deveria ser lida nas salas de aula de todo o Brasil com o slogan "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!".

Abaixo, o comunicado divulgado pelo ministro em que solicitava que representantes das escolas gravassem as crianças cantando o hino e lendo a carta com o slogan



APOIO Em Genebra, ministra Damares defende obrigatoriedade de cantar o hino e não vê problemas em filmar crianças

da ONU, a ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, apoiou Vélez e defendeu a filmagem de crianças cantando o hino, o que segundo ela, é uma obrigação. Já o movimento Escola sem Partido se manifestou contra o ministro nas redes sociais. "Em princípio, nada de mais na recomendação de cantar o hino e filmar os alunos. Mas a carta convite para 'saudar o Brasil dos novos tempos' e o slogan da campanha eleitoral lembra o canteiro de sálvias em forma de estrela no jardim da Alvorada em 2002 (sic)", disse, fazendo referência à estrela do PT que a então primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva determinou, em 2004, que fosse esculpida nas flores do jardim da residência oficial do presidente.

Como seus comunicados, Vélez pode ter violado o princípio da impessoalidade, que estabelece o dever da impessoalidade na defesa do interesse público. A Constituição proíbe a promoção de atos pessoais por integrantes do governo. Em seu Artigo 37 consta que "a publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos", o que aconteceu no caso da promoção do bordão de Bolsonaro. A Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, ligada ao Ministério Público Federal, enviou, terça-feira, um pedido de esclarecimentos ao ministro sobre seus atos administrativos. Para a deputada estadual Janaína Paschoal, do mesmo partido de Bolsonaro, os comunicados do Ministério foram "surreais" e o ministro, de acordo com ela, estaria precisando de uma assessoria jurídica. Faltou dizer: para um governo que prometia a desideologização da educação, nada mais ideológico. E estúpido. ■

a sensação de que se depender de Vélez vai começar um período de lavagem cerebral nas escolas. Como já fez no mês passado, quando chamou os brasileiros de canibais e ladrões de hotéis, o ministro deu uma de desentendido e tentou demonstrar que não sabia o que estava fazendo. "Percebi o erro. Tirei esta frase, tirei a parte correspondente a filmar crianças sem autorização dos pais. Se alguma coisa for publicada, será dentro da lei, com autorização dos pais", disse em visita ao Senado na terça-feira, 26. No dia 28, o ministro, sentindo o peso da trapalhada, voltou atrás mais uma vez e cancelou definitivamente o pedido de filmagem. No mesmo dia, o presidente Jair Bolsonaro deu um pito no ministro e exigiu que cancelasse a iniciativa. "Peça desculpas e desfaça", disse Bolsonaro.

MEDIDA TENDENCIOSA

Apesar de ser um adepto do movimento Escola sem Partido, Vélez se revelou extremamente partidário e saudosos da ditadura. Não se poderia ver uma medida tão tendenciosa quanto a que ele pretendia adotar em todas as escolas brasileiras. Foi claramente uma tentativa de doutrinação e propaganda política. Pelo teor dos comunicados, dá para perceber que a escola que o ministro ambiciona tem partido, o partido do governo. Em Genebra, onde participava de uma reunião



INJUSTIFICÁVEL

Durante a posse do diretor da usina de Itaipu, em Foz do Iguaçu (PR), terça-feira 23, o presidente Jair Bolsonaro classificou de "estadista" o ditador Alfredo Stroessner (foto). Só se for um estadismo absolutista. Stroessner, depois de liderar um golpe, passou 35 anos no poder. Liderou um regime tão corrupto quanto sanguinário. Enfileirou crimes contra a humanidade. Torturou 18 mil pessoas. Em 2016, a cereja do bolo: foi acusado de patrocinar um esquema de exploração sexual de crianças. Há um tempo sem falar em cerimônias, Bolsonaro poderia ter se mantido refugiado no silêncio.

Época 24 de março de 2019

VÉLEZ SENTA E NÃO PARA, ELE TOCA O TERROR

Ministro da Educação é um desastre de grandes proporções numa área crucial para o Brasil

Não há registro de que o colombiano Ricardo Vélez Rodríguez, nosso ministro da Educação, seja um grande fã de blocos de Carnaval. Se fosse, talvez tivesse ouvido “Terremoto”, o último sucesso de Anitta que tem embalado milhares de foliões. Como Vélez já disse que *funk* não é manifestação cultural, é muito pouco provável que tenha ouvido a música por conta própria em casa ou no carro. Ou seja, é quase impossível que tenha se inspirado no nome da música. Mas é difícil pensar em outra palavra que não seja terremoto para descrever seus primeiros meses na Esplanada dos Ministérios.

Vélez e a política educacional do PSL são um desastre de grandes proporções. Na segunda, 4, o Carnaval nem tinha acabado e o presidente **Jair Bolsonaro** já estava defendendo, por uma rede social, uma Lava-Jato na Educação. O orçamento do Ministério da Educação (MEC) supera os 110 bilhões de reais. Faz sentido pensar que haja falhas, sobrepreços, desperdícios e maracutaia. Cada centavo desviado ou que vai para o ralo é um centavo a menos de impacto na educação de crianças e jovens. Mais dinheiro ajudaria, ao contrário do que diz Bolsonaro, até porque o Brasil investe pouco – 4.240 dólares por aluno ao ano, metade do que os países ricos investem, com alunos já muito mais capacitados.

Dito isso, é difícil acreditar que eventuais desvios no MEC são o maior problema da educação brasileira. Nossas crianças e jovens ficam, em média, quatro horas e meia na escola e, por ineficiência dos professores ou falta de estrutura, apenas 1 hora e 44 minutos são usadas para ensinar alguma coisa. Esse dado está no diagnóstico da ONG [Todos Pela Educação](#). O maior problema da educação brasileira é má gestão. Falta priorizar metas, focar o professor, desenhar políticas, lançar projetos-pilotos, medir seus efeitos, ganhar escala e criar incentivos para que os objetivos sejam cumpridos. E, nesse ponto, o colombiano Vélez é a certeza que as coisas vão piorar.

Vélez é um ex-professor universitário nem-nem. Nem fez o doutorado em uma das melhores universidades brasileiras, nem deu aulas em instituições de ponta. Seus livros tampouco foram influentes. Quando chegou ao MEC sem nenhuma experiência em gestão pública por indicação do ideólogo Olavo de Carvalho, foi uma surpresa. As pessoas que trabalham com o tema da educação há décadas nunca tinham ouvido falar dele, nunca o tinham visto em qualquer encontro, seminário ou congresso sobre educação. Seria um gênio desconhecido?



O ministro Ricardo Vélez Rodríguez; defesa da execução obrigatória do Hino Nacional Foto: UESLEI MARCELINO / REUTERS

A melhor *ideia* de Vélez até agora veio à tona na quarta-feira, 27 de fevereiro. Foi nesse dia que o ministro mandou uma segunda correspondência às escolas, na tentativa conter uma polêmica criada por ele mesmo dois dias antes. No dia 27, Vélez disse que os diretores de escola não precisavam filmar alunos cantando o Hino Nacional e mandar os vídeos para o MEC, como havia ordenado na segunda-feira, 25. Na terça-feira, 26, Vélez já tinha voltado atrás em um outro ponto. Enviou um comunicado dizendo que a direção das escolas não precisava ler uma mensagem redigida pelo próprio ministro com slogan de campanha de Bolsonaro. As trapalhadas da última semana de fevereiro marcaram o fim de uma quarentena imposta ao ministro depois que ele disse numa *entrevista* publicada pela revista *Veja* no começo de fevereiro que “o brasileiro viajando é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo”. Vélez tentou dar uma de malandro, disse que a revista tirou sua declaração de contexto, mas foi desmentido com a divulgação do *áudio*.

A contar pela estrutura montada por Vélez no MEC, outras polêmicas estão a caminho. Na sua administração, o ministério está dividido em quatro *núcleos*. Os ex-alunos do ministro, todos sem nenhuma experiência no setor público federal; o dos militares, esses com experiência em educação, mas nada comparável ao gigantismo do MEC; o dos assessores simpatizantes de Olavo de Carvalho e, por último, os especialistas em educação. Alguém aí arrisca um palpite sobre quem são os menos ouvidos pelo ministro?

Bolsonaro pode usar o termo “Lava-Jato”, que tem amplo apoio popular, associá-lo à educação e, assim, tentar alimentar as redes sociais dos seus apoiadores. Mas, sempre que você ouvir falar em “corrupção no MEC”, lembre que é uma cortina de fumaça do governo para encobrir a incompetência do ministro trapalhão.

Encontro entre o presidente Jair Bolsonaro e o presidente americano Donald Trump

O Estado de S. Paulo 20 de março de 2019

Bolsonaro não descarta opção militar contra Maduro

Questionado se apoiaria intervenção na Venezuela, desconversou: 'Há questões que não podem ser divulgadas'



Futebol diplomático. Bolsonaro recebeu de Trump camisa da seleção americana e retribuiu com a número 10 de Pelé em encontro na Casa Branca

Após encontro com Donald Trump, ontem, na Casa Branca, Jair Bolsonaro passou a adotar estratégia dos americanos e deixou em aberto as opções para a Venezuela ao ser questionado se apoiaria uma possível intervenção militar contra o regime de Nicolás Maduro, chamado por ele de ditador. “Tem certas questões que se você divulgar deixam de ser estratégicas”, disse o presidente brasileiro. “Assim sendo, essas questões se forem discutidas, se já não foram, não

● Chanceler informal

Parte da comitiva brasileira, Eduardo Bolsonaro assumiu o posto de “chanceler informal” do governo, participou de encontro que deveria ser restrito aos presidentes americano e brasileiro e recebeu elogios públicos de Donald Trump. **PÁG. A12**

podem ser divulgadas.” Trump costuma dizer que “todas as opções estão na mesa”, o que foi repetido ontem, de

acordo com Bolsonaro. “A certeza: nós queremos resolver essa situação, porque o Brasil está sendo prejudicado”, emendou. Em comunicado, os presidentes se comprometeram a manter o apoio a Juan Guaidó. Nos bastidores, autoridades americanas dizem que os EUA não pretendem investir em uma intervenção militar, mas preferem deixar a ameaça em aberto. Militares brasileiros também preferem descartar o apoio ao uso de armas no país vizinho.

INTERNACIONAL / PÁGS. A10 a A13

Trump promete apoio em ‘clube dos ricos’

● Em movimento que surpreendeu a diplomacia brasileira, Trump se comprometeu ontem a apoiar o Brasil como candidato a membro da OCDE, o “clube dos ricos”. Em troca, Bolsonaro aceitou abrir mão de prerrogativas dadas a países em desenvolvimento na OMC. **PÁG. A10**

BRASIL NA CASA BRANCA. Nova fase de parcerias

Novo patamar. Brasileiro encerra visita aos EUA tendo ampliado cooperação militar, aberto mercado para produtos americanos e afinado pressão contra Maduro; em retribuição, obteve apoio para entrada do Brasil na OCDE e um status especial na Otan

Parceria. Bolsonaro e Trump durante entrevista na Casa Branca: elogios



Bolsonaro oferece a Trump fidelidade total em troca de promessas inéditas

Beatriz Bulla
CORRESPONDENTE | WASHINGTON

O encontro de ontem entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump selou a aproximação com os EUA que o Brasil buscava. Na Casa Branca, o brasileiro ofereceu a Trump apoio total e recebeu em troca concessões e promessas que estavam além do radar de negociadores e diplomatas brasileiros.

Nas ocasiões em que apareceram juntos, ambos trocaram elogios em tom mais intenso que o habitual entre chefes de Estado que estão se conhecendo — Bolsonaro chegou a apoiar a reeleição de Trump em 2020.

“Foi maravilhoso conhecê-lo. Você está fazendo um trabalho fantástico”, disse Trump a Bolsonaro. “Eu sempre admirei os EUA. E a admiração só cresceu desde a chegada de vossa excelência à presidência”, retribuiu o brasileiro.

Durante a viagem aos EUA, o

brasileiro fez algumas concessões unilaterais, como a liberação de vistos para americanos sem reciprocidade. Em troca, Trump cedeu em alguns pontos, especialmente ao apoiar a entrada do Brasil na Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e no status de aliado preferencial fora da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

A reivindicação sobre a OCDE é encampada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. Para o Brasil, que formalizou o pedido em 2017, a entrada seria um selo de confiança da comunidade internacional. Em troca, o Brasil aceitou começar a abrir mão de prerrogativas destinadas a países em desenvolvimento na Organização Mundial do Comércio.

Mesmo quando fez um anúncio concreto, Trump o completou com uma promessa. O americano confirmou que os EUA designariam o Brasil como um

aliado fora da Otan. Esta deferência era esperada como um prêmio de consolação pela falta de apoio à entrada na OCDE. Mas Trump disse que poderia até pensar no Brasil como aliado da própria Otan.

O status de aliado extra-Otan não chega a ser uma grande concessão — mais de uma dúzia de países já ganharam o mesmo privilégio, entre eles Argentina, Jordânia e Tunísia. Ser aliado da Otan tem um peso muito maior, mas acarretaria custos elevados. Em julho, em visita à Europa, Trump exigiu dos membros da aliança atlântica gastos de até 4% do PIB em Defesa — o que quase triplicaria o orçamento brasileiro em gastos militares.

No jogo de concessões e promessas entre os dois, Bolsonaro mudou sutilmente o tom em relação à Venezuela. Apesar de militares brasileiros rejeitarem uma intervenção militar, Bolsonaro não descartou a ideia.

Bolsonaro afirmou que o conteúdo da conversa com Trump

RECUSOS DE TRUMP

● **Petróleo do Iraque**
Durante a campanha, Trump disse que usaria o petróleo iraquiano para reduzir os custos da guerra — o que nunca aconteceu

● **Muro**
Trump prometeu um muro na fronteira e garantiu que os mexicanos pagariam por ele. Hoje, quem financia parte da obra é o contribuinte americano

● **Infraestrutura**
Presidente disse que investiria US\$ 1 trilhão para renovar a infraestrutura do país. Seria fácil negociar o tema com os democratas. Mas o tema não saiu do papel

● **China**
Um dos primeiros atos de Trump seria designar a China como ‘manipuladora de moeda’. Após assumir, ele mudou de ideia

sobre Venezuela era sigiloso, sem responder se apoiaria uma intervenção militar. “Tem certas questões que, se você divulgar, deixam de ser estratégicas”, disse o brasileiro, abrindo a brecha para um apoio a Trump, independentemente da estratégia do americano.

Sintonia. O discurso de Bolsonaro pareceu agradar plenamente ao presidente americano, que por vezes acenava com a cabeça, especialmente quando Bolsonaro disse que os dois países estariam “irmãos” na garantia das “liberdades, no respeito à família tradicional, no temor à Deus, nosso criador, contra a ideologia de gênero, o politicamente correto e as fake news”.

Os dois presidentes também destacaram a assinatura do acordo de salvaguardas tecnológicas entre Brasil e EUA, que permite o uso comercial da base de Alcântara, no Maranhão. O acordo vinha sendo negocia-

do desde junho, antes da eleição de Bolsonaro.

Em comunicado conjunto, divulgado após o encontro, Brasil e EUA concordaram em reduzir barreiras comerciais e de investimentos, como a importação de 750 mil toneladas de trigo americano a uma tarifa zero de impostos e o estabelecimento de bases para a importação de carne suína produzida nos EUA.

Ainda não está claro como reagirão os argentinos, que são os maiores exportadores de trigo para o Brasil, e os produtores brasileiros de carne suína — o País é o quarto produtor mundial. Em contrapartida, os EUA prometeram marcar uma visita técnica ao Brasil para reabrir o mercado americano para carne bovina in natura brasileira.

Mais informações sobre a visita de Bolsonaro à Casa Branca
Págs. A16 e B3

Folha de S. Paulo 20 de março de 2019

Procuradores podem criticar e esperar, diz Moraes

Alexandre de Moraes, responsável no STF pelo inquérito que vai apurar fake news e ameaças contra membros do tribunal, deu recado ao Ministério Público: "Podem esperar e criticar. Vamos prosseguir com a investigação". O STF, contudo, está dividido — há discordância sobre o procedimento adotado pelo presidente da corte, Dias Toffioli. **Podre A4**

Equilíbrio B6
Momo, o terror da internet, só é real para quem ajuda a espalhar o boato

Ilustrada C1
Ariane Mnouchkine estreia no Festival de Curitiba sua 1ª produção brasileira

Empreendedor Social B5
Prêmio faz 15 anos, abre inscrições e cria troféu para ONGs

Trump apoia a entrada do Brasil em clube dos ricos

Em visita aos EUA, Bolsonaro não descarta suporte a ação militar na Venezuela

Em reunião ontem na Casa Branca, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) conseguiu o apoio do presidente dos EUA, o republicano Donald Trump, para a entrada do Brasil na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o clube dos países ricos.

O governo brasileiro vê a entrada na OCDE como um selo de qualidade de políticas econômicas. Em troca da anuência norte-americana, o Brasil abeirará mão do tratamento especial na OMC (Organização Mundial do Comércio), que dá prazo maior em acordos comerciais.

Indagado sobre a Venezuela, Bolsonaro não descartou auxílio aos EUA se houver intervenção militar — a fala desagradou a generais brasileiros. Pessoas ligadas ao governo disseram, porém, que isso não ocorrerá e que o presidente deu a declaração para satisfazer Trump.

O ditador Nicolás Maduro acusou Trump e Bolsonaro de fazerem uma "apologia da guerra". **Mundo A12**

Análise M. Zafalon
No agronegócio, país dá muito e recebe pouco dos norte-americanos **A22**



Bolsonaro e Trump a caminho de entrevista coletiva no jardim da Casa Branca; encontro foi marcado por piadas, elogios e demonstrações de alinhamento dos presidentes **Imagem: Contrasto/STF**

mundo



O presidente Jair Bolsonaro apresenta o americano Donald Trump com camisa da seleção brasileira de futebol, em encontro no Salão Oval

Kevin Lamarque/Reuters

Bolsonaro cede, e Trump apoia adesão do Brasil a clube dos países ricos

Brasileiro abre mão de tratamento preferencial na OMC; encontro coroa alinhamento ideológico dos dois líderes

Patrícia Campos Mello e Marina Dias

WASHINGTON O presidente Jair Bolsonaro encerrou seu encontro com o líder americano Donald Trump nesta terça-feira (19) em Washington com um triunfo: o apoio dos EUA para a entrada do Brasil na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o clube dos países ricos.

Na primeira visita bilateral de Bolsonaro ao país como presidente, o sinal verde dos EUA era o principal objetivo do governo brasileiro, que vê a entrada na organização como um selo de qualidade de políticas macroeconômicas.

Mas o apoio não saiu de graça. Em troca, o Brasil abrirá mão de seu "tratamento especial e diferenciado" na Organização Mundial de Comércio (OMC), que dá ao país maiores prazos em acordos comerciais e outras flexibilidades.

A viagem também coroou o alinhamento ideológico e a afinidade entre os dois líderes. "Sempre fui grande admirador dos EUA, e a minha admiração aumentou com sua chegada à Presidência", disse Bolsonaro a Trump. "O Brasil e os

+ Balanço do encontro entre Bolsonaro e Trump

VISTOS

- + Brasil isenta americanos da necessidade de vistos
- Não há reciprocidade por parte dos EUA

COMÉRCIO

- + Trump apoia entrada do Brasil na OCDE
- EUA exigem que Brasil abra mão de tratamento especial na OMC

VENEZUELA

- + Trump discute intervenção militar e diz que todas as opções estão na mesa
- ? Bolsonaro diz que não revelaria estratégia acordada mas promete diplomacia

ALCÂNTARA

- + Acordo permite que EUA façam uso comercial da base
- + Aluguel de base renderá US\$ 10 milhões

OTAN

- + EUA designam Brasil como aliado prioritário extra-Otan
- Concessão é marco simbólico

EUA estão irmanados na garantia da liberdade, temor a Deus, contra ideologia de gênero, politicamente correto e as fake news.

Trump tampouco economizou nos afagos. "Você fez um trabalho incrível para unir o país. E estou muito orgulhoso de ouvir o presidente usar o termo fake news."

Os EUA estão em guerra para realizar uma reforma na OMC. Um dos principais objetivos é acabar com a possibilidade de países se autodefinirem como "em desenvolvimento", classificação que garante tratamento especial.

Washington afirma que China e Índia se beneficiam indevidamente desse mecanismo.

"Seguindo seu status de líder global, o presidente Bolsonaro concordou em abrir mão do tratamento especial e diferenciado na OMC, em linha com a proposta dos EUA", disse o comunicado dos países.

Ao aceitar isso, o Brasil perde a possibilidade de fazer acordos de preferências comerciais semelhantes aos fechados com Índia e México.

Esses acordos, que reduzem tarifas de apenas parte dos produtos, só são possíveis devido ao tratamento especial.

No entanto, o Brasil vem usando pouco o tratamento diferenciado e, na última leva de negociações, de facilitação de comércio, abriu mão

da flexibilidade em quase todos os compromissos.

No proposta dos EUA, países que são membros ou estão em processo de acesso à OCDE, além de membros do G20, não podem se autodefinir em desenvolvimento. Turquia e Coreia do Sul, que já são membros da OCDE, mantêm seu tratamento diferenciado na OMC.

Além disso, o apoio americano não significa que o Brasil esteja automaticamente admitido, mas apenas que os EUA deixaram de vetar a pretensão brasileira.

Para entrar oficialmente na OCDE, o país ainda tem que cumprir uma série de requisitos da organização — a maior parte deles já foi atendida.

Precisa também da aprovação dos europeus, que pressionam para que o próximo admitido seja do continente, já que o último a entrar foi um latino-americano, a Colômbia.

O presidente argentino Mauricio Macri arrancou em abril de 2017 uma declaração de Trump apoiando a entrada do país na OCDE, mas quase dois anos depois a Argentina continua fora do clube.

O Brasil também ganhou status de aliado prioritário extra-Otan, como a Folha antecipou. "Pretendo designar o Brasil como aliado prioritário extra-Otan, e quem sabe, até membro da Otan, vou falar

+ Trump me chamou para o Salão Oval, diz Eduardo Bolsonaro

Único acompanhante de Jair Bolsonaro no Salão Oval da Casa Branca, seu filho Eduardo Bolsonaro disse que foi chamado pelo presidente americano Donald Trump para participar do encontro. "Ele disse ao Jair: 'chame seu filho para entrar'", afirmou o deputado federal. Durante a coletiva de imprensa, Trump fez outra deferência a Eduardo. Pediu que o deputado, da plateia, se levantasse e disse que ele estava fazendo "um excelente trabalho".

com o pessoal", disse Trump.

A designação cabe a países que não são membros da aliança militar ocidental, mas que são aliados estratégicos militares dos EUA. Com isso, o Brasil passa a ter acesso a diferentes tipos de cooperação militar e a transferências de tecnologia.

O apoio na OCDE e a designação de aliado extra-Otan são duas formas de o governo Trump recompensar Bolsonaro por seu alinhamento ideológico e pela aproximação com os EUA.

Nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rous-

seff não houve gestos semelhantes, devido à menor afinidade entre os líderes — ainda que George W. Bush e Lula tivessem boa química, ideologicamente estavam em lados opostos — e porque os governos do PT optaram por maior integração com países em desenvolvimento.

O resultado mais concreto da visita de Bolsonaro foi a assinatura do acordo de salvaguardas tecnológicas que permitirá o aluguel da base de Alcântara, no Maranhão, para o lançamento de satélites.

Negociado há mais de 20 anos, ele pode gerar até US\$ 10 bilhões (R\$ 37 bilhões) por ano ao Brasil. O acordo agora precisa ser aprovado pelo Congresso brasileiro.

Diplomacia, diz Bolsonaro sobre ação na Venezuela

WASHINGTON O presidente Jair Bolsonaro disse nesta terça (19) em Washington que o Brasil vai atuar com "diplomacia até as últimas consequências" diante da crise da Venezuela.

Antes, ao lado de Donald Trump, Bolsonaro não havia descartado uma ação militar no país vizinho — interpretado como um esforço para não desagradar ao americano.

Segundo integrantes do governo americano, Trump sondaria Bolsonaro sobre um possível apoio do Brasil a uma ação militar. A ala militar do Planalto é contra uma intervenção na Venezuela.

"Diplomacia em primeiro lugar, até as últimas consequências. Trump repetiu que todas as hipóteses estão na mesa. O que ele conversou comigo reservadamente, me desculpa, mas não poderei conversar com vocês", disse em entrevista coletiva.

"Tem certas questões que se você divulgar deixam de ser estratégicas", afirmou antes, ao lado do americano. Ambos apoiam o autodeclarado presidente interino Juan Guaidó, líder da oposição ao ditador Nicolás Maduro.

Em nota, o governo Maduro acusou Trump e Bolsonaro de fazerem uma "apologia da guerra" com suas declarações.

Bolsonaro fez um balanço de sua visita aos EUA, no qual celebrou a assinatura de salvaguardas tecnológicas, que vai permitir o uso comercial da base de Alcântara. Para ele, a base estava "ociosa, pior, deficitária, e agora será vantajosa" para o Brasil.

Indagado sobre se não estava cedendo demais, por exemplo, ao isentar da necessidade de visto turistas americanos sem contrapartida dos EUA, disse: "Alguém tem que ceder o braço, ou melhor, a mão. Primeiro fomos nós".

Bolsonaro convidou Trump para ir ao Brasil, mas nenhuma agenda foi acertada.

Leia mais em Mercado

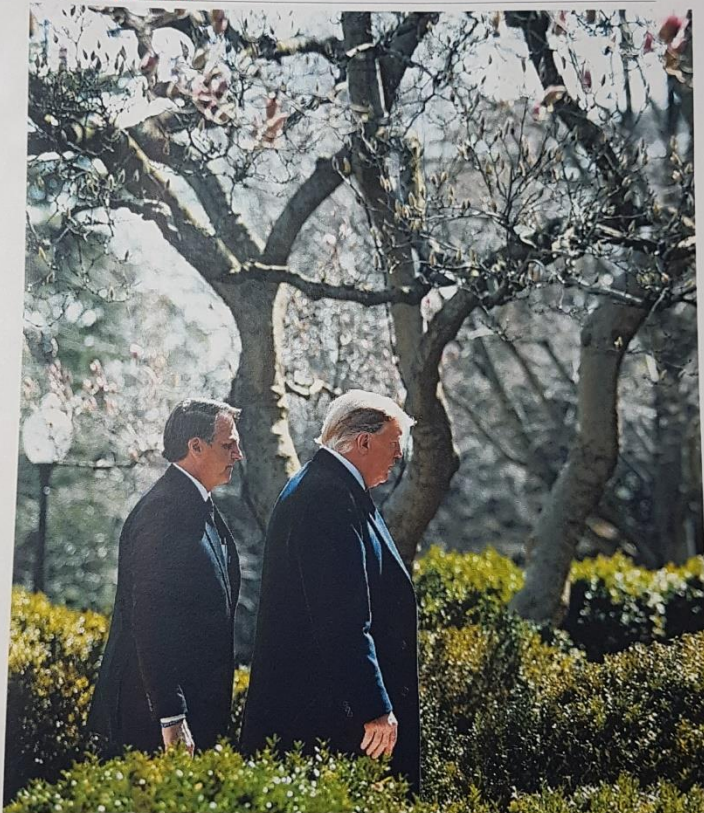
Isto é 27 de março de 2019



DIPLOMACIA SUBSERVIENTE?

Governo Bolsonaro
transforma encontro
com o presidente
Donald Trump em
panaceia pró-EUA

Brasil/**Diplomacia**



PASSEIO NO BOSQUE Bolsonaro segue os passos de Trump nos jardins da Casa Branca na terça-feira 19: até que ponto



política de subserviência aos EUA poderá trazer benefícios ao Brasil?

EUA acima de tudo

O que representa para o Brasil o alinhamento automático do País com os Estados Unidos, evidenciado no primeiro encontro de Bolsonaro com Donald Trump depois da posse

Rudolfo Lago e Wilson Lima

Ao proferir, na década de 1950, sua célebre teoria de que o brasileiro sofre de um "complexo de vira-latas", o jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues nos classificou como um "Narciso às avessas". Ao contrário do personagem da mitologia que se apaixona pelo seu próprio reflexo, o brasileiro, na visão de Nelson Rodrigues, teria ojeriza ao que vê no espelho. Ao final do périplo feito aos Estados Unidos na sua primeira viagem internacional, o presidente Jair Bolsonaro e sua trupe parecem ter elevado ao máximo o "complexo de vira-latas" proposto por Nelson Rodrigues. Num

Brasil/Diplomacia

excesso de deslumbramento, encantado com a presença do ídolo Donald Trump, o Brasil cedeu muito e recebeu muito pouco de volta. A muitos, ficou parecendo que Bolsonaro subvertia seu próprio slogan de campanha, que prega: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". No caso da viagem a Washington, a tônica pareceu ser: "Estados Unidos acima de tudo". "É uma viagem para ser esquecida", resumiu o historiador Marco Antonio Villa, na quarta-feira 20. "As constantes juras de amor aos Estados Unidos foram patéticas. Pairou no ar um deslumbramento nunca visto", acrescentou. Ao final dos compromissos em Washington, Bolsonaro anunciou uma série de benesses aos norte-americanos, mas as contrapartidas americanas ficaram no campo das ideias e das promessas vagas.

CLUBE DOS RICOS

Mesmo nos pontos em que se vislumbra mais vantagens ao Brasil, não houve por parte dos Estados Unidos qualquer formalização. Trump acenou com um apoio para que o Brasil passe a integrar a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A entrada poderá ser auspiciosa, elevando o Brasil a um papel mais elevado na negociação econômica internacional. Para muitos analistas da área econômica, pode conferir ao país um grau maior de confiabilidade e prestígio que atraia mais investimentos. Mas o apoio ainda não foi formalizado. E, caso venha a ser, cobra-se uma compensação que pode ser salgada e não trazer vantagens. Ao entrar para a OCDE, o Brasil se assumiria como parte do "clube dos países ricos", abrindo

Nos pontos em que se vislumbra vantagens ao Brasil, não houve por parte dos Estados Unidos qualquer formalização

TRÊS MOMENTOS DE BOLSONARO NOS EUA



DOMINGO 17

O presidente Jair Bolsonaro janta com intelectuais da direita na casa do embaixador do Brasil em Washington, Sérgio Amaral. Discurso agradou a plateia



SEGUNDA-FEIRA 18

O presidente brasileiro fala para empresários da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, em Washington. Em nome da economia liberal



TERÇA-FEIRA 19

Em encontro entre Jair Bolsonaro e Donald Trump, na Casa Branca, os dois trocaram presentes: as camisas das seleções de futebol de seus países



"NOT HIM" Integrantes da comunidade brasileira em Washington protestam contra chegada de Bolsonaro à Casa Branca, no domingo 17



ODE AO GURU Eduardo Bolsonaro chega ao local onde foi exibido um filme sobre Olavo de Carvalho, em Washington

mão, por exemplo, de vantagens concedidas a países em desenvolvimento nas negociações na Organização Mundial de Comércio (OMC).

SEM RECIPROCIDADE

Outro aceno importante de Trump foi no sentido de fazer o País integrar a Organização do Atlântico Norte (Otan). O Brasil poderia assim obter mais acesso à tecnologia e à cooperação norte-americana na área militar. Mas novamente foi somente um aceno não oficial. Sem o famoso preto no branco. E alinhavado com uma pressão quase explícita para que o Brasil apoiasse, em retribuição, uma

intervenção norte-americana na Venezuela, algo que o meio militar brasileiro por enquanto rejeita.

Gestos de generosidade gratuitos nem sempre geram reciprocidade no jogo de xadrez internacional. Na segunda-feira 18, foi publicado decreto no Diário Oficial da União dispensando a necessidade de visto para turistas dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão. Trump chegou a sinalizar com uma possibilidade de diminuir o rigor americano para conceder vistos a brasileiros, mas dificilmente os dispensará. Um dos pilares do discurso de Trump, fixado na ideia de construir um muro separando os Estados do México, é combater a migração ilegal. E muitos desses migrantes são brasileiros.

Um exemplo prosaico da diferença de mutualidade foi a troca de camisetas das seleções de futebol dos países. Bolsonaro entregou a Trump uma camisa número 10 com a personalização oficial usada pela Seleção Brasileiro. Trump correspondeu com a número 19 onde claramente se via que tanto o número como o nome do presidente brasileiro tinham sido colados depois, com etiquetas. A camisa 10 brasileira pertenceu a Pelé. Em 2018, num amistoso contra a França, quem envergava a camisa 19 dos EUA era Jorge Villafaña — um exemplar do "famoso quem" do futebol norte-americano. ■

O GRANDE IRMÃO

» VISTOS

Durante a visita de Bolsonaro aos EUA, o presidente brasileiro mostrou que está disposto a tudo para sacramentar a amizade com Donald Trump. Começou por editar decreto que isenta de visto os turistas americanos para entrarem no Brasil. Por extensão, liberou também os japoneses, canadenses e australianos. O governo brasileiro acredita que essa facilidade estimulará o turismo no Brasil. Não há, porém, exigência de reciprocidade, que é caro à diplomacia

» BASE DE ALCÂNTARA

O acordo fechado entre o Brasil e os EUA permitirá aos americanos utilizarem a base no Maranhão para o lançamento de satélites e foguetes. Hoje, a base está ociosa. O acordo tem vantagens para os EUA pela posição privilegiada de Alcântara para os lançamentos espaciais. O Brasil não terá acesso à tecnologia americana

» ENTRADA NA OCDE

O presidente Trump afirmou que irá apoiar a entrada do Brasil na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A entrada do Brasil na OCDE eleva o patamar do país nas negociações econômicas internacionais. Há, porém, uma contrapartida: o Brasil abriria mão do tratamento diferenciado como país em desenvolvimento nas negociações com a Organização Mundial de Comércio (OMC)

» TRIGO

Acordo fechado entre os EUA e o Brasil isenta de tarifa os moinhos brasileiros à importação de trigo americano. Pelo acordo, os EUA poderão exportar para o Brasil 750 mil toneladas de trigo por ano sem a cobrança da tarifa de 10% imposta às compras do produto fora do Mercosul. O acordo pode baratear o preço de derivados de trigo no Brasil

Época 25 de março de 2019

"GAYS PODEM SER CURADOS"

A HISTÓRIA DO
PASTOR ISIDÓRIO,
O DEPUTADO MAIS
VOTADO DA BAHIA,
QUE SE DIZ EX-GAY

por Ana Clara Costa

ÉPOCA

25.03.19

SUBMISSÃO CUMPRIDA

A VIAGEM
DE BOLSONARO
AOS EUA

por Jussara Soares
e Monica de Bolle

INTRIGA DE ESTADO

A INFLAMADA CIRANDA
ENTRE DODGE,
JANOT E MILLER

por Guilherme Amado
e Thiago Prado

EFEITO GREENHOUSE

POR QUE OS JUÍZES
DA SUPREMA CORTE NUNCA
FALAM COM A IMPRENSA

por Conrado Hübner Mendes
e Eduardo Salgado



EPOCA.GLOBO.COM
Nº 1081

CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL
APROXIMADAMENTE 4,61%

EXEMPLAR DO ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

PERSONAGENS DA SEMANA

por Jussara Soares, de Washington

BRASUCAS EM WASHINGTON

A comitiva brasileira encerra visita a Trump trazendo na bagagem promessas, deslizes e constrangimento

Quando o avião do presidente Jair Bolsonaro decolou, às 21h18 da terça-feira, na Base Aérea de Andrews, em Washington D.C., rumo a Brasília, a comitiva brasileira ainda celebrava aliviada o sucesso, na avaliação dos auxiliares palacianos, da viagem aos Estados Unidos. Para além de firmar aproximação com o presidente Donald Trump, a quem sempre admirou sem esconder, e buscar apoio para a entrada do Brasil no grupo de países ricos, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), e a chancela de aliado extra-Otan, o brasileiro desembarcou com a missão de fazer uma passagem menos traumática do que no Fórum Mundial de Davos, na Suíça, em janeiro, considerada decepcionante internamente e classificada como “fracasso” e “fiasco” na imprensa internacional.

Nas 53 horas e 38 minutos em que esteve em solo americano, Bolsonaro deu suas “caneladas”, para usar a expressão que ele mesmo popularizou para definir escorregões, gafes e todo tipo de mal-estar que exige um recuo ou pedido de desculpa. Entretanto, estava à vontade e seguro para repetir seus hits —

comunismo, ideologia de gênero, fake news e politicamente correto — diante de Trump. Sabia que não seria criticado e ainda teria a aprovação do mandatário americano, tratado por ele com deferência de ídolo.

Dias antes da viagem, Bolsonaro já vinha se preparando para o encontro, conversando com seus auxiliares sobre os principais temas a serem abordados nos EUA para tentar evitar declarações dúbias: China, Venezuela, Otan e OCDE. De acordo com uma fonte do governo, nos EUA “ele se sentiu mais confortável tratando de temas pelos quais realmente se interessa e em um país que ele realmente admira”.

Em discurso na Câmara de Comércio dos Estados Unidos, o ministro Paulo Guedes, da Economia, citou a mesma admiração de Bolsonaro como argumento para atrair investimentos dos americanos. “Temos um presidente que adora Coca-Cola e Disneylândia. É uma grande oportunidade para investir no Brasil. Eu os convido para essa nova parceria. (...) Vocês podem ir lá ajudar a financiar nossas rodovias, ir atrás de concessões de petróleo e gás”, disse.



No mesmo evento, Bolsonaro quebrou o protocolo ao chamar os signatários do acordo de salvaguarda tecnológica para o uso da base em Alcântara, no Maranhão, e ao falar de improviso. O presidente se comparou a seu ídolo, se disse amigo dos Estados Unidos, se declarou admirador do presidente Ronald Reagan, conservador que ocupou a Casa Branca entre 1981 e 1989, e fez uma referência ao lema da campanha de Trump para propor uma aliança econômica e política: "Queremos um Brasil grande, assim como vocês querem os Estados Unidos grandes".

No primeiro compromisso de viagem, no domingo 17, Bolsonaro foi recebido na casa do embaixador brasileiro em Washington, Sérgio Amaral, em um jantar que reuniu a comitiva e pensadores da direita americana. Ali, diante de estrangeiros, o presidente ajudou a virar os holofotes para o escritor Olavo de Carvalho, reconhecido por Bolsonaro como "grande inspiração". O afago ao ideólogo foi repetido pelos ministros Paulo Guedes e Sérgio Moro, da Justiça. Até mesmo Augusto Heleno, do gabinete de Segurança Institucional,

alvo de críticas do filósofo, tentou uma aproximação com o guru da família Bolsonaro.

Na segunda-feira pela manhã — mesmo dia em que o *Diário Oficial da União* publicou decreto do presidente dispensando o visto de visita para turistas americanos, canadenses, australianos e japoneses —, o entourage presidencial se dedicou a uma agenda não oficial. Em visita secreta à CIA, Bolsonaro se encontrou com a diretora da agência de inteligência, Gina Haspel. Nomeada por Trump, Haspel é acusada de ser responsável por prisões em que interrogadores usavam tortura para extrair confissões de acusados de terrorismo. Somente após o filho do presidente divulgá-la no Twitter o governo confirmou a visita, alegando que estava "ligada à importância que o presidente confere ao combate ao crime organizado e ao narcotráfico, bem como à necessidade de fortalecer ações da área de inteligência".

Outro compromisso fora da agenda foram as quase duas horas que o presidente passou com destino desconhecido após deixar a CIA. Oficialmente, o Planalto afirmou que ele estava em "agenda particular." Depois, Bolsonaro

Trump recebe de Bolsonaro a camisa da Seleção Brasileira com o número 10, escolhida por causa de Pelé, "o maior jogador de todos os tempos", na explicação dada pelo presidente brasileiro durante o encontro, que foi acompanhado por Eduardo Bolsonaro

Em jantar de despedida, Bolsonaro não escondeu o contentamento com a viagem aos EUA. Contou aos presentes que havia recebido o número do telefone pessoal de Trump, que lhe disse para “ligar quando quiser”

revelou que o “sumiço” foi resultado de uma passadinha em um shopping americano, onde afirma ter comprado “dois calções e uma camisa” antes de voltar à Blair House, residência localizada nos arredores da Casa Branca e oferecida como hospedagem para os convidados do presidente.

Foi lá que Bolsonaro recebeu a visita do secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luis Almagro, e de lideranças religiosas americanas. Ali também concedeu entrevista à Fox News, emissora simpática a Trump. Na conversa com a equipe de televisão, Bolsonaro se declarou a favor do muro na fronteira com o México e disse que “a maioria dos imigrantes não tem boas intenções”. Questionado pela imprensa, no dia seguinte, a respeito, o presidente pediu desculpa e afirmou que cometeu “um erro, um ato falho”.

No último dia, Bolsonaro foi finalmente recebido na Casa Branca. Mais uma vez, privilegiou a família em detrimento do governo. O filho e deputado federal Eduardo Bolsonaro esteve presente no Salão Oval e participou da conversa, que em princípio seria reservada aos dois chefes de Estado — estavam acompanhados apenas por seguranças e tradutores. Ao ser apresentado como filho por Bolsonaro, o deputado foi convidado por Trump a permanecer com eles. Mais tarde foi elogiado publicamente pelo americano.

No encontro na Casa Branca, os dois presidentes trocaram camisas de futebol e Bolsonaro arriscou uma “piada” sobre o fato de os dois serem casados com mulheres mais jovens. Michelle tem 38 anos, 25 a menos que o presidente brasileiro. Já Melaine tem 48 anos, enquanto o mandatário americano está com 72.

O chanceler Ernesto Araújo, embora estivesse na Casa Branca, não participou do encontro e mostrou, diante de outros minis-

tros, sua irritação por ter sido escanteado, segundo reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*. Araújo ficou especialmente nervoso após ler o blog de Míriam Leitão, do jornal *O Globo*, no qual a jornalista dizia que o Itamaraty saiu rebaixado com a ida de Eduardo para o encontro com Trump e que, se Araújo tivesse “alguma fibra”, pediria para deixar o cargo.

Em declaração conjunta no Rose Garden, na Casa Branca, os dois presidentes prometeram esforços conjuntos para pôr fim ao regime de Nicolás Maduro, da Venezuela, e Trump anunciou apoio à demanda do Brasil de entrar na OCDE, em troca de concessões comerciais. O americano também disse que designará o Brasil aliado extra da Otan.

Foram cerca de duas horas na Casa Branca, o que incluiu um almoço. Em seguida, Bolsonaro passou no Cemitério Nacional de Arlington e, na volta à Blair House, aceitou responder a perguntas da imprensa brasileira por 12 minutos sem demonstrar impaciência. Depois recebeu líderes religiosos e participou de uma oração. No jantar de despedida, não escondeu o contentamento. Contou aos presentes que havia recebido o número do telefone pessoal de Trump, que lhe disse para “ligar quando quiser”.

A imprensa americana classificou o brasileiro como um político de “extrema-direita”. O jornal *The New York Times* citou, em tom crítico, que era como se Trump “se olhasse no espelho”. O *Washington Post* destacou a repercussão no Twitter, relatando o descontentamento de brasileiros que levaram a hashtag #BolsonaroEnvergonhaoBrasil aos assuntos mais comentados da rede social. Esses usuários, lembrou o jornal, denunciavam a suposta “venda” da maior nação da América Latina aos EUA.

Bolsonaro não reclamou. Ao ir embora, disse aos assessores que quer voltar.

Prisão do ex-presidente Michel Temer investigado por corrupção

O Estado de S. Paulo 22 de março de 2019

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1872
JULIO MESQUITA
(1862 - 1927)
EDIÇÃO DE 21H30

Sexta-feira 22 DE MARÇO DE 2019 R\$ 5,00 ANO 140 Nº 45811

estadão.com.br

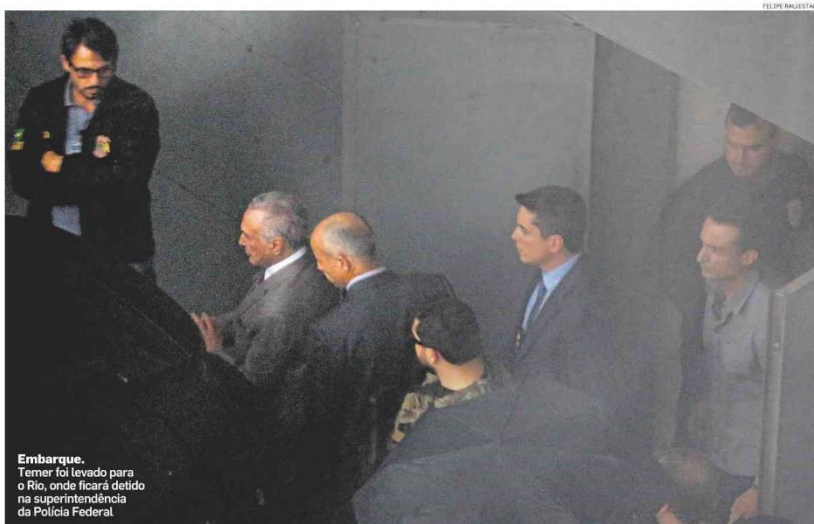
Temer é preso sob acusação de liderar organização criminosa

● Moreira Franco e coronel Lima também foram detidos ● Procuradores citam contrainteligência para confundir a Lava Jato ● Defesa chama prisão de 'barbaridade' ● Bolsonaro diz que antecessor foi vítima do 'toma lá, dá cá' ● Parlamentares falam em 'populismo penal'

O ex-presidente Michel Temer foi preso preventivamente ontem, quando saía de casa, em São Paulo, sob acusação de liderar organização criminosa que atuava "há 40 anos", segundo o MPF. Ação que levou o ex-presidente à cadeia é decorrente de investigação de supostos crimes de formação de cartel e pagamento de propina a executivos da Eletrobrás. Segundo os procuradores, ele estaria envolvido com o pagamento de propinas e desvio de recursos, no valor total de R\$ 1,8 bilhão. A defesa chamou a prisão de "barbaridade". Também foram detidos o ex-ministro e ex-governador do Rio, Moreira Franco e João Baptista de Lima Filho, entre outros. Em sua decisão, o juiz da Lava Jato no Rio, Marcelo Bretas, cita que os acusados montaram "um braço de contrainteligência", com o objetivo de vigiar responsáveis pelas investigações, destruir provas e tentaram despistar a apuração do caso. **POLÍTICA / PÁGS. A4 a A16**

Prisão ocorre com Lava Jato acuada

● Após sofrer reverses desde o início do ano, Lava Jato passa recado, com a prisão de Temer, de que tem trabalho a fazer e, de acordo com os investigadores, o foco da operação ainda é a classe política. **PÁG. A16**



Embarque. Temer foi levado para o Rio, onde ficará detido na superintendência da Polícia Federal.

Emedebista é, depois de Lula, o 2º ex-presidente da República a ser detido após investigação criminal por suspeita de corrupção; ex-ministro Moreira Franco também é alvo da operação

Temer é preso em ação da Lava Jato no Rio

O ex-presidente Michel Temer foi preso preventivamente ontem, em São Paulo, por determinação do juiz Marcelo Bretas, titular da Operação Lava Jato no Rio. O emedebista, de 78 anos, é, depois de Luiz Inácio Lula da Silva, o segundo ex-presidente da República a ser preso após uma investigação criminal por suspeita de corrupção. Ele foi detido sem prazo determinado sob a acusação de liderar uma organização criminosa que atuava “há praticamente 40 anos”, segundo o Ministério Público Federal. A ação que levou o ex-presidente para uma cela na Superintendência da PF no Rio é decorrente de investigação que tem como base delação de José Antunes Sobrinho – da empreiteira Engevix – e apurou crimes de formação de cartel, fraude em licitações e pagamento de propinas em contratos da obra de Angra 3. Após decisão do Supremo Tribunal Federal, o caso foi desmembrado e remetido à Justiça Federal fluminense.

Além de Temer, foram presos também o ex-ministro Moreira Franco, apontado como “longa manus” do ex-presidente, o coronel João Baptista de Lima Filho e outros suspeitos. Em sua decisão, Bretas citou operações da PF de 2017 e 2018 para concluir que os investigados agiam “para ocultar ou destruir provas de condutas ilícitas”.

A defesa de Temer ingressou ontem mesmo com pedido habeas corpus no Tribunal Regional Federal da 2.ª Região. A prisão foi fortemente contestada pelos defensores e classificada como “uma barbárie”. O despacho de Bretas despertou polêmica entre juristas e advogados ouvidos pelo **Estado**. No Congresso, deputados e senadores viram na prisão do ex-presidente uma tentativa de desgastar a classe política. Mesmo parlamentares que fizeram oposição à gestão de Temer criticaram a ação da PF, que classificaram como “populismo penal” da Lava Jato. O presidente Jair Bolsonaro, contudo, associou a detenção ao que chamou de aquela “velha história de Executivo muito afinado com Legislativo, onde a governabilidade vem em troca de cargos, ministérios e estatais”.

Temer recebeu voz de prisão da Polícia Federal quando saía de sua residência pela manhã, na zona oeste da capital paulista. Policiais fizeram buscas em sua casa e também em seu escritório. O ex-presidente perdeu o foro especial no Supremo quando deixou a Presidência da República ao fim do ano passado. Reeito vice-presidente na chapa com Dilma Rousseff em 2014, Temer assumiu o cargo mais alto do País em 2016 após o impeachment da petista.



Prisão. O veículo em que o ex-presidente Temer estava, ontem cedo em São Paulo, é parado por agentes da Polícia Federal

Folha de S. Paulo 22 de março de 2019

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 99 * Nº 32.860

SEXTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2019

EDIÇÃO SP/DF * CONCLUÍDA À 0H11 * R\$ 5,00

Acusado pela Lava Jato de 40 anos de corrupção, Michel Temer é preso

★ Ex-ministro Moreira Franco e coronel Lima, amigo do ex-presidente, também são detidos ★ Para Procuradoria, grupo solicitou, pagou ou desviou R\$ 1,8 bi em propinas ★ Bretas justifica prisão preventiva para evitar destruição de provas

Setenta e nove dias após deixar a Presidência, Michel Temer foi preso ontem pela Polícia Federal, a pedido da Lava Jato fluminense, em investigação que apura corrupção na construção de Angra 3.

Segundo o Ministério Público Federal, Temer, 78, e seu grupo agem há 40 anos e já teriam solicitado, pago ou desviado R\$ 1,8 bilhão. Procuradores sustentam que pagamentos ainda são feitos.

O juiz Marcelo Bretas justificou o pedido de prisão preventiva (por prazo indeterminado) do ex-presidente para evitar destruição de provas, garantir a ordem pública e a aplicação da lei.

Em sua decisão judicial de 46 páginas, Bretas usa 19 vezes o verbo "parecer", no sentido de dúvida. A defesa de Temer afirmou que o ex-presidente é um troféu para os investigadores da Lava Jato.

Além de Temer, foram presos o ex-ministro Moreira Franco e o coronel João Baptista Lima Filho, amigo do ex-presidente. Outros cinco foram presos preventivamente e dois, temporariamente.

A prisão, relacionada à delação de José Antunes Sobrinho, da Engevix, causou forte repercussão em Brasília. O Planalto trabalha para se afastar da disputa entre Legislativo e Judiciário. Poder A4

Para defesa, ação é atentado contra o estado democrático A8

Bruno Boghossian
Políticos se blindarão por instinto de sobreviver A2

Reinaldo Azevedo
Prisão ocorreu não pelas razões que a lei exige A10

Clóvis Rossi
É constrangedor ter dois ex-presidentes presos A12

Análise Igor Giclow
Presente para Bolsonaro e Moro, não para reforma A12



O ex-presidente Michel Temer (MDB), em São Paulo, onde foi preso na manhã de ontem pela Polícia Federal. Reprodução/TV Globo



Temer é escoltado por agentes da PF no aeroporto de Guarulhos, onde embarcou para o Rio. Nelson Antonio/Folhapress

Temer é preso pela Lava Jato sob suspeita de liderar organização criminosa

★ Detido 79 dias após deixar Planalto, emedebista é 2º presidente na cadeia por corrupção ★ Procuradoria diz que grupo age há 40 anos e cita R\$ 1,8 bi em propina pedida ou paga ★ Prisão fere lei, diz defesa

RIO DE JANEIRO, BRASÍLIA E SÃO PAULO O ex-presidente Michel Temer (MDB) foi preso na manhã desta quinta-feira (21) em São Paulo após pedido do juiz Marcelo Bretas, da força-tarefa da Lava Jato no Rio.

A prisão ocorre 79 dias depois de o emedebista deixar a Presidência. Temer, 78, é o segundo presidente da República a ser detido após investigação de corrupção na esfera penal — o primeiro foi Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Vice de Dilma Rousseff (PT), Temer assumiu a Presidência em 2016, com o impeachment da petista, e deixou o governo como o presidente mais impopular desde o fim da ditadura.

Durante a República, outros presidentes foram presos apenas por crimes políticos, em meio a crises e golpes.

O caso que mais se aproxima do de Lula e Temer, que tiveram tramitação na esfera judicial, aconteceu há quase 97 anos — trata-se da prisão de Hermes da Fonseca (1910-1914). Mas o caso do marechal foi essencialmente político.

Ao detalhar a operação desta quinta-feira, o Ministério Público Federal afirmou que chega a R\$ 1,8 bilhão o montante de propinas solicitadas, pagas ou desviadas pelo grupo de Temer, que age há 40 anos, segundo a Procuradoria.

O ex-presidente foi levado à Superintendência da Polícia Federal no Rio, onde foi recebido sob gritos de "ladrão" na noite desta quinta. Mais cedo, Temer disse a um jornalista que sua prisão se tratava de uma "barbaridade". A detenção do emedebista foi antecipada pela TV Globo.

Bretas decidiu enviar Temer ao prédio da PF no Rio para garantir o mesmo tratamento dado a Lula, que cumpre pena na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba desde abril de 2018, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

O juiz Bretas, em seu pedido, justificou que a prisão preventiva (por prazo indeterminado) de Temer se deu para evitar a destruição de provas e garantir a ordem pública.

Além de Temer, a Lava Jato pediu à Justiça Federal a pri-

são preventiva de mais sete pessoas, entre elas o ex-ministro Moreira Franco e o coronel João Baptista Lima Filho, amigo do ex-presidente. Outros dois investigados tiveram prisão temporária solicitada — todos os alvos foram presos.

A investigação, que apura os crimes de corrupção, peculato e lavagem de dinheiro, é um desdobramento das operações Radicaisidade, Pripypat e Irmandade, que investigaram desvios na estatal Eletronuclear para a construção da usina de Angra 3.

A prisão de Temer está relacionada com a delação de José Antunes Sobrinho, sócio da empreiteira Engevix. De acordo com ele, Moreira Franco ajudou a viabilizar repasses ilícitos para o MDB na campanha de 2014. Segundo o Ministério Público Federal, a Engevix pagou R\$ 1 milhão em propina no fim daquele ano a uma empresa controlada pelo coronel Lima.

A posição hierárquica de vice-presidente e depois presidente permite concluir "que Michel Temer é o líder da organização criminosa a que me referi", escreveu o juiz Bretas no pedido de prisão.

Ao ficar sem mandato, Temer perdeu a prerrogativa de foro perante o STF (Supremo Tribunal Federal), e denúncias contra ele foram mandadas para a Justiça Federal.

Recentemente, o ministro do STF Luis Roberto Barroso deferiu o pedido da Procuradoria-Geral da República para que se abram cinco novas investigações sobre Temer, que tramitam na primeira instância.

A PGR já havia denunciado o Temer em dezembro, sob acusação de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. A denúncia decorreu de investigação de 2017, na esteira da delação da JBS, sobre supostas irregularidades na edição do Decreto dos Portos, assinado por Temer em maio daquele ano.

Das 5 novas apurações abertas, 3 têm a Argeplan Arquitetura e Engenharia como peça central. A PGR sustenta que a empresa, que aparece na denúncia dos portos como intermediária de propina e que tem como um de seus sócios o

QUEM FOI PRESO

PRISÃO PREVENTIVA



Michel Temer (MDB) ex-presidente



João Baptista Lima Filho (Coronel Lima) amigo de Temer e sócio da Argeplan



Moreira Franco (MDB) ex-governador do RJ e ex-ministro



Maria Rita Fratezi mulher de Lima



Carlos Alberto Costa sócio da Argeplan



Carlos Alberto Costa Filho diretor da Argeplan



Vanderlei de Natale sócio da Construbase



Carlos Alberto Montenegro Gallo dono da CG Consultoria



Rodrigo Castro Alves Neves da Alumi



Carlos Jorge Zimmermann da AF Consult

coronel João Baptista Lima Filho, pertence de fato a Temer.

Um dos pedidos de abertura de inquérito envolve um contrato de R\$ 162 milhões obtido pela Argeplan para executar obras em Angra 3. A concorrência foi vencida pela empresa do coronel Lima em 2012, quando Temer era vice-presidente do governo Dilma.

Ao lado da Argeplan, a empreiteira Engevix também foi subcontratada para a obra.

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, requereu que a apuração desse caso seja feita perante a 7ª Vara Criminal da Justiça Federal no Rio, sob responsabilidade de Bretas, onde outros processos sobre a Eletronuclear já tramitaram.

Em entrevista coletiva na tarde desta quinta, o procurador José Augusto Vagos afirmou que os alvos da operação forjaram documentos e destruíram provas para dificultar as investigações.

O Ministério Público defende a tese de que os pagamentos de propina ainda são realizados. Segundo o MPF, o destino completo do R\$ 1,8 bilhão pago ou prometido em propina à organização criminosa ainda não foi esclarecido.

A defesa de Temer entrou com um pedido de habeas corpus no Tribunal Regional Federal da 2ª Região, no Rio. O advogado Eduardo Carnelos afirmou que "resta evidente a total falta de fundamento para a prisão decretada, a qual serve apenas à exibição do ex-presidente como troféu".

A prisão de Temer ocorre uma semana após a Lava Jato sofrer três derrotas: a suspensão da fundação que seria criada com dinheiro da Petrobras, a decisão do STF de que crimes comuns quando associados a crimes eleitorais podem ser julgados pela Justiça Eleitoral, e o inquérito sobre ameaças contra o Supremo.

Na manhã desta quinta-feira, em meio à prisão de Temer, o ministro do STF Gilmar Mendes se reuniu com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), em Brasília. Maia é casado com a enteada de Moreira Franco.

Leia mais da pág. A6 à pág. A14

Isto é 27 de março de 2019

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

27MAR/2019 - ANO 42 - Nº 2569 R\$17,00



GUERRA FRATRICIDA

Incomodados com as críticas ao STF, ministros da corte investem contra a própria Justiça e a Lava Jato



DIPLOMACIA SUBSERVIENTE?

Governo Bolsonaro transforma encontro com o presidente Donald Trump em panaceia pró-EUA

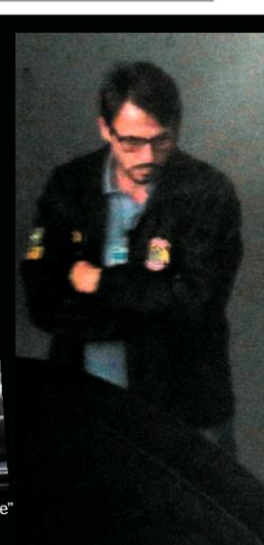
ISTO É



SALVE-SE QUEM PUDE!

PRISÃO DE TEMER E DE SEUS ASSESSORES PRÓXIMOS
INAUGURA A ERA DA TOLERÂNCIA ZERO NA LAVA JATO

Brasil/Capa



PRISÃO SURPREENDE Ao ser preso na quinta-feira 21, Temer disse que tratava-se de uma "barbaridade"

A RESPOSTA DA LA

As expressões "Estado Policial" e "jacobinismo de toga" freqüentaram, nos últimos anos, o vocabulário dos maiores críticos da Operação Lava Jato. Eles, na maioria das vezes, não tinham razão. Mas ao mudar, na última semana, o padrão das prisões - antes assentadas em provas - para a perigosa escala da espetacularização e da tolerância zero, a própria Lava Jato começa a fornecer combustível aos seus detratores e àqueles interessados em implodir com o necessário combate à corrupção no País. O viés messiânico da Lava Jato nunca esteve tão exposto como agora. Senão vejamos.

Ao mandar para trás das grades na quinta-feira 21 o ex-presidente Michel Temer, o ex-ministro Moreira Franco e o assessor Coronel Lima, apontado como o operador finan-

ceiro na "organização criminosa", o juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro, simplesmente esqueceu-se do essencial: fundamentar a prisão. Reza a lei, nos termos do artigo 312 do Código de Processo Penal, que para ser preso, Temer & cia teriam de: ou estar condenados, ou criando embaraços às investigações ou em delinquência continuada - o que não se aplica ao caso. O Ministério Público Federal argumenta, em seu favor, que o ex-presidente Temer montou um sistema de contra-inteligência dentro do próprio MP para acompanhar as investigações que pesam sobre ele, apagar eventuais rastros e coibir o surgimento de testemunhas capazes de encalacrá-lo ainda mais. Ocorre que, em sua peça de 46 páginas, Bretas sequer menciona esses elementos. Há que se distinguir as acusações dos procuradores das provas necessárias ao pedido de prisão. É o que marca, por exemplo, a diferença entre as detenções



de Temer e do ex-presidente Lula (leia mais em box à página 37). Contra o petista há uma fartura de provas, enquanto que contra o ex-vice de Dilma, ao menos até o momento, elas inexistem. "Não há qualquer justificativa concreta a específica para a prisão de Temer. Só generalidades: a decisão não está devidamente motivada. Indica o artigo da lei, mas não diz a razão pela qual esse artigo deve ser aplicado ao caso concreto. Fica clara a politização da Justiça", afirmou um jurista ouvido por ISTOÉ.

Filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga, Sócrates aconselhava os magistrados a ouvir cortesmente, responder sabiamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente. Não é o que parece fazer o juiz Marcelo Bretas. Na manhã do dia 14 de março, cinco horas antes de o Supremo Tribunal Federal (STF)

começar a definir que crimes como corrupção e lavagem de dinheiro, quando relacionados a ilícitos de caixa dois, poderiam ser processados na Justiça Eleitoral e não na Federal, Bretas escreveu em sua rede social: "Há uma batalha em curso, uma disputa entre o certo e o errado, o justo e o injusto. Assim é a vida, em todos os tempos... Mesmo em momentos de muita dificuldade convém manter a disposição para seguir em frente". Em seguida, ele postou uma card de autoajuda extraído do site "Frases do Bem": "Antes de desistir de tudo, lembre-se: as estrelas destacam-se no escuro".

Juiz Marcelo Bretas não fundamentou as prisões preventivas, o que pode fazer com que elas sejam revogadas no Supremo

Brasil/Capa

Essas e outras postagens de Bretas ao longo dos últimos dias demonstram claros recados àqueles que, na avaliação do juiz, atuavam para barrar a Operação Lava Jato e o combate à corrupção. Ao longo da semana, ele demonstrou que preparava uma retaliação. "O movimento que vivemos recomenda serenidade, o que não significa baixar a cabeça diante das dificuldades", escreveu ele no dia 18 de março. Na quinta-feira 21, veio o pedido de prisão cautelar de Temer e de seu ex-ministro das Minas e Energia Moreira Franco, entre outras pessoas. Somadas as postagens à prisão, Bretas parecia dizer claramente: "Não mexam com a Lava Jato, que haverá reação". O perigo está no risco de Bretas ter agido mais com o fígado e menos com a cabeça ao articular o contra-ataque. Embora haja na denúncia de Temer pesadas acusações e indícios de corrupção, a peça produzida por Bretas não indica nenhuma evidência que justificasse a prisão cautelar. Temer não é mais presidente. É hoje um cidadão comum. Assim como Moreira e os demais envolvidos. Estava em sua casa em São Paulo, em endereço conhecido. Aparentemente, não pretendia fugir nem se ausentar do país. Não há nada que indique que Temer atuava para, de alguma forma, atrapalhar as investigações que o envolvem.

"ABUSO DE AUTORIDADE"

Após a operação, políticos como o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), que declarou-se sempre contra a participação de seu partido no governo Temer - não sendo, assim, aliado dele - manifestaram-se



MAIS UM Moreira Franco é o quinto ex-governador do Rio de Janeiro a ser preso. Um recorde sem precedentes na política

sobre o que consideram um "abuso de autoridade". Uma linha de atuação que, se prevalecer, pode transformar a resposta da Lava Jato em um tiro pela culatra: ao invés de fortalecer o combate à corrupção, está se dando força justamente aos argumentos daqueles que, no Supremo Tribunal Federal e no Congresso, pensam que é hora de por um freio nas ações do Ministério Público e do Judiciário. O combate aos ilícitos é fundamental. Por isso mesmo, quem trabalha nesse sentido precisa

AS RAZÕES DA PRISÃO



O juiz **Marcelo Bretas**, da 7ª Vara Federal do Rio de Janeiro, acatou pedido do Ministério Público Federal e decretou a prisão preventiva do ex-presidente Michel Temer, sob a acusação de corrupção, peculato e lavagem de dinheiro

Temer é acusado pelo MPF de chefiar uma organização criminosa que desviou

R\$ 1,8 BILHÃO

dos cofres públicos das obras da Usina Angra 3, por meio de um contrato da AF Consult Brasil com a Eletronuclear. Dinheiro foi repassado para a PDA Projeto, pertencente ao coronel **João Baptista Lima**, amigo de Temer que também foi preso



A Engevix, do empresário **José Antunes Sobrinho**, participou das obras da usina e fez delação premiada, revelando que pagava propinas para o grupo liderado por Michel Temer. Ele contou à Polícia Federal do Rio que pagou pelo menos R\$ 1,1 milhão, em 2014, em propinas pedidas pelo coronel Lima e pelo ex-ministro de Minas e Energia, Moreira Franco, "com a anuência do Excelentíssimo Presidente da República"

O doleiro **Lúcio Funaro** também fez delação premiada e deu mais detalhes das propinas pagas a Temer, Moreira Franco e a outros políticos do PMDB, como o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e o ex-diretor da Caixa, Geddel Vieira Lima



Parte do dinheiro arrecadado por Temer por meio do coronel Lima, segundo a PF, teria sido usada pela mulher do coronel, Maria Rita Fratezi, nas obras de **reforma da casa** de Maristela Temer, em Pinheiros, bairro nobre de São Paulo

O PASSADO TURBULENTO DO "GATO ANGORÁ"

Wellington Moreira Franco (MDB-RJ) de 74 anos, é um político hábil que poderia ter recebido o apelido de Raposa. Mas as maneiras refinadas e os bastos cabelos brancos que lembram um gato inspiraram Leonel Brizola a apelidá-lo de "Gato Angorá" - o mesmo codinome da lista de propinas da Odebrecht. Além de ser o último governador fluminense vivo a ter sido preso, tem um passado de problemas na política. Piauiense, começou a fazer política contra a ditadura. Ao assumir o governo do Rio em 1987, envolveu-se com bicheiros e foi acusado de malversação de verbas e manipulação de concorrência. Em 1995, tornou-se amigo de Michel Temer. Foi ministro de Dilma Rousseff, mas, quando o governo dela começava a ruir, colaborou para derrubá-la. Quando Temer assumiu a presidência, virou um de seus aliados mais próximos. É genro de Rodrigo Maia.

manter a serenidade e evitar que tudo se transforme em uma guerra entre instituições. Bretas comporta-se como quem caminha na direção contrária.

Há mais de uma coincidência apontando no sentido de que a prisão de Temer tenha sido uma reação à decisão do STF. A ação cautelar do Ministério Público do Rio de Janeiro foi pedida um dia depois da polêmica deliberação do Supremo de enviar à Justiça Eleitoral os casos de corrupção, mais precisamente às 22h do dia 15 de março. Recomendava a prisão preventiva do ex-presidente Michel Temer, do coronel reformado da Polícia Militar João Baptista Lima Filho (o coronel Lima), de sua esposa Maria Rita Fratezi, dos empresários Carlos Alberto Costa, Carlos Alberto Costa Filho, Vanderlei de Natale e Carlos Alberto Montenegro Gallo, além do ex-ministro Moreira Franco. Era a deixa perfeita para o juiz federal Marcelo Bretas agir.

A própria classe política agiu com uma

Há uma série de coincidências que apontam para uma reação da Lava Jato ao STF

O QUE DIZEM OS PARTIDOS



"O PT espera que as prisões tenham sido decretadas com base em fatos consistentes, respeitando o processo legal, e não apenas por especulações e delações sem provas" [nota oficial]



"O MDB lamenta a postura açodada da Justiça à revelia do andamento de um inquérito em que foi demonstrado que não há irregularidade por parte do ex-presidente da República, Michel Temer e do ex-ministro Moreira Franco" [nota oficial]



"Não tem razão alguma para prender um ex-presidente da República que tem endereço fixo e está à disposição da Justiça. Isso é um processo de abuso de autoridade" [Tasso Jereissati - senador e ex-presidente nacional do PSDB]



"O Brasil está mudando, a Justiça será para todos. Grande expectativa para o povo brasileiro, estamos no caminho certo" [Major Olímpio, líder do governo no Senado]



ACUSAÇÃO Procuradores da República e delegados da PF do Rio de Janeiro acusam o ex-presidente Michel Temer de ser chefe de organização criminosas que desviou dinheiro de Angra 3

Brasil/Capa



“Por sua posição hierárquica é convincente a conclusão de que Temer é o líder da organização criminosa há 40 anos e é o principal responsável pelos atos de corrupção”,

Marcelo Bretas, juiz federal

cautela incomum nestes dias de guerra nas redes sociais. Além de Tasso Jereissati, mesmo líderes de partidos de esquerda, sempre contrários a Temer, saíram em sua defesa quanto à forma da prisão. As únicas comemorações vieram do PSL, partido do presidente Jair Bolsonaro. Em nota, até o PT reclamou: “Estaremos diante de mais um dos espetáculos pirotécnicos que a Lava Jato pratica sistematicamente, com objetivos políticos e seletivos”. O MDB foi contundente: “O partido lamenta a postura açodada da Justiça. A revelia do andamento de um inquérito em que foi demonstrado que não há irregularidades por parte do ex-presidente da República, Michel Temer, e do ex-ministro Moreira Franco”.

Lances de espetáculo, durante as prisões, acabaram por provocar o sentimento de estorpecimento geral. “Isso é uma barbaridade”, reagiu Temer no carro levado pelos policiais federais. O ex-presidente estranhou ainda a presença de jornalistas na porta da sua casa no momento da sua detenção. Marcela Temer ficou em estado de choque. A prisão de Moreira Franco foi temperada com cenas ainda mais midiáticas. Ele desembarcava no Aeroporto Tom Jobim, no Rio, e estava sendo esperado pelos policiais. Saiu por uma porta diferente daquela em que os policiais o esperavam e entrou em um automóvel. Os policiais, então, requisitaram um taxi e saíram atrás dele como numa perseguição de filme de Hollywood.

O DE MARCELO DA COSTA BRETAS, JUIZ FEDERAL DA SÉTIMA VARA FEDERAL CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO DE JANEIRO, POR NOMEAÇÃO NA FORMA DA LEI E NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES:

M A N D A A Autoridade Policial, a quem for o presente mandado apresentado, que, em seu cumprimento, PREnda MICHEL MIGUEL ELIAS TEMER LULIA

- Nacionalidade: Brasileira
- Natural de: xxx
- Data de Nascimento: 23/09/1940
- RG: xxx
- CPF: xxx
- Sexo: masculino
- Filiação: March Barbar Lúlia
- Estado Civil: xxx
- Profissão: xxx
- Endereço: xxx

Visto que, por decisão datada de 19/03/2019, foi decretada a PRISÃO PREVENTIVA do investigado, com fundamento nos artigos 312, caput, e 313, I, ambos do Código de Processo Penal, determinando à autoridade policial a adoção das providências necessárias ao recolhimento do investigado e à sua imediata transferência para o Estado do Rio de Janeiro, caso a medida se efetive em outra unidade da federação.

O QUE SE CUMPRIR, observadas as prescrições legais, DADO E PASSADO, nesta cidade do Rio de Janeiro, aos 19 de março de 2019. Eu, MYLLENA DE CARVALHO KNOCH, Supervisora, o digitei e confeti.

(assinado eletronicamente)
MARCELO DA COSTA BRETAS
Juiz Federal - 7ª Vara Federal Criminal

PREVENTIVA O juiz Marcelo Bretas, da Lava Jato do Rio de Janeiro, determinou a prisão de Temer atendendo pedido formulado pelo MPF, acusando o ex-presidente de corrupção

Na Câmara, parlamentares disseram a ISTOÉ que a atitude da Lava Jato, da forma como aconteceu, pode ter se dado em um “timing errado”. Além do recado ao STF, interpreta-se que possa ter havido também uma retaliação ao presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Maia resolveu segurar o plano anti-corrupção do ministro da Justiça, Sérgio Moro. Ao ser cobrado por Moro, o parlamen-



DE JURISTA E PRESIDENTE A PRESIDÁRIO

O ex-presidente Michel Temer, de 78 anos, não esperava um desenlace tão humilhante para sua trajetória política. Mal terminou seu governo e ele foi parar na cadeia. Jurista respeitado, especialista em direito constitucional, deputado federal por cinco mandatos, duas vezes vice-presidente da República e finalmente mandatário do País, Temer sempre foi

um homem protegido pelo poder e alinhado com as mais altas instâncias judiciais. Parecia um intocável. Temer começou sua carreira política nos anos 1980 pelas mãos do ex-governador Franco Montoro como secretário de Segurança Pública. No final da década, foi deputado constituinte e apresentou 218 emendas à Constituição,

tar reagiu de forma ríspida chamando-o de “funcionário do Bolsonaro” e dizendo que seu pacote era um “copia e cola” da proposta enviada pelo hoje ministro do STF Alexandre de Moraes quando era ministro da Justiça de Temer. Moreira Franco é sogro de Rodrigo Maia.

“INTEGRIDADE FÍSICA”

Nos autos, o juiz Marcelo Bretas argumenta que a prisão preventiva de Temer e aliados foi determinada para resguardar a integridade física dos acusados, necessidade de assegurar a credibilidade das instituições públicas, “em especial o Poder Judiciário, no sentido da adoção tempestiva de medidas adequadas, eficazes e fundamentadas quanto à visibilidade e transparência da implementação de políticas públicas de persecução criminal” e impedir o seguimento de ações criminosas. A questão é que, em termos de exemplo, Bretas citou apenas um caso ocorrido na Operação Patmos, em maio de 2017, quando os escritórios da Argeplan, empresa citada no esquema, passavam por limpezas diárias pelos seus funcionários, com, inclusive, o descarte de imagens internas da companhia.

Prender um ex-presidente da República é sempre um assunto delicado. Se, por um lado, reforça a ideia de que a Justiça não escolhe partidos no combate à corrupção, qualquer suspeita de atropelo das normas pode acabar gerando efeito contrário e reforçando os argumentos de quem quer varrer tudo para debaixo do tapete. Todo cuidado é sempre muito pouco para evitar que as conquistas dos últimos anos escorram por água abaixo.

das quais 75 foram aprovadas. Foi também presidente da Câmara em três ocasiões, em 1997, 1999 e 2009. Depois que deixou a presidência, o ápice de sua carreira, ele vinha estudando as diversas denúncias de corrupção que pesam contra ele. Estava especialmente preocupado com o inquérito dos portos, a delação dos executivos da J&F e a acusação de recebimento de recursos da Odebrecht. Não esperava que o responsável por jogar sua história na lama fosse o caso Engevix.



A DIFERENÇA DE LULA

A detenção do ex-presidente Michel Temer não pode ser comparada à prisão do ex-presidente Lula. Temer foi preso preventivamente num processo da Lava Jato do Rio de Janeiro que está em curso, com a formação de provas ainda em andamento e sem nenhuma condenação. Juristas consideram que houve flagrantes abusos, pois o juiz Marcelo Bretas não diz, em seu despacho de prisão, se o ex-presidente atrapalhava as investigações ou se continuava delinquindo. No caso de Lula, o petista foi preso depois de um longo processo criminal, com centenas de depoimentos, delações de empreiteiros, provas que o apontavam como receptor de propinas da OAS, em troca de obras na Petrobras, usadas na aquisição de um apartamento triplex no Guarujá. Lula foi condenado em primeira instância pelo juiz Sergio Moro a 9 anos e seis meses de cadeia, cuja sentença foi revisada em segunda instância pelo Tribunal Regional Federal, da 4ª Região, em Porto Alegre. A pena aumentou para 12 anos e um mês, razão pela qual foi decretada a prisão, que ele cumpre numa sala especial na PF de Curitiba, com várias regalias.

Em um histórico rápido, a Lava Jato teve notórios méritos e as prisões preventivas trouxeram elementos probatórios bem mais substanciados. Um exemplo foi a detenção do ex-senador Delcídio do Amaral. Quando ele foi preso em 2015, a Lava Jato possuía áudios e um verdadeiro plano de

fuga traçado para beneficiar o ex-diretor da área internacional da Petrobras Nestor Cerveró. O ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, também foi alvo de prisão preventiva, mas somente após operar dia após dia, na Casa, pela manutenção de seu mandato, coagindo, publicamente, seus colegas parlamentares. Por isso, no momento em que cometem abusos, juízes com pretensa capa de “heróis da nação” contribuem decisivamente para macular a trajetória de uma operação bem-sucedida. Jovens procuradores bradam, sempre em tons messiânicos, contra a “falência do sistema político”. Ela é real. Obviamente,

A falência do sistema político é real, mas nada pode atingir as garantias constitucionais

existe. Nada disso, porém, pode atingir irremediavelmente as garantias constitucionais. Cabe, agora, à população decidir, por intermédio dos instrumentos que fornece a democracia, se, sob o pretexto de se combater a corrupção, o País deve ou não mergulhar em um salve-se quem puder.

Com bem disse recentemente o sociólogo Demétrio Magnoli, a Lava Jato perecerá se não for contido o espírito jacobino que anima uma parcela do Ministério Público. Robespierre, líder dos Jacobinos na Revolução Francesa, eternizou-se na História como algoz e vítima de um processo político que, iniciado por ele, saiu de seu controle e acabou o consumindo. O que o exame desapixonado dos fatos recentes mostra é que os jacobinismos produzem desfechos conhecidos – em geral, deletérios ao País. Que os operadores de nossas guilhotinas nunca se esqueçam disso. ■